

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Igor Viana Schulz

**Regionalismo, identidades e sociabilidades estudantis nos “ranchos” da Escola
Técnica de Agricultura (ETA) em Viamão-RS**

Porto Alegre
2023

Igor Viana Schulz

**Regionalismo, identidades e sociabilidades estudantis nos “ranchos” da Escola
Técnica de Agricultura (ETA) em Viamão-RS**

Trabalho de conclusão do curso de
graduação para a obtenção do título do
grau de Licenciado em História do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Jocelito Zalla

Porto Alegre

2023

Igor Viana Schulz

**Regionalismo, identidades e sociabilidades estudantis nos “ranchos” da Escola
Técnica de Agricultura (ETA) em Viamão-RS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciado e aprovado em sua forma final pelo Curso de História, obtendo conceito C.

Porto Alegre, 09 de Outubro de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jocelito Zalla
Orientador
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Bruno Carvalho Vieira
SEDUC/RS

Profa. Dra. Sarah Calvi Amaral Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

*Para todos que passaram pela ETA;
Para todos que puderam viver a experiência dos ranchos,
os que aqui estão e os que já não estão entre nós;*

*Para todos os ranchos da ETA:
Hoje fechados, mas ainda vivos;*

*Para minha vó, que sempre rezou por mim,
e deixou um grande legado em quem sou hoje.*

AGRADECIMENTOS

Durante todo o desenvolvimento dessa pesquisa, eu comentava com os meus pais que estava “seguindo o baile”. Já usei essa frase em outras ocasiões, mas aqui ganha conotações especiais. Esse TCC foi como os bailes de CTG, com movimentos suaves e principalmente os mais complexos – mas foi um baile longo, marcado por alguns erros de coreografia, momentos de confusão nos passos e direções, com dificuldades para seguir o roteiro da dança e da música. Mas também foi um baile ensaiado antes de sua apresentação, e muito desejado pelo dançarino – um baile marcado por acertos, por aprendizados a cada passo e movimento, por contornar erros, e por um intervalo para voltar com mais profundidade (e não só uma variedade de passos e movimentos sem um sentido). Essa foi a trajetória do meu TCC, que começou com o Estágio Patrimonial na segunda metade de 2022: optou-se, invés de realizar em museus ou arquivos em Porto Alegre, em realizar um estágio sobre a história da Escola Técnica de Agricultura (ETA) em Viamão/RS. Do início até o fim foi desafiante, por conta da vastidão de informações: como sintetizá-las e organizá-las para um estágio?

Concluiu-se de forma satisfatória, pois instigou bastante os alunos. Vendo o meu interesse pela ETA – e sobretudo aos ranchos –, a professora da cadeira de Estágio Patrimonial, Sarah Amaral, sugeriu que meu TCC fosse sobre os ranchos da ETA. Topei de imediato a ideia, e a convidei para ser minha orientadora. Quero agradecer profundamente a prof.^a Sarah, por toda a orientação que me deu durante boa parte dessa trajetória de elaboração do TCC: agradeço por toda a paciência com minhas dificuldades, por todos os auxílios e compreensões com a situação difícil que se fez presente na minha vida esse ano. Quero agradecer também ao Prof. Jocelito Zalla que aceitou me orientar nessa etapa final do TCC, e por me ajudar a orientar direito o foco do TCC. Quero agradecer especialmente aos meus pais, por toda a motivação e compreensão comigo, mesmo sendo um ano muito puxado para eles – e essa longa jornada de pesquisa ter sido, por um lado, desgastante. Por outro lado, foi prazeroso conhecer mais a fundo sobre essa escola, a qual eu visitava com os meus 14 anos, para andar de bicicleta e caminhar entre os ranchos que estavam sendo reconstruídos – meu pai, que trabalhou na escola e visitava os ranchos quando jovem, foi quem me incentivava a visitar; e tenho muito a agradecer por isso.

Agradeço bastante, também, a todos os que entrevistei, por tirarem um tempo para colaborar com esta pesquisa – e, em contrapartida, lembrar aqueles tempos nos ranchos. As entrevistas foram valiosas e muito envolventes, e espero estar contribuindo a vocês e à ETA com essa pesquisa. Espero estar contribuindo, também, com a UFRGS, por onde tive a oportunidade de realizar meu sonho em ser professor de história e realizar essa pesquisa: agradeço muito por esses quase seis anos de curso, e por todos os professores com quem tive aula e pavimentaram o caminho em direção a esse final – assim como agradeço a todos os colegas com quem estive próximo nessa caminhada acadêmica. Agradeço a todos os parentes que compreenderam minhas ausências nas reuniões familiares, e sempre me desejaram apoio – assim como as pessoas conhecidas e próximas; e agradeço, por fim, à minha avó: convivi mais com ela na minha infância do que nos últimos anos, mas ela deixou um grande legado na pessoa que sou e na forma otimista de ver o mundo. Ela partiu sempre rezando por mim e pelos meus estudos – e dedico, assim, esse trabalho especialmente a ela.

Acima de tudo, agradeço a Deus e à intercessão da Virgem Maria, por sempre me dar força e sabedoria para realizar essa pesquisa e se manter firme nos momentos fáceis e difíceis, nos dias mais leves e naquelas noites mal dormidas.

*Rancho nativo da ETA
Quase sagrada estrutura
Faz parte já tua moldura
Da velha história eteana
Não há rincão da alma humana
Onde tenha outro igual
Com o mesmo ideal
Que é tão humilde e bacana
[...]
É por isso que estou aqui
Honrando o rancho querido
Já reergueram os caídos
Pois foi parte desta história
E tem também sua glória
E temos que preservá-los
Porque se não cuidá-los
Só existirá na memória.*

(Poesia “**Rancho Nativo da ETA**”, do então aluno Márcio Pedrotti Almeida, escrita em 28/09/1996 e vencedora do 1º Concurso de Poesias da ETA)

RESUMO

Na Escola Técnica de Agricultura em Viamão-RS existiram, dos anos 10 ao 90 do século XX, os “ranchos” – espaços fundados e frequentados pelos alunos no bosque da escola. A escola é de ensino médio e técnico, com o sistema de internato; e, nesse sentido, a maioria dos alunos vinham do interior do Rio Grande do Sul. O cotidiano estudantil ocorria, em grande parte, nesses ranchos; e dialogava com o sistema de internato, com regras e formas próprias de organização. No entanto, também era afetado por fatores mais amplos, relacionados à origem étnica dos alunos e à circulação de perspectivas culturais. Nesse sentido, o objetivo do trabalho foi analisar as identidades, as sociabilidades estudantis e o panorama histórico-cultural nos ranchos da ETA entre as décadas de 1970 a 1990. Esta pesquisa se insere na história do Rio Grande do Sul e na história da educação; parte dos conceitos de Cultura Escolar, Instituição Total e Memória; e usa das metodologias de História Oral, análise de Impressos Estudantis e História Digital, para a análise das entrevistas, um periódico de alunos e postagens em redes sociais. Foi trabalhado como os ranchos se inseriam na história da ETA, e as configurações de seu espaço físico; os diferentes momentos e atividades de socialização entre alunos nos ranchos, com paralelos e tensionamentos ao internato; ideias e imagens externas sobre cultura e etnia, que se misturaram ao universo estudantil, com disputas e nuances.

Palavras-chave: internato; rancho; associações estudantis; regionalismo gaúcho.

ABSTRACT

At the Technical School of Agriculture in Viamão-RS, from the 10s to the 90s of the 20th century, there were “ranches” – spaces founded and frequented by students around the school. The school is for secondary and technical education, with a boarding system; and, in this sense, the majority of students came from the interior of Rio Grande do Sul. Student life took place, to a large extent, on these ranches; and dialogued with the boarding school system, with its own rules and forms of organization. However, it was also affected by broader factors related to students' ethnic origin and the circulation of cultural perspectives. In this sense, the objective of the work was to analyze identities, student sociabilities and ethnic-cultural panorama on ETA “ranchos” between the 70s and 90s – to have a broader profile of the ranches. This research is part of the history of Rio Grande do Sul and the history of education; part of the concepts of School Culture, Total Institution and Memory; and uses Oral History, Student Press and Digital History methodologies to analyze interviews, a student journal and posts on social networks. It was worked on how the ranches were part of the history of ETA, and the configurations of their physical space; the different moments and activities of socialization between students on the ranches, with parallels and tensions to the boarding school; external ideas and images about culture and ethnicity, which were mixed into the student universe, with disputes and nuances.

Keywords: boarding school; ranch; student associations; gaúcho regionalism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
	1.1 Revisão Bibliográfica	12
	1.2 Referenciais Teórico-Methodológicos	14
	1.3 Objetivos e Capítulos	20
2	CAPÍTULO I: Ranchos enquanto espaços físicos e históricos	21
	2.1 ETA: Visão geral	21
	2.2 Ranchos: Como e quais eram	22
	2.2.1 Ranchos: composição e organização	23
	2.2.2 Ranchos: pátio e arredores	24
	2.2.3 “Ranchos dos Pampas” – uma comparação	26
	2.3 Ranchos: Uma periodização de sua história	27
	2.3.1 Anos 10 a 50: “fogões” e os primeiros ranchos	27
	2.3.2 Anos 60 a 80: e foram surgindo mais ranchos	31
	2.3.3 Anos 90: Intervenções e fim dos ranchos	35
3	CAPÍTULO II: Identidades e Sociabilidades Estudantis	39
	3.1 Ritos e hierarquias entre alunos	41
	3.1.1 Ao chegar na escola: recepção e os apelidos	41
	3.1.2 Rodízio, Trotes e os Bixos	44
	3.1.3 Bixos, Veteranos e Mestres	46
	3.1.4 “Abostados”: entre o dormitório e os ranchos	48
	3.2 As conversas e os assuntos envolvidos	50
	3.3 Afetos e desafetos	51
	3.4 Rituais de comensalidade e partilha	55
4	CAPÍTULO III: Categorias étnico-culturais nos ranchos (e além deles)	62
	4.1 Da Serra à Fronteira: Gringos e Pelo-Duro	62
	4.1.1 Gringos	63
	4.1.2 Pelo-Duro: Cultura Gaúcha na ETA	68
	4.1.3 Nuances, Diálogos e Atritos	73

5	CONCLUSÕES	76
6	REFERÊNCIAS	78
7	ANEXOS	81

1 INTRODUÇÃO

Por alguns ex-alunos, os ranchos da ETA são chamados “casas de cultura”: nos grupos pelo Facebook e WhatsApp, compartilham fotos e relatos lembrando de quando eram membros dos ranchos, muitas vezes de forma nostálgica – e sentem-se eternamente membros, já que estão há cerca de 13 anos se mobilizando pela reconstrução dos ranchos (fechados há 24 anos atrás), e se reunindo para reviver aqueles tempos de rancho. Essas trocas pelas redes sociais já se traduziram em iniciativas espontâneas de coletar informações e fotos, para trazer nas festas dos ranchos e registrar em algum espaço; e até mesmo no quadro “Resgate da História da ETA”, no programa “Documentário”, pela Rádio Osório FM. No entanto, até então não há nenhum trabalho acadêmico sobre os ranchos da ETA – os trabalhos sobre a escola em si são relacionados ao ensino agrícola; e os ranchos são mencionados brevemente na tese de Dalpiaz sobre a Escola de Mestria Agrícola Canadá (EMAC), de fortes relações com a ETA. Desse modo, faz-se necessária uma pesquisa sobre as sociabilidades e identidades estudantis nos ranchos, pelo potencial colaborativo à área da História da Educação; do regionalismo, pela correlação entre as dinâmicas entre os ranchos e as dinâmicas étnico-culturais do Rio Grande do Sul.

1.1 Revisão Bibliográfica

A pesquisa se insere e dialoga com dois campos. O primeiro é o da História da Educação, por trazer ao debate aspectos de internato e pelos ranchos da ETA estarem imbricados ao universo estudantil. Nesse sentido, quatro trabalhos ajudaram a fazer uma análise e comparação dos processos de sociabilidade nos ranchos, com aqueles nos internatos de outras escolas: o artigo “A Pedagogia de Internar: uma abordagem das práticas culturais do internato da Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão-SE (1934-1967)”, de Joaquim Tavares da Conceição (2007); a dissertação de mestrado “Vida acadêmica dos alunos do curso técnico em agropecuária integrado ao ensino médio no sistema de internato: percepções e desafios”, de Denilce Salvador (2011) – sobre o IFES Campus Itapina; o artigo “INTERNATO: Uma das Faces Ocultas do Ensino Agrícola de 2.º Grau”, de Dagmar M. L. Zibas (1987) – abordando duas escolas

com internato, uma federal e outra estadual; e a dissertação de mestrado “A ESCOLA AGRÍCOLA DE URUTAÍ (1953-1963): singularidades da cultura escolar agrícola”, de Silvia Aparecida Caixeta Issa (2014). Outras duas pesquisas serviram para pensar os papéis da escola e dos jovens, e sobre a juventude em si: o artigo “*Culturas juveniles y cultura escolar*”, de Emilio Tenti Fanfani (2000), pondo em questão o sentido da escola perante as transformações da adolescência; e o artigo “*Voz del alumnado y presencia participativa en la vida escolar. Apuntes para una cartografía de la voz del alumnado en la mejora educativa*”, de Teresa Susinos Rada e Noella Ceballos López (2012), sobre iniciativas estudantis promovidas pelas escolas – ou como estas lidavam com os alunos. Por fim, o livro *ETA, Escola Técnica de Agricultura João Simplício Alves de Carvalho: contribuição para sua história*, de Mozart Pereira Soares (1997) foi útil para coletar algumas informações sobre a estrutura e usos dos ranchos, assim como associar momentos da história da ETA com a dos ranchos.

Outro campo com o qual a pesquisa dialoga é o de História e Cultura do Rio Grande do Sul. Dois trabalhos se fazem mais presentes: a dissertação de mestrado “*O CENTAURO E A PENA: Luiz Carlos Barbosa Lessa (1929-2002) e a invenção das tradições gaúchas*”, de Jocelito Zalla (2010); e o artigo “*ARQUITETURA ENTRANHA NO PAMPA: Perspectivas pré-conceituais*”, de Luiz Antônio Bogo Chies e Diego Leite da Silva (2022). O primeiro permite traçar paralelos entre a organização e noções do que é ser gaúcho entre os ranchos e o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG); e o segundo possibilita trabalhar com o conceito “rancho”, ao fazer um panorama de descrições sobre os ranchos e as casas de estancieiros na região da Campanha/“Pampas” (fronteira entre Rio Grande do Sul/Brasil e Uruguai) – e assim, poder comparar as características daqueles ranchos com os da ETA. Outros artigos também focam na cultura gaúcha por diferentes meios, agregando às reflexões sobre o tipo de gaúcho dos ranchos: “*IV Encontro: qual a visão dos outros sobre a cultura gaúcha e os modos de ser dos gaúchos?*”, de Claudia Lee Williams Fonseca (2016) – sobre o que define a pessoa como gaúcha; e “*Two sides of the same coin: modern gaúcho identity in Brazil*”, de Rubem George Oliven (1999) – sobre as disputas entre tradicionalistas e nativistas gaúchos. A dissertação de mestrado “*Além da Carne Assada Sobre Brasas: os elementos da experiência de consumo do churrasco*”, de Christian Freire Albrecht (2010), ajudou na análise dos momentos de confraternização nos ranchos.

Outros trabalhos usados abordam sobre os imigrantes italianos e alemães, sendo úteis para tratar das manifestações culturais e dinâmicas nos ranchos envolvendo essas origens: “*Território, cultura e identidade dos colonizadores italianos no Rio Grande do Sul: uma análise da Serra Gaúcha e da Quarta Colônia*”, de Vanessa Manfio e Vinício Luís Pierozan (2019) – contribuindo tanto para contextualizar historicamente a imigração italiana quanto para observar manifestações culturais dos descendentes; “*Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo*”, de Karen Pupp Spinassé (2008) – para fazer uma comparação entre o uso das línguas alemã e italiana entre descendentes no RS e nos ranchos da ETA; “*Reflexões sobre o colono italiano na região central do Rio Grande do Sul: breves problematizações antropológicas*”, de Maria Catarina Chitolina Zanini (2009); e “*Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo*”, de Giralda Seyferth (1999) – tratando sobre o processo da imigração e o imaginário criado entre imigrantes e brasileiros, fenômeno similar ocorrendo nos ranchos da ETA. O livro “*Breve História do Rio Grande do Sul*”, de Fábio Kühn (2004), também permite entender mais sobre o contexto das imigrações europeias.

1.2 Referenciais Teórico-Metodológicos

O primeiro conceito que embasa a pesquisa é o de “cultura escolar”. Para Julia (2001, p. 10-11), são normas definidoras do que ensinar (conteúdos e condutas) e práticas que permitem a transmissão e incorporação dos conhecimentos, coordenadas para fins variados a cada época (religião, política ou sociabilidade), com agentes encarregados a obedecer a ordens e usar de meios para facilitar a aplicação (professores). Werle (2013) observa que o campo da Cultura Escolar, entendido de forma ampla, pode compreender não só os fenômenos relacionais (normas, tempos, sujeitos) e espaços físicos, mas também as iniciativas dos alunos para além das salas de aula. Os ranchos eram um meio de educação, uma “educação da vida”, pelo qual se difundiam valores e estratégias ensinadas oralmente e na prática – os sujeitos que ensinam vão mudando com o tempo, e não são os mesmos por vários anos; cultura não é mais o lugar entre o econômico, o político e o social; as culturas se misturavam nos ranchos: a bagagem dos alunos de Alta Cultura, e aqueles da cultura popular. [talvez trocar para o de “Sociabilidades”]

O segundo conceito utilizado é o de “instituição total”. Salvador (2011) e Conceição (2007) dialogam com Goffman (1961, 1974), partindo da seguinte definição:

Um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada. (1961, p. 11)

O internato é uma das cinco instituições classificadas como “totais”, junto com navios, quartéis, campos de trabalho e colônias/grandes mansões, e possui cinco atributos: vivência em mesmo local e mesma autoridade (por vezes escalonada em inspetores e alunos monitores); atividades quase sempre coletivas e iguais; horários rigorosos para as atividades diárias; uma sequência de atividades impostas por uma “equipe diretiva”; atividades reunidas de forma que atenda aos “objetivos oficiais da instituição” (1974, p. 17). Além disso, a condição de “total” é caracterizada pelo “fechamento” ao mundo externo, com a restrição das saídas, o que, no caso das escolas de internato, pode não ser tão forte pelo envolvimento das famílias e comunidades. Mas, ainda há a presença de características totais, como filas, horários e regras.

O terceiro conceito do referencial teórico é o de “memória”. De acordo com Ferreira (2022), atualmente se vive um “reino da memória generalizada”, com comemorações, o dever da memória e a valorização do patrimônio material e imaterial. As identidades pessoal e coletiva tornaram-se essenciais, pois a memória não é mais vivida de forma espontânea – e sim, em lugares de memória (sem a necessidade de muitos “agentes da memória”). Para Pollak (apud Rios, 2013), a memória é coletiva (assim como para Halbwachs), mas o indivíduo também pode formar e acessar memórias, administrar influências, e participar na construção das recordações de grupo. As memórias envolvem acontecimentos (diretos ou por tabela), pessoas (de convívio ou conhecidas) e lugares (frequentados diretamente ou não); experiências vividas e herdadas na sociabilidade (por vezes nem sendo real) – sendo que as lembranças podem modificar o vivido. Identidade como imagem de si e dos outros.

As memórias envolvem negociação, principalmente de experiências negativas diante do positivo generalizado; e envolvem camadas de memórias: individual, grupo imediato e grupo maior, com infinitas possibilidades de combinação; e em disputa. São formadas no momento da entrevista, a depender de quais camadas de memória são invocadas, e quais memórias em específico o são (uma situação em específico, um tipo de situação) – e algumas memórias se complementam.

Tendo em vista os objetivos e conceitos utilizados na pesquisa, a metodologia escolhida dialoga com a História Oral. Foram realizadas 13 entrevistas, entre dezembro de 2022 a fevereiro de 2023, sendo sete por videochamada, três presenciais e três por escrito. As entrevistas por videoconferência foram realizadas, em sua grande maioria, pelo Google Meet, e das presenciais, duas foram realizadas na ETA e uma na casa da pessoa. Todas as entrevistas foram orientadas por um roteiro de perguntas e realizadas mediante um termo de consentimento assinado por todos os entrevistados. O áudio das entrevistas foi gravado com o celular e depois transcrito. O arquivo com a transcrição era enviado para os entrevistados verificarem se queriam revisar ou omitir alguma informação. A escolha de pessoas para serem entrevistadas se deu via grupo de ex-alunos no Facebook. Essas pessoas foram chamadas pelo Messenger e, aceita a proposta, a entrevista era agendada. Por sugestão da então orientadora Prof.^a Sarah, o nome das pessoas entrevistadas não está sendo usado na pesquisa por respeito à identidade pessoal, substituindo-se pelas iniciais dos nomes (colocadas entre parênteses no texto da pesquisa, quando a informação é de entrevista).

Abaixo, consta a lista das pessoas entrevistadas, e algumas informações básicas sobre elas:

- E.J.B., natural de Jaguari/RS, apelido “Conoinha”, do Rancho Centauro, aluno da ETA entre Agosto de 1967 a Julho de 1970;
- J.T., natural de Viamão/RS, apelido “Jairinho”, do Rancho Gaudério, aluno entre 1975 a 1978 no curso de Pecuária;
- M.H., natural de Santa Cruz do Sul/RS, apelido “Estátua”, do Real Rancho Minuano, aluno entre Março de 1976 a 1978 no curso de Agricultura;
- J.C., natural de Carazinho/RS, apelido “Chocolate”, do Rancho Três de Maio, aluno em 1975 e entre 1977 a 1980 no curso de Pecuária; G.R.,
- natural de Dom Pedrito/RS, apelido “Turquinha”, dos ranchos Baiúca e Querência, aluna entre 1977 a 1980 no curso de Agricultura;
- E.M., natural de Alecrim/RS, apelidos “Salsicha” e “Capanga”, dos ranchos Bonanza e Granada, aluno entre 1980 a 1982 no curso de Agricultura;
- A.C., natural de Porto Alegre/RS, apelido “Girino”, do Rancho Guarani, aluno entre 1989 a 1991 no curso de Agricultura;

- J.P., natural de San Vicente (Misiones, Argentina) e registrada em Horizontina/RS, apelido “Felina”, ranchos Baiúca, Solar dos Inocentes e M.M. Deko, aluna entre 1990 a 1993 no curso de Agricultura;
- V.B., natural de Capivari do Sul/RS, apelido “Juréya”, do Rancho Uirapuru, aluno entre 1990 a 1993 no curso de Agricultura;
- M.P., natural de Carazinho/RS e criado em Palmeira das Missões/RS, apelido “Mira”, Rancho Tamanco Velho, aluno entre 1995 a 1997 no curso de Agropecuária (primeiro ano) e depois Agricultura;
- E.R.S., natural de Porto Alegre/RS, apelidos “Chapado” e “Negão Amaral”, sem rancho (mas visitava o São Jerônimo e Saudade), aluno entre 1996 a 1999 no curso de Pecuária;
- M.T.L., natural de Porto Alegre/RS, apelido “Ovoscofia”, Rancho Laredo, aluno entre 1996 a 1999 no curso de Agricultura;
- D.R., natural de Porto Alegre/RS, apelido “Gila”, ranchos Fronteira e São Jerônimo, aluna entre 1997 a 2000 no curso de Pecuária.

O roteiro de entrevista (ANEXO 1) é dividido em dois tipos de perguntas: “informações básicas” (nome, cidades de origem e atual, curso, apelido, rancho, período que estudou na ETA) e “informações avançadas”, com sete perguntas sobre a experiência particular da pessoa no rancho; a convivência com os colegas do mesmo e de outros ranchos; confraternizações; elementos e características do rancho enquanto espaço; momentos significativos quando estudou na ETA; e o quanto a vivência na ETA e nos ranchos deixou marcas na vida do entrevistado; se mantém contato com ex-colegas. As perguntas foram construídas com base na experiência do Estágio Patrimonial, anterior ao TCC, no qual também foram realizadas entrevistas e coleta de dados na internet. No anexo 2 consta o termo de consentimento, no mesmo modelo dos termos disponibilizados pela UFRGS, informando os objetivos da pesquisa e para quais fins serão usadas as entrevistas

Os arquivos com as transcrições foram colocados em uma mesma pasta, ordenados numericamente e pela ordem de realização das entrevistas, e todos nomeados com o nome do entrevistado e o seu rancho. As transcrições começam com um parágrafo contendo detalhes básicos da entrevista: pessoa entrevistada, data e horário de

realização, local e/ou meio, a duração da entrevista (ou dos áudios pelo WhatsApp) e como ela está organizada na forma escrita. Geralmente, é com “Introdução”, “Informações Básicas”, “Perguntas” e “Conclusão”. A introdução é uma conversa inicial, na qual se apresentou o historiador e pesquisador, a proposta da pesquisa e o funcionamento da entrevista. A conclusão é também uma conversa, agradecendo a disponibilidade, abrindo espaço para comentários

Conforme Werle (2013), o campo da Cultura Escolar pode compreender as iniciativas dos alunos para além das salas de aula – uma delas são os periódicos estudantis. Nóvoa (1997) define como “imprensa educacional” aquela voltada aos elementos internos do sistema de ensino, papel da família e afirmação de grupos, assim como é um meio para se manifestar e ouvir. Já Bastos (1997) define como “imprensa periódica pedagógica” aquela feita não só por e para alunos, mas também envolvendo professores, diretoria e secretários. O impresso escolar mais usado nesta pesquisa é o Anuário *Minuanense*, jornal do Real Rancho Minuano, que foi publicado a cada aniversário do rancho, de 1970 a 1982. Foi criado por proposta de um estudante em 1970, como um canal para a comunicação entre atuais e ex-componentes. Entre artigos e colunas, as informações foram lidas de modo a entender os afetos e desafetos entre os alunos, as confraternizações, ritos, hierarquias e aspectos físicos do rancho. Foram obtidas 11 edições (exceto a décima e a décima terceira): M.H., um dos entrevistados, enviou-as digitalizadas, em sua maioria completas e outras com algumas páginas faltando.

Outro impresso usado foi *O Agro-Técnico*, produzido no grêmio estudantil da ETA, o Centro dos Estudantes dos Cursos Agro-Técnicos (CECAT), de 1961 até meados de 1998, de forma mensal. Era produzido pelos alunos, com colaboração dos professores – foram aproveitados os artigos sobre ranchos, sobretudo. Para fins de comparação das sociabilidades, foram usados os periódicos *A Voz da Serra* (Escola Normal Rural La Salle, de Cerro Largo/RS) e *O Eco do Estudante* (Escola Normal Rural Presidente Getúlio Vargas, em Três de Maio/RS). Usou-se da análise feita no artigo *Humor e irreverência nos impressos estudantis de Escolas Normais Rurais (RS, 1945-1983)*, de Flávia Obino Corrêa Werle (2013). Nele, há um resumo do tipo de conteúdo presente nos dois periódicos, por assunto (como “Grêmios estudantis”, “Esportes”, “Namoros, atitudes femininas, mulheres”, “Estudos, atividades escolares”, “Dormitório” e “Temas gerais”).

Por fim, foram coletados dados textuais e/ou audiovisuais em publicações e comentários nos grupos de ex-alunos da ETA, no Facebook. O mais usado para coleta de dados é o “ETA Escola Técnica de Agricultura Viamão RS”: é um grupo fechado, com 2.491 membros até o presente momento¹, criado em 06/02/2011, administrado por Milton Machado e Jane Gonçalves, e moderado por Edegar Da Silva Silva. O grupo reúne ex-alunos de diferentes épocas, e é aberto para variados tipos de publicação e comentários sobre a escola – desde eventos atuais até lembranças e críticas sobre a situação da escola. São publicações sobre os ranchos, o CECAT, os esportes, o CTG Vaqueanos da Cultura, professores e funcionários, situações em sala de aula, refeitório, aulas práticas, rodeio, participação em eventos como a Expointer, e a carreira de alguns ex-alunos.

Também foram utilizadas informações dos grupos relativos a cada rancho, também no Facebook, destinado a ex-componentes, nomeados da seguinte maneira: “ETA Rancho Farroupilha”. A maioria desses grupos eram públicos (exceto os relativos aos ranchos Castelo do Frankstein e Querência), e criados em 2011. Alguns grupos foram criados por Milton Machado e outros pelos ex-alunos dos respectivos ranchos. A coleta das informações se deu de forma similar a das entrevistas: foram pesquisadas palavras-chave relativas aos assuntos dos tópicos, e então copiados trechos de publicações e/ou comentários para os mesmos arquivos em que foram colocados trechos das entrevistas e dos periódicos da ETA. As referências das informações coletadas se deram em duas etapas: antes do trecho copiado, informou-se o nome de quem publicou, assim como a data e hora de publicação; e, em caso de comentário, o mesmo esquema, só que também informando onde foi feito o comentário. Sobre os comentários feitos em resposta a outros, segue o mesmo esquema e ordem anteriores. Em seguida, por nota de rodapé, consta o link da publicação ou do comentário em específico, assim como a data e hora de acesso.

As imagens e vídeos coletados foram descritas textualmente e referenciadas do mesmo modo. As informações coletadas serviram para complementar ou confrontar aquelas das entrevistas, assim como situações relatadas somente no meio virtual e ausentes nas entrevistas. Outras, principalmente fotos, foram usadas para exemplificar alguma informação.

¹ Informação conferida em 29/08/2023 às 04:53.

1.3 Objetivos e Capítulos

O objetivo geral desse trabalho é apresentar os ranchos da Escola Estadual Técnica de Agricultura Leonel de Moura Brizola (ETA) como espaços de sociabilidade e manifestação das identidades regionais estudantis.

1. Abordar o conceito de rancho e sua aplicação na ETA enquanto espaço físico.
2. Analisar as sociabilidades da escola, enfatizando os ranchos.
3. Comparar o panorama cultural e étnico do Rio Grande do Sul (sobretudo o regionalismo gaúcho) com as categorias étnico-culturais construídas nos ranchos.

A pesquisa está dividida em três capítulos. O primeiro, “Ranchos enquanto espaços físicos e históricos”, faz uma visão geral da ETA. Em seguida, é descrito o espaço físico dos ranchos e seus entornos, em comparação aos relatos sobre ranchos na região dos pampas. Por fim, é feita uma periodização dos ranchos em três períodos de história, compreendendo desde os fogões e os primeiros ranchos, o surgimento de vários ranchos, e o fechamento deles. O segundo capítulo, “Identidades e Sociabilidades Estudantis”, divide-se em dois aspectos: em primeiro, os ritos de iniciação dos ranchos e as hierarquias entre alunos; e em segundo, o cotidiano nos ranchos – desde os assuntos conversados, afetos e desafetos entre alunos e ranchos ao todo, rituais de comensalidade e partilha, e as transgressões envolvidas nestes rituais (como as bebidas alcoólicas). O terceiro capítulo, “Categorias étnico-culturais nos ranchos (e além deles)”, pretende comparar o panorama étnico-cultural do Rio Grande do Sul (e do Brasil, em certa medida) com as categorias étnico-culturais da ETA, traçando conexões entre determinados estereótipos e costumes na escola com situações externas.

2 CAPÍTULO I: Ranchos enquanto espaços físicos e históricos

2.1 ETA: Visão geral

A Escola Estadual Técnica de Agricultura Leonel de Moura Brizola (EETA, mais conhecida popularmente como ETA), fica no município de Viamão, estado do Rio Grande do Sul, Brasil. É localizada no bairro Passo do Vigário, entre a Rodovia Tapir Rocha (RS-040, Km 16) e a Avenida José Garibaldi, ocupando uma área de 407 hectares. A rodovia é pavimentada, enquanto o trecho da avenida e seu acesso são ambos por estrada de chão. Na escola, são ofertados os cursos técnicos de Agricultura e Zootecnia, com aulas teóricas e práticas, junto ou pós-Ensino Médio. Há os setores de Olericultura, Floricultura, Suinocultura, Fruticultura, Silvicultura, Ovinocultura, Avicultura, prédio da indústria de Laticínios, o “tambo” de gado leiteiro e o prédio da Mecânica (com máquinas agrícolas).

Além desses espaços destinados às aulas práticas e atividades agrícolas e pecuárias, há os espaços próprios do internato, como o Refeitório e o Alojamento/Dormitório. Há três modalidades de internato: o internato propriamente dito, exclusivamente masculino, com direito a alojamento e refeições no refeitório (café da manhã, almoço e janta); o semi-internato, com direito a almoços e saída da escola no fim da tarde, sem estadia no Alojamento (as mulheres, por exemplo, recorrem às pensões ao entorno da ETA); e o Externo, sem uso do Refeitório e Alojamento. Os dois espaços estão situados no que pode ser denominado como a “área principal” da ETA, também constituída por: espaços do ensino curricular, como os três pavilhões de sala de aula; o prédio denominado “Minhocão” (com os laboratórios de Biologia, Física e Química, a Biblioteca, sala da Comissão de Estágio, Museu da escola e Salão de Atos); as três quadras de esportes; e um circuito olímpico ao redor das quadras com uma arquibancada.

Os espaços dos diferentes agentes escolares constituem-se no Prédio Administrativo (com a secretaria, direção, e sala de xerox), no Centro dos Professores da Escola Técnica de Agricultura (CPETA), e nas casas de funcionários e professores na Rua das Pereiras (paralela à Alameda dos Plátanos, entrada da escola pela Av. José Garibaldi). No entorno desses espaços, e principalmente ao redor da área principal da ETA, há uma abundância de árvores das mais diversas espécies. Além desses espaços, há aqueles que foram fundados por iniciativa estudantil: o CTG Vaqueanos da Cultura e

o grêmio estudantil CECAT, ambos na área principal; e os ranchos, no entorno da área principal – todos estes atualmente fechados.

2.2 Ranchos: Como e quais eram

Mas o que eram os ranchos da ETA? Em Soares (1997), há diversas definições: eram “a evolução da morada rústica do Rio Grande do Sul” (p. 170) e “uma moldura decorativa para as edificações [da escola]” (p. 169); eram uma das “singularidades da Escola Técnica de Agricultura” (p. 168). Já em Chies e Silva (2022, p. 268), o termo “rancho” se refere às primitivas construções típicas da região dos Pampas (entre Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul), composta por paredes de terra ou barro, teto de palha e piso de capim socado. Os ranchos da ETA não eram muito diferentes disso:

“Quem, num fim de semana, visitar a ETA em Viamão, vai deparar-se com um panorama bastante pitoresco. Em quase toda a sua volta, a escola é povoada por ranchos, uns de barro e capim; outros construídos com tijolos e telhas; e alguns com tábuas e zinco”².

Os ranchos eram aspectos centrais na cultura escolar da ETA: para os entrevistados J.T. e M.H., era o que distinguia a ETA de outras escolas agrícolas. Era um cartão postal da escola: o cuidado e o zelo que se tinha com o ambiente dos ranchos transformava a aparência da escola (M.T.L). Do primeiro fundado ao fechamento, existiram 31 ranchos ao todo, distribuídos em três zonas ao longo do bosque da ETA; mas não existiram todos simultaneamente: a única época em que existiram os 31 ranchos ao mesmo tempo foi entre 1987 (fundação do Tropeiro, o último rancho) a 1992 (incêndio e extinção do Minuano). Os ranchos eram distribuídos em três Zonas, ao longo do bosque da ETA: da Mata, uma área alta atrás do refeitório; do Vento, atrás dos pavilhões de sala de aula, “onde a brisa é sempre constante” e era possível ouvir a movimentação da RS 040; e do Sapo, uma área mais úmida, e por isso a presença de sapos que ressonavam durante as noites³.

² Trecho de uma matéria na edição de maio de 1971 do periódico “O Agro-Técnico”, autoria do então aluno Flávio Lima de Souza. Esse trecho consta no verso da capa do CD nº 57 da série “Resgate da História da ETA”. A imagem do verso foi publicada por Edegar Da Silva Silva em 14/05/2018 às 17:08. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/1753096824766785/> Acesso em 01/05/2023 às 15:11.

³ A descrição das três zonas foi feita por Jairton Nunes Vieira, em entrevista ao blog “Ranchos da ETA” publicada em 10/12/2012 às 03:48, com o título “Os Ranchos e suas zonas”. Disponível em: <http://ranchosdaeta.blogspot.com/2010/12/os-ranchos-e-suas-zonas.html> Acesso em 02/05/2023 às 02:35.

Na Zona da Mata eram: Farroupilha, Sinuelo, Granada, Centauro, Castelo, Fronteira, Inferninho, Uirapuru e o Amizade; na Zona do Vento eram: Gaudério, Saudade, Estrela do Sul, Intrevero, Bonanza, Quero-Quero, Planalto, Chaparral, M.M. Deko, Ventania e Tamanco Velho. Por fim, a Zona do Sapo era, em grande parte, localizada atrás do CECAT e do “Minhocão” em uma baixada⁴: Querência, Figueirinha, Cacimba Velha, Laredo, Guarani, Tropeiro. Ainda dessa zona, próximos à Silvicultura, os ranchos Três de Maio, Solar dos Inocentes e São Jerônimo; e dentro de um mato de eucalipto e em meio às taquaireiras, o Real Rancho Minuano⁵.

2.2.1 Ranchos: composição e organização

Como citado anteriormente, os ranchos da ETA eram feitos de barro, tábuas ou tijolos, com telhado de palha Santa Fé ou zinco. Os de material geralmente eram brancos, com o triângulo do telhado sendo de madeira e com outra cor⁶; e o chão dos ranchos era, geralmente, de capim batido (M.H.). O tamanho dos ranchos variava, mas geralmente eram “semelhantes aos galpões nativistas, em proporções menores”⁷. Quase todos os ranchos constituíam-se em um cômodo único – com exceção do Rancho Granada, que tinha uma pequena saleta para os estudos (E.M.). Esse cômodo era sempre composto por uma porta única, uma lareira estruturada por fora no fundo do rancho (V.B.) – com exceção do Rancho Saudade, que é toda dentro do rancho⁸; bancos laterais e/ou cadeiras⁹; uma mesa central¹⁰; janelas nas laterais, geralmente de madeira¹¹; uma

⁴ São os pontos de referência utilizados no comentário de Milton Machado em 19/09/2011 às 23:48, na própria publicação feita em 19/09/2011 às 18:34. Comentário disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/177849175624899/?comment_id=177957085614108 Acesso em 01/05/2023 às 20:37.

⁵ Ponto de referência utilizado por José Carlos Nunes em 07/04/2013 às 20:47, na publicação de Lori Viali em 06/04/2013. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/461620407247773/?comment_id=462019700541177 Acesso em 01/05/2023 às 16:36.

⁶ Como no Rancho Sinuelo, na foto tirada por M.T.L. em dezembro de 1998 e publicada pelo mesmo em 29/03/2012 às 09:44. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=354187197957903&set=gm.282879088455240&id=109144802495337> Acesso em 01/10/2023 às 21:09.

⁷ Trecho da postagem “Ranchos da ETA – resgatar a memória é preciso”, publicada no blog “Ranchos da ETA” em 20/09/2009 às 20:14. Disponível em: <http://ranchosdaeta.blogspot.com/2009/09/ranchos-da-eta-resgatar-memoria-e.html> Acesso em 02/05/2023 às 02:35.

⁸ Tal como descreve M.T.L.; e é perceptível nas fotos das ruínas, tiradas e publicadas por Wagner Silveira em 15/04/2013 às 19:09: <https://www.facebook.com/groups/216276021752554/permalink/518181341562019/?mibextid=Nif5oz> Acesso em 17/02/2023, às 10:29.

⁹ Um exemplo delas está em uma foto do Rancho Granada, publicada por Marisa Colombo em 22/05/2017 às 21:53. Disponível em:

escrivaninha para estudar (V.B., A.C., M.T.L.); um armário para guardar comida (A.C.); uma prateleira com ferramentas (J.P.); uma estante para livros¹²; e em alguns ranchos, um espaço no teto para dormir.

Os objetos dos ranchos eram, em geral, de uso prático – para limpeza e cozinha: chaleira, grelha, machadinha, cambona, garrafão de água, panela, frigideira e vassoura (J.T., J.P., V.B., E.M.). Os ranchos geralmente tinham energia elétrica, com lâmpadas no teto, e inclusive tomada (A.C.); alguns tinham rádios¹³, e só o Quero-Quero tinha uma televisão¹⁴. Costumava-se ter pinturas nas paredes¹⁵, assim como (ou somente) objetos ornamentais – mas tanto o caráter destes objetos, como também das pinturas em geral, será tratado posteriormente. Vale, ainda, acrescentar sobre as placas com o nome dos ranchos, acima ou ao lado da porta¹⁶.

2.2.2 Ranchos: pátio e arredores

Alguns ranchos eram próximos uns dos outros, e outros mais distantes; contudo, todos tinham um “pátio”. O entorno dos ranchos era ocupado por diferentes tipos de árvores, como figueiras¹⁷ e eucaliptos¹⁸; em alguns pátios, tinha flores¹⁹ e até plantas

<https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/1403876699688801/> Acesso em 02/10/2023 às 00:17.

¹⁰ Soares, 1997, p. 169; A.C., M.T.L..

¹¹ V.B. relembra que as janelas no Rancho Uirapuru eram de couro, mas foram roubadas ainda na época.

¹² Como no Rancho Três de Maio, em uma das fotos na publicação de Milton Machado em 22/04/2013 às 19:12 – que, na realidade, é um trecho do vídeo que ele gravou em 03/05/1998. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/469671369776010/> Acesso em 02/10/2023 às 16:19.

¹³ Como o Granada (E.M.), o Uirapuru (V.B.), o Tamanco Velho (M.P.) e o São Jerônimo (D.R.).

¹⁴ Conforme aparece na foto publicada por Rubem Tailor em 24/03/2013 às 21:32. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=259909030812360> Acesso em 30/04/2023 às 14:31.

¹⁵ “Não raro, artistas de talento imprimem, nos moveis ou muros, retratos ou caricaturas de ex-ranchistas, constituindo uma sorte de história viva do rancho” (Soares, 1997, p. 169).

¹⁶ Como no Rancho Guarani, na foto publicada por Milton Machado em 24/11/2012 às 21:29. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=451393174907296> Acesso em 04/10/2023 às 09:20.

¹⁷ É o caso do Rancho São Jerônimo, como na foto publicada por Paulo Daniel Roza da Luz em 03/10/2021 às 16:01. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/200067910008046/posts/4977482982266491/> Acesso em 03/05/2023 às 22:22.

¹⁸ O Rancho Farroupilha era cercado delas, como Luís Mário Taschetto Perlini descreve no seu comentário em 30/04/2016 às 22:06, na publicação de Edegar Da Silva Silva em 30/04/2016 às 18:33 (compartilhamento de Milton Machado em 16/04/2013 às 14:26). Disponível em: https://www.facebook.com/edegardasilva.silva/posts/pfbid0U2y3uScV1xVFyxxJcftxZaq9vceNELHBLMyghy5HeDztY2bD2sbq6UG1rN8hzfJ5l?comment_id=844668688999132 Acesso em 07/05/2023 às 03:12.

¹⁹ Como na entrada do Rancho Inferninho, presente na foto publicada por Mauro Rigon em 27/09/2011 às 10:53. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/221025457948528/posts/242249939159413/> Acesso em 28/04/2023 às 13:13.

ornamentais formando o símbolo do rancho no chão²⁰. As árvores no entorno do Rancho Planalto eram identificadas por seus respectivos nomes, e pintadas de cal até a metade do tronco (M.P.). O acesso aos ranchos se dava com uma passarela, por vezes formada com pneus enterrados no chão pelo entorno, e ligando diferentes ranchos nas zonas da Mata e do Vento²¹. O Real Rancho Minuano era o único com um açude ao lado e neste uma ilha, conhecida como “Ilha dos Amores”²². Em praticamente todos os ranchos, havia um espaço de chão limpo para as confraternizações, com churrasqueira; e em outros um “quiosque” ou varanda²³.

Contudo, para além dessas formas de organização dos pátios, também havia objetos – geralmente ornamentais. Em alguns ranchos havia, ao lado das passarelas de entrada, uma pedra ou poste com o símbolo e nome do rancho²⁴. Por vezes, o nome do rancho ficava em uma placa ao alto, tal como uma porteira²⁵. No pátio do Rancho Gaudério havia uma carreta, adquirida junto à direção da escola²⁶; e no entorno do Cacimba Velha, havia uma cacimba que era usada pela ETA até a criação da caixa d’água na área central da escola, nas primeiras décadas do século XX²⁷. Enfim, percebe-se diferentes usos criativos do espaço em que está inserido o rancho: tanto em aproveitar

²⁰ Como no caso do Rancho Chaparral – aparece no vídeo gravado por Milton Machado em 03/05/1998, e publicado por ele em 19/03/2011 às 14:53. Disponível em: <https://m.facebook.com/groups/133258900072649/permalink/142732159125323/> Acesso em 06/05/2023 às 11:12.

²¹ Como na foto publicada por Rubem Tailor em 24/03/2013 às 21:40. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=259910807478849> Acesso em 30/04/2023 às 15:00.

²² Era assim denominada por causa dos casais que iam para lá durante das reuniões dançantes, de acordo com que Ailto Leandro de Melo comenta em 08/04/2016 às 23:16, na publicação de Lori Viali em 06/04/2013 às 22:42. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/461620407247773/?comment_id=1047305192012622 Acesso em 01/05/2023 às 16:36.

²³ Como no Rancho Chaparral, pela foto publicada por Leandro Brauveres da Costa em 21/03/2014 às 17:34 – disponível em: <https://www.facebook.com/groups/133258900072649/posts/684180781647122/> Acesso em 06/05/2023 às 15:36.

²⁴ Um exemplo de pedra é a do Rancho Sepé Tiarajú, como consta na foto tirada por Paulo Hochmann e publicada por Milton Machado em 14/01/2013 às 13:05. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=471859792860634> Acesso em 02/10/2023 às 16:34. O Rancho Quero-Quero tinha uma placa, como consta na foto publicada por Milton Machado em 19/03/2011 às 15:13 (na realidade, um trecho do vídeo feito por ele em 03/05/1998). Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/192412317454638/posts/201843916511478/> Acesso em 08/05/2023 às 01:27.

²⁵ Como no Rancho Farroupilha, conforme a foto publicada por Milton Machado em 23/06/2013 às 16:27. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=538034196243193> Acesso em 02/10/2023 às 16:51).

²⁶ De acordo com o comentário feito por Antonio Paulo Vargas Gonçalves em 30/12/2015 às 22:25, na publicação de Jéferson Luciano de Souza em 30/12/2015 às 16:45. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/127174417360103/posts/925955607481976/?comment_id=926081177469419 Acesso em 08/05/2023 às 02:01.

²⁷ Soares, 1997, p. 69.

características existentes, tornando-se parte da identidade do rancho (como no Amizade e Cacimba Velha); e inserindo novos elementos, como as churrasqueiras ou a carreta no Gaudério. Em alguns ranchos, também estendiam roupas no pátio²⁸. Por fim, é importante explicar que esse formato de rancho abordado até agora era bem diferente de quando surgiram – e é sobre isso que veremos agora.

2.2.3 “Ranchos dos Pampas” – uma comparação

Como visto no início do tópico, o termo “ranchos” não é exclusivo do contexto da ETA: é também um tipo habitacional típico dos pampas. Esse tipo é brevemente tratado por Soares (1997, p. 170), ao mencionar os diferentes tipos de rancho que já existiram ao longo da história do Rio Grande do Sul, principalmente durante os conflitos entre portugueses e espanhóis pelo domínio das terras: ranchos de taipa ou torrão sobretudo em lavouras de arroz (existentes até recentemente); ranchos de couro nas zonas de fronteira; e as casas de pedra, menos propícias ao seminomadismo de quem vivia nos demais tipos de rancho. Na ETA não teve rancho de couro e tampouco de pedra, mas alguns se assemelhavam aos de taipa – o uso de argila para as paredes e Santa-Fé para o telhado, tal como nos ranchos Farroupilha e São Jerônimo da ETA. Chies e Silva (2022) abordam sobre os ranchos dos pampas e casas de estancieiros, mais especificamente os da fronteira entre Rio Grande do Sul e Uruguai, a partir de relatos de viajantes no século XIX. Desse modo, é possível fazer alguns paralelos entre as características descritas pelos viajantes, e as dos ranchos da ETA.

Na descrição de Schlee (p. 771 apud Chies e Silva, 2022, p. 268), os ranchos pampeanos costumavam ter o chão de capim socado. Nas casas de estancieiros descritas por Saint-Hilaire, as cadeiras eram de couro (p. 273); por outro lado, havia casas desse tipo que, na sala de estar, não tinha janelas (p. 273). Em relação ao pátio desses ranchos dos pampas, as árvores e jardins eram ausentes, tendo só campo e animais dispersos (p. 270). No início do século XIX as casas de estancieiros, de acordo com as descrições de Saint-Hilaire, eram similares aos ranchos por terem telhado de palha e divisão interna em duas peças; mas a cozinha era em uma choupana, separada da casa – e esta, por

²⁸ Para exemplificar, uma foto do Rancho Inferninho em 1985, publicada por Edson Fontella em 18/10/2020 às 13:30 (disponível em: <https://www.facebook.com/edson.fontella.5/posts/pfbid021rhd9iE5P46GojW9nGZgwdV9HKLg7w4qE6D6opHnMXziCoKPjbgJLX8r3aBjtdKvl> Acesso em 01/10/2023 às 22:35).

dentro, era dividida em uma sala de estar e quarto (p. 273); em outros ranchos, a choupana poderia ser uma dispensa ou galinheiro (p. 269). No Uruguai, em alguns lugares os ranchos se multiplicavam até formar um povoado – como foi o caso de Paysandu, que até passou a ter casas de tijolos, calçadas, ruas e lampiões, de acordo com a descrição do viajante francês Arsène Isabelle (p. 268). Esse fenômeno é similar ao que aconteceu na ETA, com os ranchos se formando em determinadas áreas e relativamente próximos, formando as três “zonas” e passarelas entre cada rancho.

2.3 Ranchos: Uma periodização de sua história

2.3.1 Anos 1910 a 1950: “fogões” e os primeiros ranchos

Os primeiros ranchos eram denominados “fogões”²⁹ ou “fogão de chão”³⁰. Consistiam em um borrarho³¹ ou trempe “onde era sustentada uma cambona ou *chaleira* de ferro para ferver água para o chimarrão ou café”³², e para “assar alguma carne ou fazer algum tipo de cozimento”³³. Ficavam a céu aberto, em lugar sombreado e abrigado: “Ali se tomava mate, estudava, cantava e recebia visitas. Porém precisava tempo bom”³⁴. O primeiro fogão foi o São Jerônimo, que surgiu em 1919. Seu nome se deve pela cidade de origem dos seus fundadores, no Rio Grande do Sul, e consistia em

²⁹ Como são referidos no comentário de Hilario Rauber feito em 20/08/2014 às 23:12, na publicação de Edegar Da Silva Silva feita em 19/08/2014 às 19:42. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=539074209558583&set=a.159535187512489&comment_id=539593582839979 Acesso em 29/04/2023 às 18:14.

³⁰ Essa denominação alternativa está presente no relato de Guilherme Stockey, ex-aluno da ETA formado em 1949 – esse relato foi publicado por Milton Machado em 12/08/2012 às 21:51. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/357594017650413/> Acesso em 10/05/2023 às 04:37.

³¹ Termo usado na descrição de Edegar Da Silva Silva, em comentário feito em 15/09/2016 às 12:44, na publicação de Marisa Colombo feita em 15/09/2016 às 10:18. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/1156795061063634/?comment_id=1156881371055003 Acesso em 10/05/2023 às 11:42.

³² É um trecho da descrição no verso da capa do CD número 57 da série “Resgate da História da ETA”, que contém a gravação do quadro homônimo no programa Documentário, na Rádio Osório FM. A capa do CD foi publicada por Edegar Da Silva Silva em 14/05/2018 às 17:08, disponível no seguinte link: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/1753096824766785/> Acesso em 01/05/2023 às 15:11.

³³ Trecho do comentário de Edegar Da Silva Silva feito em 15/09/2016 às 12:44, na publicação de Marisa Colombo feita em 15/09/2016 às 10:18. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/1156795061063634/?comment_id=1156881371055003 Acesso em 10/05/2023 às 11:42.

³⁴ Trecho do comentário de Hilario Rauber feito em 20/08/2014 às 23:12, na publicação de Edegar Da Silva Silva feita em 19/08/2014 às 19:42. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=539074209558583&set=a.159535187512489&comment_id=539593582839979 Acesso em 29/04/2023 às 18:14.

um fogo de chão feito embaixo de uma figueira³⁵. O segundo fogão foi o Três de Maio, fundado em 1937, na data do seu nome: localizava-se embaixo de algumas árvores (figueiras e jacarandás³⁶) em uma escavação feita no barranco, com a terra sendo usada na construção da estrada “que liga o fim da alameda dos plátanos ao açude da floricultura”, que abastecia a escola³⁷.

O termo “fogões” já era usado no Uruguai, no século XIX. Referia-se ao lugar, geralmente embaixo de uma árvore ou no meio da habitação, “destinado para fazer fogo nas cozinhas, quando está construído com tijolo ou com pedra” (“El Fogón”, 1895, p. 1). No Vocabulário Gaúcho (1926), do escritor regionalista Roque Callage, a palavra fogão é descrita como: “logar nos galpões das estancias onde se faz o fogo para o churrasco e para o chimarrão; ponto de reunião dos tropeiros e peões. É termo empregado também no sentido de pago, querencia” (CALLAGE, 1926, p. 55). Alguns anos antes do primeiro fogão da ETA, existiram as primeiras agremiações gaúchas – como o Grêmio Gaúcho (1898), de Porto Alegre, e a União Gaúcha (1899), que iniciaram um projeto de invenção de tradições gaúchas no estado, que acabou abandonado na década de 1920 (Zalla, 2022). Algumas das entidades seriam refundadas como CTGs³⁸, nos anos 1950, depois do sucesso do 35 CTG, em 1948 – coincidentemente também fundado por estudantes do interior, como um departamento no Colégio Júlio de Castilhos em Porto Alegre. Tanto o 35 CTG quanto as agremiações gaúchas, ambos foram marcados por um intercâmbio intelectual com as entidades gaúchas do Uruguai e Argentina – provavelmente os fogões da ETA surgiram nesse sentido, como frutos desse modelo de espaço social trazido por alunos do interior, marcados por esse intercâmbio além-fronteiras (fora do mundo intelectual). Outra

³⁵ Informações da publicação de Paulo Daniel Roza da Luz, feita em 04/07/2016 às 20:31. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/200067910008046/posts/1340347635980062/>. Acesso em 04/05/2023 às 09:59.

³⁶ A descrição de quais árvores havia próximo ao Três de Maio está no comentário de Edegar Da Silva Silva feito em 12/05/2014 às 12:37, na própria publicação feita em 06/05/2014 às 15:03. A fonte das informações é a matéria de capa “Ranchos – um pedaço da tradição” na edição de junho de 1969 do periódico escolar “O Agro-Técnico”. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/686694734740338/?comment_id=689581157785029. Acesso em 01/05/2023 às 11:28.

³⁷ Trecho do comentário feito por Edegar Da Silva Silva em 15/09/2016 às 12:48, na publicação de Marisa Colombo em 15/09/2016 às 10:18. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/1156795061063634/?comment_id=1156883174388156. Acesso em 10/05/2023 às 11:42.

³⁸ Como a Sociedade Lomba-Grandense, que adotou a sigla CTG em 1959 (Zalla, 2010, p. 142). Outras agremiações, como as de Santa Cruz e Encruzilhada, duraram pouco tempo (p. 141) – reflexo das primeiras décadas da república brasileira, marcadas por (re)definições e disputas entre regionalismos divergentes (Zalla, 2022, p. 23).

entidade encontrada com o título “fogão” é o Fogão e Piquete Negrinho do Pastoreio, em Santana do Livramento-RS³⁹. Fundado em 14/09/1978, bem depois dos fogões da ETA, sua estrutura, atividades e organização administrativa são similares a de um CTG; mas a inspiração do nome provavelmente veio do “fogón” no lado uruguaio da fronteira.

Nos anos 40, existiram mais dois fogões: o Bagé, localizado atrás da Secretaria e demolido para a construção da sede de Agroindústria da ETA (posteriormente CPETA, Centro dos Professores da ETA)⁴⁰; e o Cachoeira, em local desconhecido⁴¹. Os nomes provavelmente se devem às cidades de origem dos fundadores, tal como o São Jerônimo. Os dois primeiros fogões, nos anos 40, ganharam cobertura e paredes para deixar os alunos menos expostos a fatores climáticos como sol, chuva e vento⁴², surgindo os ranchos tal como eram conhecidos. O São Jerônimo foi refundado como rancho em data disputada: teria sido em 29/05/1929⁴³ ou outubro deste mesmo ano⁴⁴, ou até mesmo em 1939⁴⁵. Mozart Pereira Soares, em ocasião de um dos Encontros de Estudos Sul-Rio-grandenses⁴⁶, conta que a “sede” do São Jerônimo (o rancho em si) teria sido construída um pouco mais abaixo de onde era o fogão homônimo⁴⁷, versão

³⁹ Esse fogão tem uma página no Facebook, com divulgação dos eventos realizados, assim como algumas informações e fotos sobre a fundação do fogão. Página disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100063126825546> Acesso em 23/08/2023 às 18:57.

⁴⁰ De acordo com o relato do ex-aluno Juraci Jacques Pascotto, presente no comentário de Edegar Da Silva Silva, em comentário feito em 15/09/2016 às 12:44, na publicação de Marisa Colombo feita em 15/09/2016 às 10:18. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/1156795061063634/?comment_id=1156881371055003 Acesso em 10/05/2023 às 11:42.

⁴¹ O Cachoeira, assim como o Bagé, é mencionado no comentário de Guilherme Stockey feito em 25/03/2011 às 07:27, na publicação de Marisa Colombo feita em 15/09/2016 às 10:18. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/119886671421150/?comment_id=119954878080996 Acesso em 10/05/2023 às 16:17.

⁴² De acordo com um trecho da descrição no verso da capa do CD número 57 da série “Resgate da História da ETA”, que contém a gravação do quadro homônimo no programa Documentário, na Rádio Osório FM. A capa do CD foi publicada por Edegar Da Silva Silva em 14/05/2018 às 17:08, disponível no seguinte link: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/1753096824766785/> Acesso em 01/05/2023 às 15:11.

⁴³ Mesmo comentário da nota acima.

⁴⁴ Mesmo comentário da nota 42.

⁴⁵ De acordo com a publicação de Paulo Daniel Roza da Luz, feita em 04/07/2016 às 20:31, é citado o ano de 1939 como de fundação do São Jerônimo enquanto rancho – além disso, comenta que essa versão “foi contada pessoalmente em um dos encontros Sul-Riograndenses que a ETA realizava, pelo professor Mozart Pereira Soares”. Publicação disponível em: <https://www.facebook.com/groups/200067910008046/posts/1340347635980062/> Acesso em 04/05/2023 às 09:59. No livro de Soares (1997, p. 172), é posta a fundação do São Jerônimo enquanto fogão em 1919, e enquanto rancho “por volta de 1940”.

⁴⁶ Esses encontros foram realizados de 1980 a 1997, no CTG Vaqueanos da Cultura – serão melhor explicados posteriormente.

⁴⁷ De acordo com a publicação de Paulo Daniel Roza da Luz, feita em 04/07/2016 às 20:31. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/200067910008046/posts/1340347635980062/> Acesso em 04/05/2023 às 09:59.

essa também contada pelos componentes mais velhos ao visitarem os componentes de 1961 a 1963 do rancho⁴⁸.

Mesmo o local onde ficava o fogão é disputado: teria surgido no Instituto Borges de Medeiros (no bairro Agronomia, em Porto Alegre), e depois reaparecido próximo à histórica figueira por volta de 1940 (quando o curso de Capatazes Rurais já tinha sido transferido para o Passo do Vigário)⁴⁹. Essa figueira teria caído entre os anos 2000 e 2001, por conta de um raio⁵⁰. O Três de Maio teria surgido como rancho no mesmo lugar do fogão, em 1944⁵¹ ou 1942⁵². Além disso, nos relatos sobre os anos 40, percebe-se que os termos “rancho” e “fogão” são intercambiáveis⁵³: provavelmente era uma fase de transição, sem um conceito ainda consolidado entre todos os alunos. Mas, nos anos 50, surgem mais ranchos (já com esse termo)⁵⁴: três em 1954 – Gaudério (1954)⁵⁵, Saudade (10/10/1954), Estrela do Sul (11/11/1954) – e o Real Rancho Minuano em

⁴⁸ É o que Antonio Carlos Schetert Silveira comenta em 05/07/2016 às 09:59, na publicação de Paulo Daniel Roza da Luz em 04/07/2016 às 20:31. Comentário disponível em: https://www.facebook.com/groups/200067910008046/posts/1340347635980062/?comment_id=1340692935945532 Acesso em 04/05/2023 às 09:59.

⁴⁹ Soares (1997) escreve que a origem do São Jerônimo se baseia em “*uma vaga tradição*”, e que “*não se registraram o local de sua sede material, sua composição e sua duração*” – mas, “*com o retorno do Curso de Capatazes [...] para o vale da Agronomia em Porto Alegre, sua existência apagou-se*” (Soares, 1997, p. 172). A informação de que teria surgido no Instituto está no comentário de Edegar Da Silva Silva, feito em 15/09/2016 às 12:44, na publicação de Marisa Colombo feita em 15/09/2016 às 10:18. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/1156795061063634/?comment_id=1156881371055003 Acesso em 10/05/2023 às 11:42.

⁵⁰ Informação contada no comentário de Paulo Daniel Roza da Luz, feito em 05/07/2018 às 20:39, na própria publicação feita em 04/07/2018 às 19:11. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/1816069141802886/?comment_id=1817619734981160 Acesso em 24/08/2023 às 16:05.

⁵¹ É o que indica a matéria de capa “Ranchos – um pedaço da tradição”, na edição de junho de 1969 do periódico “O Agro-Técnico”, citada no comentário de Edegar Da Silva Silva feito em 12/05/2014 às 12:37, na própria publicação feita em 06/05/2014 às 15:03. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/686694734740338/?comment_id=689581157785029 Acesso em 01/05/2023 às 11:28.

⁵² Como consta na publicação de Edegar Da Silva Silva em 30/04/2015 às 16:32. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/871038849639258/> Acesso em 04/10/2023 às 12:56.

⁵³ Como se percebe no comentário de Guilherme Stockey, feito em 12/05/2014 às 10:31, na publicação de Edegar Da Silva Silva em 06/05/2014 às 15:03. Comentário disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/686694734740338/?comment_id=689530521123426 Acesso em 01/05/2023 às 11:28.

⁵⁴ O fato de aqueles primeiros ranchos terem se multiplicado nos anos 50, e principalmente nos anos 60 e 70, tem a ver com o que Rada e López (2012, p. 35) percebe sobre as iniciativas pela voz do alunado: as experiências de menor âmbito podem se expandir ao se tornarem cotidianas em uma comunidade.

⁵⁵ De acordo com a publicação de M.H. em 14/08/2012 às 02:43. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/358018787607936/> Acesso em 04/10/2023 às 13:03.

11/08/1957⁵⁶. A data do “Intrevero” é disputada: teria sido em novembro de 1948 (como os próprios componentes passavam de geração em geração)⁵⁷ ou em 1950⁵⁸. Essa diferença de datas, tal como no São Jerônimo, se dá pelo que o ex-aluno consegue lembrar de seu período ou desde qual ponto era considerado, exatamente, um rancho. De acordo com Eloy Junges (aluno entre 1959 a 1961), teria existido um “Rancho Seringueiras”, que foi extinto provavelmente ainda por essa época⁵⁹. O Real Minuano teria surgido, de acordo com José Carlos Nunes, a partir do Fogão Sinuelo que, provavelmente, foi criado nos anos 50⁶⁰.

2.3.2 Anos 60 a 80: e foram surgindo mais ranchos

Nos anos 60, teve a primeira grande leva de ranchos. Os primeiros ranchos da década foram em 1962: M.M. Deko (06/10), Solar dos Inocentes (12/10), Amizade (24/10), Tamanco Velho (15/11) e Quero-Quero (data indefinida). Em 1963, os ranchos Ventania (24/08) e Castelo do Frankstein (09/11); em 1964, só o Uirapuru (04/10); em 1965, os ranchos Inferninho (22/04), Fronteira (11/05), Centauro (25/06) e Granada (10/11); e em 1966, o Farroupilha (03/06), Sinuelo (06/06) e Planalto (07/09)⁶¹. O

⁵⁶ Informação presente em um trecho do texto no verso da capa do CD nº 57 da série “Resgate da História da ETA”, em um parágrafo com as datas de fundação da maioria dos ranchos da ETA. A imagem do verso da capa foi publicada por Edegar Da Silva Silva em 14/05/2018 às 17:08. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/1753096824766785/> Acesso em 01/05/2023 às 15:11.

⁵⁷ Como relata Éverton Borges Raupp com publicação feita em 22/09/2014 às 21:26. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/184698071570081/posts/826108297429052/> Acesso em 30/04/2023 às 03:13.

⁵⁸ Informação presente em um trecho do texto no verso da capa do CD nº 57 da série “Resgate da História da ETA”, em um parágrafo com as datas de fundação da maioria dos ranchos da ETA. A imagem do verso da capa foi publicada por Edegar Da Silva Silva em 14/05/2018 às 17:08. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/1753096824766785/> Acesso em 01/05/2023 às 15:11.

⁵⁹ Mesmo comentário da nota acima.

⁶⁰ Relato em comentário feito em 12/08/2012 às 22:03, na publicação de Milton Machado feita em 12/08/2012 às 21:51. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/357594017650413/?comment_id=357596640983484 Acesso em 10/05/2023 às 04:37.

⁶¹ Informação presente em um trecho do texto no verso da capa do CD nº 57 da série “Resgate da História da ETA”, em um parágrafo com as datas de fundação da maioria dos ranchos da ETA. A imagem do verso da capa foi publicada por Edegar Da Silva Silva em 14/05/2018 às 17:08. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/1753096824766785/> Acesso em 01/05/2023 às 15:11.

Ventania foi refundado em 18/11/1969, um pouco mais abaixo do anterior (que passou a ser chamado de “ranchinho”)⁶².

Na ilha próxima ao Real Rancho Minuano, em meio ao açude, João Carlos Bicca Zanaritti e um grupo de amigos tentaram fundar um rancho – mas a direção proibiu, pelo risco da proliferação de doenças como micose⁶³. Nos anos 50 e 60, é possível perceber que vários ranchos surgiram em um mesmo ano, provavelmente por conta de um aumento no número de alunos da ETA nesses anos⁶⁴. Evidentemente, cada rancho também surgiu com características específicas: o Granada surgiu em um pequeno espaço para estudo, que acabou se ampliando “*de grão em grão*”, por isso o nome (E.M.); o Fronteira surgiu com alunos advindos da região de fronteira do RS com o Uruguai⁶⁵; e o Ventania foi fundado por iniciativa de dois colegas, Evaristo Pereira Rolim e José Adelson Junqueira (“Violeta”), que costumavam chimarrear em uma casinha de concreto e ferramentas usada na construção do refeitório da ETA. Nela, os dois colegas usavam um fogão de chapa e restos de tijolos da obra do refeitório⁶⁶.

Interessante acrescentar que, nessa década, surgiram ranchos também no Mestria Canadá – ou seja, a ETA não foi a única escola com ranchos. No entanto, os alunos que fundaram e frequentaram esses ranchos não eram só do Canadá, mas também da ETA: isso se deu por conta de alunos da ETA que tinham por dormitório o “Casarão”⁶⁷

⁶² De acordo com o comentário de Raul José Assmann em 12/08/2012 às 09:59, na publicação de Milton Machado em 12/08/2012 às 21:51. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/357594017650413/?comment_id=357764930966655 Acesso em 10/05/2023 às 04:37.

⁶³ É um relato de João Carlos Bicca Zanaritti, trazido na publicação de Milton Machado feita em 29/08/2012 às 20:27. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/363386830404465/> Acesso em 10/05/2023 às 11:29.

⁶⁴ Isso se baseia nas informações do capítulo 23, “Safrá”, no livro de Mozart Pereira Soares sobre a ETA (1997, p. 205): de 1914 a 1928 existiu o curso de Capatazes Rurais, com 152 alunos formados; de 1930 a 1946, o curso de Técnicos Rurais, com 225 formados; e de 1947 em diante, cinco cursos técnicos: de Agricultura (até 1993, 647 formados), Horticultura (até 1963, 107 formados), Zootecnia (até 1963, 137 formados), Laticínios (até 1963, 65 formados), Pecuária (até 1993, 300 formados) e Agricultura (até 1993, 647 formados).

⁶⁵ Milton Machado comenta em 19/09/2015 às 00:01, na sua própria publicação feita em 17/09/2015 às 21:39, os nomes dos fundadores do Rancho Fronteira e suas cidades de origem. Comentário disponível em: https://www.facebook.com/groups/187860067903279/posts/1006342859388325/?comment_id=1006838336005444 Acesso em 31/08/2023 às 19:12.

⁶⁶ Essa informação foi extraída do relato de Evaristo Pereira Rolim, disponível na publicação de Jane Gonçalves em 21/10/2013 às 09:18. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/191023964249050/posts/683118385039603/> Acesso em 31/08/2023 às 19:21.

⁶⁷ É o que Jose Jorge Ramos Kochenborger relata por comentário em 30/07/2014 às 22:04, na sua própria publicação em 30/07/2014 às 15:08. Disponível em:

(antigo edifício da Escola de Engenharia de Porto Alegre, na entrada do Canadá⁶⁸). Eis os ranchos, do que se conhece: Daga Véia⁶⁹ e Tertúlia dos Baiquaras⁷⁰. O primeiro, em 1966-1967, era frequentado por dois alunos da ETA (um deles é o E.J.B., que foi para o Centauro); e o segundo, em 1964, também por dois: um deles era Jose Jorge Ramos Kochenborger que, quando passou a se alojar na ETA, foi um dos fundadores do Uirapuru. Sr. Ravardièrre e Sr. José, em entrevista para a dissertação de Dalpiaz (2005, p. 203), explica sobre esses ranchos no Canadá: os dois faziam parte de um grupo denominado “Decos” (dos quais só os fundadores sabem o significado desse nome) nessa escola. Quando foram estudar na ETA, fundaram o M.M. Rancho Deko. Outros ranchos teriam seguido o mesmo destino, assim como o CTG.

O grupo dos Decos e a ligação entre o Uirapuru e Tertúlia dos Baiquaras mostram uma via dupla nos ranchos dos anos 60: os que surgiram no Canadá provavelmente foi por inspiração àqueles criados nos anos 50, na ETA. Como uma parte dos alunos da ETA, ao fim dos anos 50 e início dos 60, tiveram que se alojar no “Casarão” do Canadá, criaram ranchos ali para ter a mesma experiência que os ranchos na ETA; passando a se alojar na ETA, fundaram ranchos próprios, como é o caso do Uirapuru. O aumento no número de alunos causou a segunda leva de ranchos, nos anos 70, menor que a dos anos 60. Em 1972, tal aumento fez com que vários alunos ficassem sem ranchos⁷¹; no entanto, em 1974, surgiram três: Figueirinha (04/05), Chaparral (22/05) e Guarani (01/10). No ano seguinte, mais um: Sepé Tiaraju (13/04/1975); três anos depois, mais um, o Querência (10/06/1978); e em 1979, dois ranchos: Laredo (12/06) e Bonanza (23/04)⁷². Nos anos 70 (em data incerta), surgiu também o chamado “rancho das meninas” (A.C.): a Baiúca, conhecida inicialmente como Sala da Mônica⁷³ (G.R.).

https://www.facebook.com/photo/?fbid=341579435992882&set=a.648026731910605&comment_id=341717455979080 Acesso em 07/05/2023 às 11:17.

⁶⁸ O “Casarão”, de acordo com Dalpiaz (2005, p. 106), é um edifício da Escola Canadá fundado quando ainda era a Estação Experimental do Instituto de Agricultura e Veterinária da Escola de Engenharia de Porto Alegre – estação essa criada em 1918. O “Casarão” foi usado como dormitório para os alunos da ETA entre 1957 a 1959 (p. 127; 132).

⁶⁹ E.J.B. publica em 25/03/2012 às 16:49 uma foto desse rancho com seus componentes em 1966-1967, com seus nomes e respectivas cidades de origem. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/203460473001169/posts/414346211912593/> Acesso em 28/04/2023 às 17:42.

⁷⁰ Uma foto desse rancho foi publicada por Antonio Ranzolin em 30/07/2014 às 01:26. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=812087585489180> Acesso em 02/10/2023 às 17:06.

⁷¹ Isso em teoria, pois na prática adotaram o CTG Vaqueanos da Cultura como rancho – isso será explicado mais adiante.

⁷² Essas datas estão presentes em um trecho do texto no verso da capa do CD nº 57 da série “Resgate da História da ETA”, em um parágrafo com as datas de fundação da maioria dos ranchos da ETA. A imagem

A ETA, até 1961, era uma escola exclusivamente masculina: a primeira aluna mulher foi Zara Souza Kornelius, formada em 1964⁷⁴. Ao longo dos anos, foram entrando algumas mulheres em cada turma, mas sempre eram minoria⁷⁵. Além disso, o internato era e é ainda masculino, e as mulheres eram semi-internas – e um dos critérios para fazer parte dos ranchos era ser interno⁷⁶. Desse modo, a Baiúca/Mônica tornou-se a alternativa para as mulheres: era uma sala no terceiro pavilhão das salas de aula, em frente ao CECAT⁷⁷. Pelas poucas informações sobre, sabe-se que existiu dos anos 70 (G.R. fez parte, em 1977) até o início dos anos 90 – J.P. fez parte em 1990, mas não existia mais em 1996⁷⁸. G.R. relata que as características eram semelhantes a de um rancho: “Tinha, assim, umas coisas no chão pra gente sentar, tinha cadeira, tinha essas coisas, assim, pra nós ali”; J.P. acrescenta que “nós tínhamos um armário – e guardávamos as nossas coisas...!”.

Foi nos anos 80, que surgiram os últimos ranchos da Zona do Vento e quase todos da baixada na Zona do Sapo – os dois restantes dessa baixada surgiram nos anos 80, em datas díspares: Cacimba Velha (06/09/1982)⁷⁹ e Tropeiro (20/09/1987)⁸⁰. Ainda nos anos 80, as greves que ocorreram na ETA afetaram a rotina dos ranchos – o Real

do verso da capa foi publicada por Edegar Da Silva em 14/05/2018 às 17:08. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/1753096824766785/> Acesso em 01/05/2023 às 15:11.

⁷³ O termo Baiúca foi o mais presente, sendo usado por J.P., A.C., E.M., V.B. e G.R.; mas na publicação de Milton Machado em 12/11/2011 às 16:29, com uma enquete para saber quantos membros do grupo da ETA no Facebook eram de cada rancho, ele incluiu a opção “Sala da Mônica” (disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/200501380026345/> Acesso em 02/10/2023 às 17:40) – G.R. chega a usar esse termo para se referir à Baiúca.

⁷⁴ Limberger, 2011, p. 51.

⁷⁵ Vários relatos, de ex-alunos e ex-alunas, apontam a isso: D.R. relata que “éramos em 14 só, em toda a escola”; e G.R. relembra que era a única mulher em uma sala com uns 40 homens. J.T. aponta que era “uma meia dúzia”, dizendo saber que depois teria aumentado o número.

⁷⁶ As razões desse critério serão exploradas no capítulo seguinte.

⁷⁷ J.P. relata que a Baiúca era “uma sala, ali no canto da escola” – e na entrevista com G.R., que foi realizada na ETA, ela mostra qual sala era.

⁷⁸ Silvane Nunes comenta em 03/10/2013 às 18:46, na publicação de Paulo Ries Guimaraes em 02/10/2013 às 16:07, que quando entrou na ETA em 1996 tinha 31 ranchos mais a Baiúca, que não existia mais. Comentário disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/574291609313985/?comment_id=574912109251935 Acesso em 11/05/2023 às 04:56.

⁷⁹ Na informação presente em um trecho do texto no verso da capa do CD nº 57 da série “Resgate da História da ETA”, em um parágrafo com as datas de fundação da maioria dos ranchos da ETA, consta como 06/09/1972 – provavelmente um erro de digitação. A imagem do verso da capa foi publicada por Edegar Da Silva em 14/05/2018 às 17:08. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/1753096824766785/> Acesso em 01/05/2023 às 15:11.

⁸⁰ De acordo com o comentário de Alex Kologeski em 03/09/2017 às 17:58, na publicação de Marisa Colombo em 03/09/2017 às 14:39. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/1506824622727341/?comment_id=1506954999380970 Acesso em 29/05/2023 às 09:57.

Rancho Minuano, que já tinha sido fechado temporariamente em 1982 por má conduta de alguns componentes, sofreu com a longa greve de 1985.

2.3.3 Anos 90: Intervenções e fim dos ranchos

Após a queda do diretor Irvan, em 1989, começou o que A.C. denomina de “*derrocada dos ranchos*”. As greves de 1990 e 1991, também afetaram o cotidiano nos ranchos. A intervenção de Neuza Canabarro, em 1992, foi vista por A.C. como “*a mesma coisa que tu botar [...] uma pessoa aqui dentro pra resolver a minha vida. Tu não conhece a minha história, tu não conhece o que se passa aqui dentro, não conhece a cultura da minha casa*”. No mesmo ano, a suspensão da entrada de novos alunos – que teria sido por conta de trotes (V.B.) – também afetou bastante os ranchos, pois estes tinham um ciclo similar ao das escolas: os mais velhos se formam e saem, e entram os mais novos, mantendo vivo o rancho. Desse modo, a suspensão foi vista por alguns como uma forma de apagar “*o legado que os antigos alunos deixavam*”⁸¹.

Além disso, no mesmo ano, os ranchos teriam sido suspensos até 1993 (J.P., V.B.), quando reabriram de forma mais limitada:

“Só que aí não podia mais nada, né... [...] Era só, assim... Só visitaçãõ, uma coisa muito formal, assim... [...] Os ranchos já tavam, eram só... Basicamente, uma coisa só cenogrãfica, já nessa época... [...] Não se podia... Toda aquela questãõ, de... Do ajuntamento nos ranchos, da galera que vivia o tempo todo lá, e coisa e tal...” (V.B.)

Nessa mesma época, três ranchos foram extintos por incêndio: Real Rancho Minuano, em 1992⁸²; Farroupilha, entre 1992 e 1994⁸³; a Baiúca, na mesma época⁸⁴; e o

⁸¹ Essa é a perspectiva que Alex Kologeski comenta em 04/03/2021 às 00:23, na publicação de Sandra Morais em 03/03/2021 às 10:20 – disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/3827753990634381/?comment_id=3829295733813540 Acesso em 04/05/2023 às 17:52. Em Soares (1997, p. 205), essa intervenção é descrita como uma das poucas ocasiões que não se formaram alunos na ETA; e ocorreu pela administração e os cursos estarem “*sob investigação determinada pelo Governo do Estado, fase em que também foi objeto de remodelação e reequipamento de alguns setores*”.

⁸² Como relatado por J.P. e V.B. – ambos acreditam ter sido um incêndio provocado por alguém. No entanto, as motivações do incêndio não serão discutidas aqui, pela impossibilidade de comprovar a autoria.

⁸³ Não foram encontradas informações exatas sobre o fim desse rancho, sendo possível somente deduzir a partir dos relatos: existiu ao menos até 1992, quando J.P. se formou, ou 1993, quando V.B. se formou – ambos reconhecem a existência do Farroupilha; e já não existia em 1995, ano em que M.P. entra na ETA. Luís Mário Taschetto Perlini, em comentário feito em 07/05/2023 às 16:52, em resposta ao comentário de Igor Viana Schulz em 07/05/2023 às 16:13 (por sua vez no comentário de Luís Mário Taschetto Perlini

Ventania, na metade dos anos 90⁸⁵. Curiosamente, surgiu o que pode ser considerado o último “rancho”, mas fora da ETA: o Rancho Macate, no Mestria Canadá, em 1992 ou 1993. Seu nome era composto das iniciais de seus componentes; e durou só três meses, pois os professores descobriram essa iniciativa e mandaram demolir (M.P.). Além dessa, também havia outra forma de organização dos alunos do Canadá naquela época, também às margens das normas: as “academias de luta”. E.R.S. menciona elas como equivalente aos ranchos, mas envolvendo lutas físicas no meio do mato. Não chegou a ser proibido de primeira, pois havia até um professor envolvido. Essas academias provavelmente envolviam os “clãs”, uma possível herança daqueles grupos dos anos 60 que foram para a ETA, como os Decos: os Ninjas, os Cavernas e os Colonos⁸⁶.

Mas, diferente dos Decos, não formaram ranchos na ETA. Ainda em abril de 1994, chegou a ser realizado um “Seminário sobre os Ranchos da ETA”, promovido pela escola (sob direção da prof.^a Neusa Gomes Marques). Foi feito um “breve histórico dos ranchos e CECAT” (Centro dos Estudantes dos Cursos Agro-Técnicos), e o debate foi orientado em quatro temas: relação entre escola, ranchos e CECAT; sentido e importância dos ranchos na ETA; como os ranchos podem fortalecer a proposta pedagógica na escola; e como podem contribuir para melhor convivência e segurança interna. Foi produzido um relatório ao final, atualmente perdido; e o lema lançado ao final foi: “Que este seminário contribua para o resgate dos ranchos. Com consciência! Com maturidade...”⁸⁷. No entanto, a interdição da escola em 1998 por 30 ou 40 dias

em 07/05/2023 às 16:08, e na publicação de Igor Viana Schulz em 07/05/2023 às 12:15), afirma ter recebido a notícia de que “um incêndio destruiu o rancho”. Comentário disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/6205956592814097/?comment_id=6206542242755532&reply_comment_id=6206644276078662 Acesso em 07/05/2023 às 17:02. [atualmente indisponível]

⁸⁴ Também não há informações exatas do fim da Baiúca, sendo possível deduzir a partir dos relatos: existiu ao menos até 1992, quando J.P. se formou, ou 1993, quando V.B. se formou – ambos citam a Baiúca; e já não existia em 1995, ano em que M.P. entra na ETA e desconhece o nome Baiúca.

⁸⁵ Já estava queimado quando Silvano Nunes entrou na ETA, de acordo com o seu comentário de 03/10/2013 às 18:46, na publicação de Paulo Ries Guimaraes em 02/10/2013 às 16:07.; e Milton Machado, por comentário feito em 03/10/2013 às 18:56, na mesma publicação, confirma isso. Publicação disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/574291609313985/> Acesso em 11/05/2023 às 04:56

⁸⁶ É o que Luiz Acosta relembra com comentário feito em 06/01/2022 às 22:29, na publicação de Rafael Nunes Ramos em 01/10/2020 às 01:42. Link do comentário: https://www.facebook.com/groups/715074778602576/posts/3134966913280005/?comment_id=4475578349218848 Acesso em 26/05/2023 às 10:56..

⁸⁷ As informações sobre esse seminário foram extraídas da publicação de Edegar Da Silva Silva feita em 05/05/2016 às 08:36. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/1062611280482013/> Acesso em 01/05/2023 às 14:22.

também levou ao fechamento de ranchos (E.R.S., D.R.), e em agosto de 1999 mais um fechamento⁸⁸ que, em dezembro do mesmo ano, se fez definitivo⁸⁹.

O fechamento definitivo foi resultado de uma reunião ocorrida na ETA, em 20/12/1999, com uma comissão constituída pela direção da Suepro – Superintendência da Educação Profissional, para avaliar a situação dos trotes na ETA. Foi reconhecida a existência de trotes violentos, e os ranchos foram considerados polos irradiadores. Assim, a SEC (Secretaria Estadual da Educação) proibiu os trotes sob pena de suspensão ou transferência. Também ficaria estabelecida a realização de uma semana para acolhida dos calouros nas escolas, com atividades esportivas e artísticas. No entanto, foram estabelecidas condições para que os ranchos pudessem ser reabertos: a inclusão dos mesmos à proposta pedagógica da escola, a administração direta da escola e a reconstrução deles em áreas mais próximas aos prédios da escola. Tais medidas tiveram a discordância do diretor da escola, o Prof. Paulo Gilberto Cardoso Goulart, e os ranchos estão proibidos aos alunos até hoje⁹⁰.

Esse processo do fechamento não foi encarado de forma passiva pelos alunos: houve mobilizações contrárias, diferentes reações na época e variadas percepções sobre os motivos para encerrar 60 anos de história dos ranchos. Vale aqui trazer algumas percepções dessa situação: há o argumento da incompetência perante os problemas dos ranchos – uma incompetência dos secretários de educação e da sociedade brasileira que “*largaram as rédeas*”⁹¹, ou mesmo da diretoria⁹². Também há o argumento da intencionalidade: na visão de alguns alunos que vivenciaram o fechamento, “*alguns membros da direção*” desejavam o fechamento, assim como alguns professores⁹³; do

⁸⁸ Foi noticiado na edição do dia 02/08/1999 do jornal Zero Hora, sob o título “*Aulas se reiniciam com ranchos fechados*”. A reportagem foi publicada como foto por Edegar Da Silva em 28/02/2014 às 18:32. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=451637221635616> Acesso em 02/10/2023 às 19:44.

⁸⁹ De acordo com reportagens da Zero Hora publicadas por Edegar Da Silva feita em 31/01/2015 às 17:46. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/825055154237628/> Acesso em 05/05/2023 às 01:00.

⁹⁰ Mesma publicação da nota acima.

⁹¹ É a opinião emitida no comentário de Elidio Valmiro Linck, feito em 31/01/2015 às 20:06, na publicação de Edegar Da Silva em 31/01/2015 às 17:46. Comentário disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/825055154237628/?comment_id=825103530899457 Acesso em 10/11/2023 às 17:39.

⁹² É o que Anderson Alberton comenta em 14/09/2012 às 13:36, na publicação de Milton Machado em 14/09/2012 às 13:20. Comentário disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/369008563175625/?comment_id=369013166508498 Acesso em 09/05/2023 às 10:58.

⁹³ Fábio Azevedo (formado em 1999), em comentário de 12/07/2015 às 10:43 (na publicação de Edegar Da Silva em 11/07/2015 às 15:30), argumenta que os ranchos foram fechados por esse motivo – e

governador Olívio Dutra à época; ou da maioria dos governos à época, rebatendo o argumento anterior⁹⁴.

“não como dizem e alegam que foi por movido de uso de drogas”. Comentário disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/908274665915676/?comment_id=908688202540989 Acesso em 30/04/2023 às 18:56. A mesma visão também foi expressada por M.T.L., D.R. e E.R.S. (que vivenciaram o fechamento dos ranchos).

⁹⁴ Os dois pontos de vista foram expressos em comentários na publicação de Edegar Da Silva Silva feita em 31/01/2015 às 17:46. A primeira opinião, sobre o governo Olívio, foi expressa por Ernani A. Weiss em 15/02/2015 às 06:27; e a segunda opinião, sobre os governos em geral, foi expressa por Gelso Job em 15/02/2015 às 13:32. Publicação disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/825055154237628/> Acesso em 05/05/2023 às 01:00.

3 CAPÍTULO II: Identidades e Sociabilidades Estudantis

Até agora foram analisados os ranchos enquanto espaço físico, e uma periodização deles. Foi mencionado, também, que eram espaços inicialmente fundados como “fogões”, para momentos de lazer e estudo. Mas como era o cotidiano dos alunos nos ranchos propriamente ditos? Em vários relatos, os ranchos são definidos como um “segundo lar”: formava-se uma nova família com os colegas, suprimindo a distância dos pais no internato⁹⁵. Era como uma casa (A.C.), pois era um espaço para festas, estudar, limpar, fazer comida, cantar, escrever, pintar, descansar, conversar e aprender mutuamente (J.P., V.B.); tinham suas próprias filosofias e alunos destacados no esporte e na música⁹⁶, seus afetos e desafetos, “sua história e suas estórias”⁹⁷. Isso fazia com que a ETA, para alguns, fosse considerada não só uma escola de ensino médio, mas sim uma escola para a vida (A.C.). Essa rotina confundia-se com a do cotidiano escolar ao todo, pois eram atividades também realizadas em outros ambientes da escola; mas era sobretudo nos ranchos e com contornos próprios, pois era em um espaço para chamar de seu (M.P.) – estava envolvida a ideia de propriedade, tanto no sentido de cuidar como de assumir esse espaço nas suas qualidades e defeitos (A.C.).

Os ranchos da ETA se constituíam, assim, como iniciativa dos alunos (sobretudo internos, como se verá logo mais) para suavizar a vida de internato, e era “fruto de sua época” (V.B.). Situação similar ocorreu na Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão (SE): *“através do centro social, transformado em grêmio estudantil na década de 1960, eles organizavam atividades suavizantes, como os bailes, os torneios de futebol, passeios, etc. Também eram comuns as ‘escapadas’ pela grande área fundiária do estabelecimento em busca de frutas, um banho de rio”* (Conceição, 2007, p. 9). Os ranchos seriam como os centros sociais dos alunos, mas paralelo e complementar ao grêmio estudantil da ETA, o CECAT – um espaço com atividades similares aos do

⁹⁵ Como no artigo “**R R N**”, escrito por Norberto Boza (“Taquara”) – *Anuário Minuanense*, 5ª ed., 1974, p. 5). Salvador (2011, p. 37), no contexto do IFES – Campus Itapina, cita alguns alunos que achavam ruim ficar longe da família às vezes, e somente um se sentia bem assim.

⁹⁶ É a definição que E.J.B. faz no seu comentário em 20/09/2011 às 00:47, na publicação de Milton Machado em 19/09/2011 às 18:34. Link do comentário: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/177849175624899/?comment_id=177974262279057 Acesso em 01/05/2023 às 20:37.

⁹⁷ Trecho do comentário de José Carlos Nunes em 21/06/2011 às 14:21, na publicação de Milton Machado em 18/06/2011 às 21:23. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/138085222934628/?comment_id=138710849538732 Acesso em 01/05/2023 às 10:39.

rancho e outras diferentes, mas em um formato completamente diferente⁹⁸. Os ranchos seriam, também, como uma “escapada” pelos bosques da ETA, uma experiência “meio de acampamento” (V.B.).

Essas “famílias” dos ranchos eram compostas de quatro até doze alunos, presentes nos três anos de curso da ETA⁹⁹, variando o número de tempo em tempo: uns saíam e outros entravam, para mais ou para menos; e outros não eram membros fixos. A idade dos componentes variava bastante: de 16 até 27 anos¹⁰⁰ – ao longo das décadas, a idade média teria diminuído¹⁰¹. Ser membro de um rancho não era um processo aleatório e totalmente livre: havia um conjunto de ritos que orientavam a entrada (ou não) de um aluno em algum rancho, e hierarquias que orientavam o cotidiano dentro dos ranchos (e às vezes fora também). Formava-se, assim, um ciclo pelo qual seria possível fazer uma linha sucessória desde os fundadores até os últimos membros – e além das marcas que a vivência em rancho deixava em cada um (sejam boas ou ruins), suas informações ficavam registradas na parede¹⁰², tábuas¹⁰³ ou agenda¹⁰⁴ do rancho: o nome, o apelido, a

⁹⁸ De acordo com a reflexão de Milton Machado, em sua publicação de 13/04/2012 às 23:40. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/292568660819616/> Acesso em 03/10/2023 às 01:55.

⁹⁹ Quatro (M.T.L.), seis ou sete (M.P.), oito (E.M.), dez ou doze componentes (D.R.), abrangendo coelgas dos três anos de curso (E.J.B.). Novamente comparando com o IFES – Campus Itapina, nele o dormitório se organizava do seguinte modo: três residências de doze quartos, com oito a dez alunos em cada – de acordo com a série e curso; banheiros com divisórias, camas de alvenaria para oito alunos e de aço para dez, e armários de aço para cada aluno (Salvador, 2011, p. 10).

¹⁰⁰ M.H. e G.R. entraram na ETA com 17 anos, e J.T. entrou com 16 ou 17 anos – já J.C. entrou com 27 anos. A nível de comparação, na Escola Agrícola de Urutá (GO), a média de idade dos alunos era entre 12 a 17 anos (Issa, 2014, p. 80).

¹⁰¹ J.C., D.R., A.C., V.B.

¹⁰² Geralmente nos tijolos em volta da lareira – um exemplo é o do Rancho Amizade, como consta nas fotos pós-fechamento dos ranchos publicadas por Flávio Lima em 16/04/2013 às 19:33. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/224010970963815/posts/566297560068486/> Acesso em 28/04/2023 às 10:29. D.R. explica que o nome dos componentes era registrado nos tijolos em ocasião da primeira festa após a formatura – no caso do Rancho São Jerônimo, com festa no início do ano; e V.B. relembra que os colegas pediam para ele pintar o tijolo, quando estavam prestes a se formar.

¹⁰³ Geralmente mais de uma, na parte de cima da parede da lareira; e eram de madeira – um exemplo são as do Rancho Tamanco Velho (como na foto publicada por Paulo Cesar Luz em 20/04/2012 às 21:13, tirada em 1992 – disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/298346636908485/> Acesso em 02/10/2023 às 16:36). Em alguns ranchos, como o Granada, usavam placas quando não cabia mais nomes nas paredes (E.M.).

¹⁰⁴ Era o caso de, ao menos, quatro ranchos: o Três de Maio, com agendas desde 1972 (ao que indica o comentário de Joacir Assis em 25/04/2017 às 17:42, na publicação de Paulinho Inácio em 11/03/2017 às 20:56 – disponível em: https://www.facebook.com/groups/197003033658573/posts/1855374377821422/?comment_id=1935140393178153 Acesso em 04/05/2023 às 14:35), e que não registrava informações em placas ou na parede; o Laredo (M.T.L.); o São Jerônimo, com uma agenda com contatos de ex-componentes e um livro com todos os dados, fotos e algumas histórias do rancho – mas que foi roubado quando o rancho foi fechado, em 1999 (D.R.); e o Real Rancho Minuano.

cidade de origem e o período que estudou na ETA. Em outros ranchos, havia maneiras diferentes de deixar essa marca¹⁰⁵.

3.1 Ritos e hierarquias entre alunos

A realização dos momentos cotidianos dos ranchos era regulada por regras internas a todos os alunos e implicava em uma hierarquia, distribuindo os papéis entre os alunos a partir de determinados aspectos. Essa hierarquia se resumia a três categorias, presentes em diferentes etapas do tempo na ETA: “Bixo”, “Veterano” e “Mestre”, cada uma com seus direitos, deveres e atribuições. Categorias, essas, englobadas em uma mais ampla: os membros de rancho. Os que não eram membros pertenciam a uma outra categoria, com atribuições próprias: os “Abostados”. Há ritos que introduzem o aluno recém-chegado a essa hierarquia; e a depender de como encara esses ritos, o aluno torna-se componente de um rancho ou “Abostado”. Essas categorias tornavam-se parte da identidade do aluno, temporariamente ou permanentemente (no caso dos Abostados); e em meio aos ritos, também se define a forma de identificação entre os alunos: os apelidos.

3.1.1 Ao chegar na escola: recepção e os apelidos

No primeiro dia de aula da ETA, os calouros eram acolhidos por uma “turma de recepção dos bixos” formada por alunos e professores, com atividades recreativas e informações sobre a escola¹⁰⁶. Mas, para além disso, havia o primeiro rito de inserção do aluno na escola ao todo: o “batismo de entrada”. Nele, o calouro recebia um apelido

¹⁰⁵ No Chaparral, alguns componentes registravam seu apelido e período em ossos (como o Leandro Rasquinha Lopes, que comentou em 13/04/2013 às 16:48 na foto publicada por Helena Maichrzak em 30/03/2013 às 20:48, em que aparece esse osso – disponível em: <https://www.facebook.com/groups/133258900072649/posts/504247322973803/> Acesso em 07/05/2023 às 15:48); e as colagens do Laredo, que se tratava de, uma vez por ano, cada componente colar rótulos de cerveja acima da lareira (M.T.L.).

¹⁰⁶ O documentário produzido pelo então professor da ETA Fernando Diniz, em 1974, mostra algumas fotos de como era essa recepção – não só isso, como também aborda resumidamente a história da ETA e seus setores, assim como as iniciativas estudantis (CTG, CECAT, ranchos), com muitas fotos. Esse documentário foi publicado no grupo da ETA (Facebook) por Paulo Daniel Roza da Luz em 14/12/2022 às 12:58. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/?multi_permlinks=5766959863380441 Acesso em 12/05/2023 às 23:40.

por parte de algum aluno mais velho – e este passava a ser o seu “padrinho”¹⁰⁷. O apelido passava a ser mais usado do que o próprio nome¹⁰⁸, gerando eventuais confusões quando os pais de algum colega visitavam a escola (E.M.). Os apelidos eram de âmbito geral, independente dos ranchos – professores¹⁰⁹, funcionários¹¹⁰ e até diretores¹¹¹ ganhavam apelidos. No entanto, havia alunos com um apelido “geral” e outro só no seu rancho: é o caso de E.M., conhecido como “Salsicha”, mas no Granada era o “Capanga”. Alguns não gostavam do seu apelido – o que fazia ser ainda mais utilizado e até gerar atritos¹¹²; ou, quando o apelido não “pegava”, atribuía-se outro¹¹³.

Os apelidos se davam por diferentes motivos, podendo ser dados no primeiro dia de aula¹¹⁴ ou ao longo do tempo¹¹⁵. É possível categorizá-los do seguinte modo: relacionados a animais (Conoinha, Jacaré); às características físicas (Toquinho, Buchecha); cor/raça (Chocolate, Macumba); gênero (Serafina e Biscoitinho); comportamentos (Chorinho e Yzkyzyto); relacionados à cultura gaúcha (Porongo e Bagual); termos técnicos (Ovoscopia e Ekymose) e personagens ou sujeitos sociais

¹⁰⁷ De acordo com M.T.L. e M.P. – M.T.L. também acrescenta que era possível ser padrinho de vários, para usar toda sua “cota de apelido”. M.P. e E.R.S. explicam que o fenômeno dos apelidos também existe na Escola Mestria Canadá.

¹⁰⁸ Ernani A. Weiss, no seu comentário feito em (na publicação de Otavino Mota em 13/09/2011 às 18:51), confessa que “O único senão do tempo de ETA é que não se guarda nomes das pessoas. Só os apelidos, na época, nomes”. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/175360215873795/?comment_id=285279044881911 Acesso em 09/05/2023 às 02:32.

¹⁰⁹ Alguns exemplos são: “Tereirão” (a qual não gostava do apelido, de acordo com M.P.), “Bolacha” (Hilário Klein, que foi do Rancho Inferninho nos anos 70), “Major”, “Napoleão”.

¹¹⁰ Como o “Burro Branco”, que sobre ele será tratado logo mais; e o “Tio Mendes”, apelido de Zilmar Mendes, um funcionário que foi muito estimado e respeitado (E.R.S.).

¹¹¹ Como o “Xirú” – apelido de Telmo Gomes, que foi diretor da ETA nos anos 90 (M.T.) e membro do Rancho Gaudério quando aluno nos anos 70 (de acordo com J.T., que foi colega dele).

¹¹² Tem o caso do “muraia”, apelido alternativo do “Porka Veia” do Rancho Farroupilha em 1989 – e ficava “um muraia de brabo” quando se referiam a ele com esse apelido. É o que se debateu nos comentários da publicação de Milton Machado em 16/04/2013 às 14:26 – disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=512051275508152> Acesso em 07/05/2023 às 03:00.

¹¹³ “meu apelido era ‘parafuso’, até q o ‘porca véia’, durante uma cachaçada, trocou por q segundo ele não se sentia a vontade com um parafuso por perto. passou a ser ‘cambão’ q tb não pegou. acabaram me chamando de ‘junca’ devido aosobrenome. masa te junca véo, dizia meu amigo carniça” – relato de Airton Junqueira, no seu comentário feito em 10/05/2013 às 12:13, na publicação de Milton Machado em 09/12/2012 às 17:38 (disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=457092434337370&comment_id=520515547995058 Acesso em 07/05/2023 às 00:23.)

¹¹⁴ Como no caso de V.B., que recebeu o apelido “Juréya” por estar vestido com uma camiseta representando uma reserva ecológica de São Paulo com esse nome; e J.P. que, com a ocasião da visita de vários alunos recém-formados no primeiro dia de aula, um deles a apelidou “Felina” junto ao “Tigre” e o “Leãozinho” – quem apelidou se chamava “Gato”.

¹¹⁵ Como no caso de E.R.S., que recebeu o apelido de “Negão Amaral” por causa de uma partida de futebol a qual participou – estava como zagueiro, e seu estilo de jogo foi tido como parecido ao do jogador Amaral, então da Seleção Brasileira nos anos 90; e, da arquibancada, o chamaram de “Negão Amaral”.

(Pinóquio e Padre)¹¹⁶. Havia até apelidos de cunho retórico – como “Já Te Disse”, que gerava indignação aos veteranos que perguntavam o apelido desse colega (A.C.). Os apelidos, contudo, também refletiam estereótipos e preconceitos (como nos apelidos referentes à cor e ao gênero); e o fato de alguns não aceitarem o apelido, ou até se dar um próprio, mostra um jogo das “imagens de si, para si e para os outros” (POLLAK, 1992, p. 204), na constituição dessas identidades. Isso também se verifica na nomenclatura de ranchos como “Real Rancho Minuano” e “Maior e Melhor Rancho Deko” – conferiam a eles maior valor entre os demais, pelos seus próprios componentes¹¹⁷.

Também eram presentes formas alternativas de identificação dos alunos em outras escolas agrícolas, só que com outras funcionalidades. Na EAFSC-SE, ocorria uma “substituição padronizada”¹¹⁸: a instituição atribuía números a cada aluno, “colocando todos sobre a categoria de internos” e “facilitando o exercício do poder disciplinar”¹¹⁹. Um artigo no Anuário Minuanense, escrito pelo aluno identificado como “18-6-17” (e apelidado como “17”)¹²⁰, se referia a antigos membros do RRM por números, presumivelmente dos anos que entraram na ETA (pela forma cronológica como é escrito); já do nome dele, não foi possível identificar o tipo de codificação – essa situação é vagamente similar à da EAFSC-SE. No periódico “O Eco do Estudante”, há a presença de apelidos entre alunos referenciando sobrenomes ou animais para alguns (como “Lambari”, “Coelho”, “Pintado” e “Piranha”), alternando com o primeiro nome

¹¹⁶ Esses apelidos constam de quatro fontes: o comentário de Luciano GD em 09/04/2014 às 00:08, na publicação de Felipe Peixoto em 20/11/2013 às 11:41; o comentário de Cirone Godoi França em 23/11/2016 às 18:51, na publicação de Mário Moretto em 12/02/2011 às 17:18; os comentários na publicação de Roberto Luiz Curzel em 12/11/2020 às 12:13; e os apelidos de alguns dos entrevistados nessa pesquisa, presentes na Introdução (p. 16-17). O primeiro comentário está disponível em: https://www.facebook.com/groups/187589041298694/posts/620398548017739/?comment_id=690255404365386 Acesso em 27/04/2023 às 15:08; o segundo está disponível em: https://www.facebook.com/groups/189581314395900/posts/190825487604816/?comment_id=1339095879444432 Acesso em 28/04/2023 às 22:16; e a publicação está disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/3533175843425532/> Acesso em 01/05/2023 às 19:18.

¹¹⁷ Havia também os lemas de rancho, parte da identidade dos mesmos, e um meio de expressão da auto-imagem e/ou expectativas dos fundadores desses ranchos – e, em maior ou menor nível, dos membros posteriores: no Inferninho, era “que sejam de AMOR as chamas deste inferninho”. Esse lema está presente na foto (já com o rancho fechado) tirada e publicada por José Ghisleni em 19/10/2011 às 22:21. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/190407381035745/> Acesso em 12/05/2023 às 11:16.

¹¹⁸ Conceição, 2007, p. 6

¹¹⁹ Ibidem, p. 9.

¹²⁰ Artigo “TENDES RAZÃO ?” – Anuário Minuanense, 3ª edição, p. 3-4, 1972.

de outros; ou mesmo relativo à origem étnica ou uma situação específica que deu origem ao apelido, como “Alemão” e “Meia-Noite” (Werle, 2013, p. 312-313).

3.1.2 Rodízio, Trotes e os Bixos

Ao longo do primeiro mês de aula, os calouros eram convidados a participar do rodízio: nos dias úteis das semanas¹²¹, tinha de passar por cada rancho; e, no final, tornava-se componente de um deles. Durante esse período, os calouros eram denominados “bixos”. A quantidade de dias do rodízio variava em função do número de ranchos: de um mês até 45 dias, sendo um ou dois dias para cada rancho¹²². O CECAT regulava o rodízio a partir de uma lista, assinada pelos componentes de cada rancho¹²³. Os alunos geralmente iam em duplas, após o almoço e após a aula da tarde (M.P.) – desse modo, um dos requisitos para o rodízio era ser interno¹²⁴. Os bixos e componentes dos ranchos conversavam para conhecer um ao outro¹²⁵; e, junto a isso, havia os trotes. Existiam dois tipos deste: os leves/educativos e os pesados/físicos. O primeiro consistia em serviços e favores como limpar o rancho, cortar lenha, fazer café e chimarrão (M.P., E.M.) – mas também comprar bebida, trazer água (J.P.) e ajudar nos estudos¹²⁶.

O segundo tipo era daqueles que iam desde atividades similares às da Educação Física, como flexões de apoio¹²⁷ e passar por baixo da mesa¹²⁸; até os que envolviam

¹²¹ Informação relatada por M.H. no contexto dos anos 70, e reafirmada por M.T.L. no contexto dos anos 90.

¹²² M.P., no contexto dos anos 90, comentou sobre ser um mês de rodízio; e J.C., no contexto dos anos 70, sobre ser 45 dias.

¹²³ M.T.L. explica que faziam um cálculo do número de bixos no ano, em relação ao número de ranchos – o último rodízio a ser escalonado pelo CECAT foi o de 1996, sendo que o de 1997 chegou a começar mas foi interrompido.

¹²⁴ A.C. relembra que fez o rodízio como semi-interno, mas sofreu represálias por não conseguir ir no segundo momento de cada dia nos ranchos.

¹²⁵ M.P. explica que perguntavam para o bixo informações sobre os membros do rancho em questão, como o sobrenome, cidade e até o hospital onde nasceu – no segundo momento, após a aula da tarde, perguntavam de novo e tinha que lembrar das informações. E.M. relata que “*no diálogo faziam como brincadeiras, assim: quem tu é, de onde é que tu veio, o que veio fazer aqui... E aí, começaram a fazer perguntas: se tu sabia fazer fogo, se tu sabia fazer chimarrão...*”.

¹²⁶ Como relata E.J.B. por dois comentários, feitos em 20/09/2011 às 01:02 e às 01:09, na publicação de Milton Machado em 19/09/2011 às 18:34. Publicação disponível em: <https://m.facebook.com/groups/109144802495337/permalink/177849175624899/?mibextid=Nif5oz> Acesso em 15/02/2023 às 12:07.

¹²⁷ Mencionadas no comentário de Daniel Ad Lucen em 29/09/2012 às 12:15, na publicação de Milton Machado em 14/09/2012 às 13:20. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/369008563175625/?comment_id=374780652598416 Acesso em 09/05/2023 às 10:58.

desgaste físico ou mesmo agressão, como empurrar uma moeda com o nariz (M.H.), receber dedada na nuca (J.P.) e até levar água quente nas costas¹²⁹. Os trotes podiam ser realizados em mais de um tipo em uma mesma ocasião, ou ocorrer em momentos diferentes nos dias de rodízio¹³⁰; e não necessariamente uma dupla de bixos recebia o mesmo tipo de trote. Havia ainda outros tipos de trote, como contar piadas¹³¹, dançar valsa¹³² e a televisão¹³³. Os trotes eram vistos como forma de adquirir conhecimentos práticos¹³⁴, de “nivelar” a todos os alunos e até de se desinibir (M.P.); mas também uma forma de humilhação – isso era “recompensado” pelos elos de amizade, na visão de alguns ex-alunos (M.H.). Por outros, eram tidos como forma de ensinar “sobre o que são regras e que antiguidade é posto (como se diz no quartel)” (A.C.). Tratava-se de uma valorização do esforço e sofrimento como forma de desenvolvimento pessoal, que Zibas (1987, p. 50) também atesta na escola federal analisada em seu artigo – o resultado disso era uma incerta chance de “sucesso” na vida para uns e “fracasso” para outros. Assim, seria preciso maior acompanhamento de professores e orientadores, para ter um real desenvolvimento pessoal.

¹²⁸ O que era denominado como “túnel da conceição”, de acordo com o comentário de Éverton Borges Raupp em 11/09/2016 às 22:37, na publicação de Roberto Camargo em 11/09/2016 às 21:22: vinte dias antes da festa do Rancho Intrevero, os bixos tinham que passar vinte vezes por baixo da mesa. Disponível em:

https://www.facebook.com/groups/184698071570081/posts/1223882930984918/?comment_id=1223931764313368 Acesso em 30/04/2023 às 02:40.

¹²⁹ Que foi o caso de Carlos Henrique Borges, tal como ele mesmo comenta sobre em 03/10/2012 às 00:55, na publicação de Milton Machado em 14/09/2012 às 13:20. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/369008563175625/?comment_id=37608015801799 Acesso em 09/05/2023 às 10:58.

¹³⁰ M.P. relata que os trotes leves eram no primeiro momento, e os pesados no segundo; já Ilso Magnus Mesquita (“Berinha”), em seu artigo “IDENTIFICAÇÃO” (Anuário Minuanense, 9ª edição, pág. 4, 1978), vivenciou uma situação diferente: “*chegando no rancho fiz fogo, logo aprontei um café. E à noite tivemos um bate-papo todo especial [...]. Com todo o meu talento em cima do picador de lenha, cantei a música das Frenéticas, foi um gelo total.*”

¹³¹ E os veteranos não riam, de acordo com o comentário de E.J.B. em 20/09/2011 às 01:09, na publicação de Milton Machado em 18:34. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/177849175624899/?comment_id=177980138945136 Acesso em 01/05/2023 às 20:37.

¹³² E.M. comenta (em 12/12/2019 às 21:17, na publicação de Edegar Da Silva Silva em 09/12/2019 às 09:40 – compartilhada de Milton Machado em 09/12/2012 às 17:38), que teve de dançar valsa quando passou pelo Rancho Guarani. Disponível em: https://www.facebook.com/edegardasilva.silva/posts/pfbid033CEwDKkJSuZp4CYwaVfkPb52V7RTCysFbuoFm7J5GEmpR3QtiWxcRcAdmzGnexDSI?comment_id=1840527049413286 Acesso em 07/05/2023 às 01:04.

¹³³ M.P. descreve esse trote: “*elas mandavam o cara lá assistir o Jornal Nacional; e via ali, abria a janela do rancho... hahaha... e tu ia lá, tinha que dar as notícias do Jornal Nacional pra eles né...*”.

¹³⁴ Era o “aprender-fazendo”, conceito usado pelo entrevistado A.C., e em possível paralelo ao uso do termo por Conceição (2007, p. 4): era a forma de instrução do trabalho físico que, junto ao controle e fiscalização dos tempos e espaços, constituía a “pedagogia de internar” da EAFSC-SE.

Chegou a existir uma “comissão de trotes”, ao menos nos anos 60¹³⁵; mas, em relatos sobre épocas posteriores, atesta-se que não eram regulamentados – nem pelo CECAT, nem pela escola¹³⁶. Os trotes pesados não escapavam de punições, incluindo suspensão ou expulsão de alunos, levando até ao fechamento temporário de algum rancho – e os alunos nem sempre aceitavam de bom grado as punições¹³⁷. Nos anos 70, uma onda de trotes pesados levou a uma ação mais incisiva da escola¹³⁸; e nos anos 90, credita-se uma nova onda como a razão para o fechamento dos ranchos¹³⁹. Aí entra uma disputa de memórias: alguns relatam que não ocorriam tanto os trotes pesados¹⁴⁰, e outros argumentam que houve conivência e omissão com esses casos¹⁴¹. A diminuição da faixa etária, e leis como a da Proteção ao Menor e ao Adolescente, foram vistas como decisivas na forma de lidar com os trotes (M.P., V.B.).

3.1.3 Bixos, Veteranos e Mestres

Durante o rodízio, os calouros eram convidados a fazer o “teste” em algum rancho¹⁴²: tratava-se de trotes, por semanas ou meses, para testar se o bixo teria

¹³⁵ De acordo com o comentário de E.J.B. em 20/09/2011 às 01:02, na publi. de Milton Machado em 19/09/2011 às 18:34 – ele entrou na ETA em 1968. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/177849175624899/?comment_id=177978235611993 Acesso em 01/05/2023 às 20:37.

¹³⁶ M.H. relata que os trotes, por si, não eram regulamentados; e Flávio Barcelos Oliveira, em comentário de 28/08/2011 às 10:37 (na publicação de Mário Moretto em 23/08/2011 às 16:17), aponta que “*as últimas direções da ETA irresponsavelmente omitiram-se dessa supervisão*”. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/165758150167335/?comment_id=167960713280412 Acesso em 01/05/2023 às 15:39.

¹³⁷ Em 1977, um aluno membro do Real Rancho Minuano foi expulso da ETA por conta de um trote “besta” e o rancho foi fechado por cinco dias – mas os demais componentes chegaram a lutar para que ele pudesse permanecer na escola. Subseção “**NOTÍCIAS DO RANCHO E PARA O RANCHO**”, na coluna “**NOTÍCIAS**”, escrita por José Carlos Nunes (“Pyaçava”) – *Anuário Minuanense*, 8ª ed., 1977, p. 5.

¹³⁸ Situação mencionada por J.T., M.H. e G.R. – os alunos “infratores” eram punidos com suspensão ou expulsão.

¹³⁹ A.C. acredita que a maioria dos seus colegas passariam novamente pelos trotes, e que a violência seria devido a um fenômeno mais amplo – e, portanto, externo à ETA – da “má índole”. É uma forma de atribuir os problemas na escola a causas externas, fenômeno atestado por Zibas (1987); contudo, a autora também reconhece que a abordagem dos problemas não envolve só os agentes escolares (professores, funcionários, direção), mas também os familiares e a comunidade – pelos problemas terem, sim, raízes externas.

¹⁴⁰ M.T.L. reconhece que ocorriam trotes pesados, mas que a “mídia” exagerava ao reportar tais casos nos anos 90.

¹⁴¹ É o que argumenta Gelso Job em comentário de 15/02/2015 às 13:32, na publicação de Edegar Da Silva em 31/01/2015 às 17:46. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/825055154237628/?comment_id=832947263448417 Acesso em 05/05/2023 às 01:00.

¹⁴² Aneci José Franco Silva (“Gastalho”) relata sobre isso em seu artigo “**UMA NOVA VIDA**” – *Anuário Minuanense*, 9ª ed., 1978, p. 3.

afinidade com os componentes¹⁴³. Desse modo, nem sempre a pessoa terminava o teste em um rancho; e em outros casos, vários ranchos convidavam para fazer teste. Passando nele, era marcada a data do “batismo”: consistia em um trote, geralmente banho de uma mistura líquida¹⁴⁴; e a escolha de um padrinho do rancho¹⁴⁵, com uma festa em comemoração. Era realizado já no fim do rodízio ou meses depois¹⁴⁶; independente disso, no final do rodízio eram realizados o Desfile e Baile dos Bixos. O primeiro era realizado no centro de Viamão¹⁴⁷, e o segundo no refeitório da ETA – com música, dança e janta provida pela escola (M.T.L.).

Após esses eventos, o aluno continuava “bixo” somente do rancho a qual fazia teste (V.B.); e, com o “batismo”, tornava-se componente. Para entrar na Baiúca, as alunas não participavam do rodízio; mas os trotes eram feitos pelas alunas mais velhas (G.R.). As alunas que desejavam fazer parte de outro rancho entravam no rodízio, ou saíam da Baiúca para o rancho almejado. No segundo ano de curso, o aluno se tornava veterano; e no terceiro, mestre¹⁴⁸. Já não recebiam mais trotes, e sim aplicavam; além de “poder” dormir nos ranchos, diferentemente dos bixos (V.B.). Em relação aos mestres, alguns ritos eram específicos para eles: na conversa, durante o rodízio, tinha que saber mais informações sobre os mestres do que qualquer outro veterano (M.P.). Mas não viviam só de “privilégios”: eram responsáveis por cuidar das atitudes dos bixos, por exemplo (J.C.). Os mestres é quem tinham o veredicto em relação a decisões do rancho,

¹⁴³ De acordo com M.H. e M.T.L.. A.C., por outro lado, descreve o teste como uma forma de ver se o bixo era “bom” o suficiente para se tornar um membro do rancho.

¹⁴⁴ É relatado por V.B., A.C. e J.P.. Na foto publicada por Fernando Kaminski em 29/01/2015 às 12:20, aparece o “batismo” de bixos do M.M. Rancho Deko. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/198178500199070/permalink/1038399542843624/?mibextid=Nif5oz>. Acesso em 16/02/2023 às 19:38.

¹⁴⁵ Informação relatada por M.T.L. – ele acrescenta que era possível (e desejado por alguns colegas, na época) ser padrinhos de vários bixos.

¹⁴⁶ J.C. comenta que o tempo de teste variava, podendo terminar junto com o rodízio ou terminando com o aniversário do rancho. No Rancho Farroupilha, a tradição era de que o batizado fosse realizado um ano depois, de acordo com o comentário de Luís Mário Taschetto Perlini em 01/07/2013 às 17:00, na publicação de Luis Otávio De Oliveira Teixeira em 29/06/2013 às 17:55: https://www.facebook.com/groups/303755706323213/posts/609616755737105/?comment_id=610851162280331. Acesso em 14 de Fevereiro de 2023, às 21:46.

¹⁴⁷ O Desfile é mencionado em algumas entrevistas (E.M., M.H., V.B.); e um exemplo com foto é a publicação de Fátima Weber, feita em 21/05/2022 às 17:27: <https://m.facebook.com/groups/109144802495337/permalink/5173147209428379/?mibextid=Nif5oz>. Acesso em 15/02/2023 às 12:35.

¹⁴⁸ Os termos “trotes”, “bixos” e “veteranos” também eram presentes em outras escolas de internato, como as escolas federal e estadual analisadas por Zibas (1987, p. 49): um “trote que nunca acaba entre Veteranos e Novatos” – e na escola federal, quem sofria ficava em silêncio, por conta da coesão.

como a expulsão de algum componente¹⁴⁹; e precisavam estar dispostos a ajudar os bixos nos estudos e com conselhos de vida¹⁵⁰.

Havia alunos que nunca chegaram a ser veteranos e mestres: são aqueles que entraram em 1999, e os que só passaram em algum teste no terceiro ano de ETA¹⁵¹. Interessante notar que essa hierarquia, de Bixos, Veteranos e Mestres, surgiu e existia somente entre alunos; mas não deixa de ser parecida com a hierarquia entre alunos e professores e aquela entre pais e filhos. Desse modo, os veteranos estavam propensos também a punições dos mestres, com trotes, quando não realizavam alguma tarefa designada¹⁵². Além disso, os “direitos” que os Veteranos e Mestres tinham “justificava” a tolerância aos trotes, na visão de alguns: no início o aluno recebe, e depois ele aplica; e o que não podia fazer como Bixo, podia como Veterano e Mestre¹⁵³.

3.1.4 “Abostados”: entre o dormitório e os ranchos

Até aqui, foi falado sobre os alunos componentes de rancho – mas como era a situação dos que não eram? Eles eram denominados “Abostados”: em geral, os que não realizavam o rodízio por inteiro ou nenhum dia¹⁵⁴, mas também àqueles que tinham

¹⁴⁹ Ernani A. Weiss, em comentário de 14/09/2012 às 16:29 (na publicação de Milton Machado em 14/09/2012 às 13:20), conta sobre uma situação do tipo. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/369008563175625/?comment_id=369064179836730 Acesso em 09/05/2023 às 10:58.

¹⁵⁰ De acordo com D.R. e E.M., e com o comentário de Achilles Armando Krüger em 18/05/2016 às 17:16, na publicação de Ari Rosin em 12/04/2016 às 11:17. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/192412317454638/posts/1267787763250416/?comment_id=1293654160663776 Acesso em 07/05/2023 às 17:29.

¹⁵¹ Foi o caso de A.C., tal como ele comenta em 30/09/2012 às 19:35, na publicação de Milton Machado em 14/09/2012 às 13:20. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/369008563175625/?comment_id=375286169214531 Acesso em 09/05/2023 às 10:58.

¹⁵² Como no Real Rancho Minuano: a punição, explica M.H., era um banho frio no açude. É possível que isso tenha se derivado dos antigos castigos físicos aplicados por professores nas escolas: já eram proibidos nas primeiras décadas do século XX no sistema educacional do RS, mas ainda ocorriam de forma esparsa (Corsetti, 1998, p. 72). Aliás, há relatos sobre professores da ETA que aplicavam trotes nos alunos, como agachamento, ainda nos anos 90 (V.B.).

¹⁵³ É a ideia de ser orientado e depois orientar, ser mandado e depois mandar, presente no artigo “**DESPEDIDA**” escrito por Ivan Oliveira Maidana (“Xaruto”) – *Anuário Minuanense*, 8ª ed., 1977, p. 13. No entanto, o comentário de Flávio Barcelos Oliveira em 28/08/2011 às 10:37 (na publicação de Mário Moretto em 23/08/2011 às 16:17) indica que, em algum momento, a situação era ou se tornou mais complexa: quem repetia de ano se tornava veterano de todos os calouros no ano seguinte, o que dava espaço para “abusos de autoridade”. Comentário disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/165758150167335/?comment_id=167960713280412 Acesso em 01/05/2023 às 15:39.

¹⁵⁴ De acordo com J.T. e M.P., no rodízio era permitido deixar de ir em dois ranchos no máximo.

rixas com certos colegas¹⁵⁵; outros eram por serem semi-internos ou externos (G.R.). Eram poucos os alunos nessa categoria; e as razões de se “abostar” era, muitas vezes, por conta dos trotes: não concordavam com os pesados/físicos (E.R.S.). Assim, ficavam proibidos de frequentar algum rancho – o que mostra a importância dos trotes: não bastava só a construção de afinidades, mas também passar por situações que o aluno “mereça” ser um membro de rancho (uma forma de “meritocracia”, nas palavras de V.B.). Mas nem todos compactuavam com essa visão: em alguns ranchos, em certas épocas, os colegas acolhiam abostados, demonstrando que havia estima com alguns deles – mesmo quando não acolhiam nos ranchos, e sim fora deles (D.R.).

Em geral, os abostados eram ignorados¹⁵⁶ e até sofriam represálias, no dormitório e no refeitório (cada mesa era para um rancho, e havia duas mesas só para os abostados)¹⁵⁷; mas em outros casos, eram convidados aos ranchos só para ajudar os colegas nos estudos. A visão dos abostados sobre os ranchos varia, nos comentários pelo Facebook: alguns são mais críticos, em relação às transgressões que ocorriam nos ranchos¹⁵⁸; e outros elogiam o sentimento de família presente nos ranchos – ao mesmo tempo que criticavam atitudes negativas (E.R.S.). Essas críticas são vistas como sem base por alguns ex-alunos, por não terem feito parte dos ranchos para comentar algo (A.C.); enquanto outros reconhecem as retaliações sofridas pelos abostados (J.P.).

Uma situação intermediária ocorreu em 1972: entraram 120 alunos na ETA, e só havia 19 ranchos. A maioria dos bixos, que realizaram todo o rodízio, ficaram sem

¹⁵⁵ Luiz Henrique Dos Santos Pereira se “abostou” tanto por causa de uma greve como por rixas, de acordo com seu comentário em 15/04/2013 às 17:42, na publicação de Gelson Job em 01/04/2013 às 21:36. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/460667827343031/?comment_id=466035463472934 Acesso em 02/05/2023 às 01:31.

¹⁵⁶ Tal como relatam J.P. e M.P.. Partindo das reflexões de Rada e López (2012, p. 36), os ranchos uma das principais formas de voz do alunado na ETA; mas, para se incluir nessa forma de voz, precisava dominar os “códigos da participação” – no caso, o rodízio e seus trotes. Os alunos abostados não dominavam ou mesmo não aceitavam esses códigos, e por isso não eram ouvidos pelos outros colegas na maioria das vezes – gerava-se, assim, uma desigualdade de poder entre os alunos.

¹⁵⁷ Ronnie Von Doff comenta em 14/09/2012 às 14:45, na publicação de Milton Machado em 14/09/2012 às 13:20, que suportou alguns trotes para “mostrar aos outros que era forte”. Ele também critica por não ter sido tão incisiva a reação de alguns professores perante os trotes pesados. Isso se conecta com duas situações detectadas por Zibas (1987, p. 49-50): os trotes abusivos e medo das represálias na escola estadual analisada, e a crença de que o sistema de punições é suficiente na escola federal analisada – os trotes não eram discutidos e enfrentados a fundo em ambas as escolas. Na escola estadual, havia uma “síndrome de avestruz”: fazer de conta que nada está acontecendo, ou é assim mesmo – uma impotência aos professores, ocasionada pela falta de recursos para lidar com a situação de forma mais séria. O comentário de Ronnie está disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/369008563175625/?comment_id=369034576506357 Acesso em 09/05/2023 às 10:58.

¹⁵⁸ Como no comentário referido na nota anterior.

rancho – então, usaram o CTG como rancho, e o João Joel (do Rancho Farroupilha) foi o mestre de todos eles¹⁵⁹. Ressalta-se novamente o trote como forma de tornar o aluno merecedor da experiência do rancho, e este exatamente como isso: uma experiência que não dependia estritamente de um espaço específico, por mais que esse fosse importante.

3.2 As conversas e os assuntos envolvidos

Como um espaço de convívio, uma das principais atividades era conversar – simplesmente quando estavam reunidos, ou fazendo um café (M.P.). Dentre os assuntos, estavam: os professores e matérias, assuntos técnicos (M.T.L.), as comidas, a convivência na sala de aula (J.P., A.C.), a vida pessoal de cada um (M.P.), as histórias de sua região natal (E.J.B., E.M.), futebol e namoradas, filmes e novelas, e até de jogos – aqueles que, nos anos 90, tinham condições de ir para o centro de Viamão jogar em fliperamas e comprar revistas sobre videogames e bicicletas (E.R.S.), e aqueles que moravam em Porto Alegre (V.B.). Desse modo, os que vinham do meio rural conversavam assuntos restritos ao cotidiano escolar, exceto quando esparsamente tinham acesso a algum jornal (V.B.). Em comparação com outras escolas, o tipo de assunto presente no periódico “*A Voz da Serra*”, da Escola Normal Rural La Salle de Cerro Largo-RS, mais ou menos revela os assuntos conversados entre os alunos: temáticas como férias, provas e estudos, futebol, visitas técnicas, disputas entre internos e externos (Werle, 2013, p. 308). Além disso, nesta escola se fazia presentes como os alunos retratavam uns aos outros: ridicularizações, chacota de hábitos, defeitos, gostos, atos e erros de fala – aspectos esses presentes também no Anuário Minuanense, do Real Rancho Minuano¹⁶⁰.

Voltando para a ETA, havia também conversas sobre outros elementos e espaços da cultura escolar eteana, como o CTG, o CECAT (grêmio estudantil) e os trotes, próprios da vivência nos ranchos (J.C.). Sobre as formas de conversa, havia fofocas quando “*não se tinha outra coisa pra se entreter*” (M.P.); e quem preferisse só ouvir do

¹⁵⁹ Essa situação foi relatada no comentário de Flávio Barcelos Oliveira em 13/03/2013 às 20:20, na publicação de Otavino Mota em 13/09/2011 às 18:51. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/175360215873795/?comment_id=449429181800229 Acesso em 09/05/2023 às 02:32.

¹⁶⁰ Alguns exemplos: pessimista (Coluna “**FATOS & FOFOCAS**” – *Anuário Minuanense*, 10ª edição, 1979, p. 11); um imitador e um que faz cosquinhas (Artigo “**COISAS NOSSAS**” – *Anuário Minuanense*, 3ª edição, 1972, p. 15); e um que vivia “em constante deitação” (Coluna “**F A T O S E F O F O C A S**” – *Anuário Minuanense*, 12ª edição, 1981, p. 6).

que conversar. Faziam-se presentes lendas entre as conversas, como as do Real Rancho Minuano: a mais conhecida era a do Goga, um antigo aluno que teria se matado ao deixar apagar o fogo da lareira no RRM (nesse rancho, era tradição manter o fogo sempre aceso) e que estaria percorrendo os ranchos¹⁶¹.

3.3 Afetos e desafetos

Ângelo Valério da Cunha Relvas (“Girivá”), do Real Rancho Minuano, relata que “*nunca antes havia conhecido um tipo de sociedade tão perfeito, onde nada se perde, tudo se ganha*”¹⁶² – ou quase perfeito; pois, como numa família, “*tu tem primos que tu não vai muito com a cara; e tem primos que tu morre de amor*” (A.C.). Nas palavras de Irineu Bressan, nos ranchos se aprendia a conviver e respeitar para ser respeitado, ouvir e depois falar, sem ofender¹⁶³. Eram também como irmãos, “na boa e na ruim”, aprendendo “*a viver com o que tu tem*” (E.M.) e sabendo que “*o mais valente é aquele que não briga*”¹⁶⁴. Ficava para a vida as trocas de vivências, sobre o que fazer e não fazer, não repetir (V.B.).

A palavra-chave era harmonia: um bom relacionamento com quase todos do rancho – pois, a princípio, para fazer parte de um rancho, era necessário ter afinidade com os componentes (M.P.) Isso entra em conformidade com a observação de Salvador (2011, p. 37), sobre os internos do IFES (Campus Itapina) reclamarem do alto número de componentes nos quartos do alojamento – era necessário grupos pequenos para maior privacidade e controle de interações sociais indesejadas, e assim evitar o hacinamiento (aglomeração). Ainda segundo a autora, é na adolescência – uma parcela dos membros de ranchos – que surgem “as primeiras relações verdadeiramente íntimas”, construídas com vínculos afetivos. Dialogando com Salvador, percebe-se nas falas de alguns ex-alunos da ETA que o convívio era divertido e legal (D.R.), e com dignidade (M.H.). Mesmo quando havia bom convívio com os colegas da ETA em geral, no

¹⁶¹ Essa descrição é do relato de M.P.; D.R., que estudou depois de M.P., também relata que o Real Rancho Minuano tinha várias lendas sobrenaturais. Na décima edição do Anuário Minuanense (1979, p. 10), na poesia escrita por José Carlos da Luz Nunes (“Pyaçava”), o apelido “Goga” é mencionado.

¹⁶² Artigo “**E N C O N T R E I O P A R A Í S O**”, de Ângelo Valério da Cunha Relvas (“Girivá”) – *Anuário Minuanense*, 12ª edição, 1981, p. 10.

¹⁶³ Como comenta em 27/10/2020 às 14:05, na publicação de Leandro Brauveres da Costa em 24/10/2020 às 21:45. Comentário disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/3482711365138647/?comment_id=3489841681092282 Acesso em 08/05/2023 às 01:55.

¹⁶⁴ De acordo com o mesmo comentário da nota anterior.

rancho era mais forte (E.M.) – pois havia companheirismo: ajudar e pedir ajuda, ajudando a viver em grupo (E.J.B.).

A pessoa nunca estaria sozinha, pois seus colegas “*queriam que as coisas funcionassem*” (V.B.). Quando um problema atingia alguém, atingia a todos – até quando havia briga e um defendia seu irmão de rancho. Os ranchos da ETA não desmentiam “*o que dizem os Pampas Gaúchos | Símbolo de cordialidade | Onde a dor é de todos | Em que se irmanam as vontades | Onde se entrelaçam os gestos*” – um perfeito paralelo com a coluna “DIÁLOGOS CRIOLLOS ENTRE Sinforiano Lonja y el viejo Calisto el Ñato”, no periódico uruguaio “*El Fogón*”, da Sociedad La Criolla: Sinforiano chega ao rancho de Don Calisto para conversar, e é convidado a entrar na cozinha do rancho para tomar um chimarrão e contar sobre seu passeio mais recente a Montevideu (El Fogón, 1895, p. 5-6). Salvador (2011, p. 37) também nota que a interação com pessoas parecidas tende a minimizar as tensões, pois os amigos se ajudam com conselhos ou pelo mesmo tipo de vivência, quando há maior interação entre internos (que é o caso dos ranchos)¹⁶⁵.

Os afetos e desafetos iam além do próprio rancho, com as visitas a outros: envolviam alguns¹⁶⁶ ou vários ranchos¹⁶⁷, com maior ou menor frequência¹⁶⁸, próximos¹⁶⁹ ou distantes¹⁷⁰. Passava-se mais tempo no seu rancho, mas sem deixar de transitar por outros, pois eram amigadas da sala de aula – juntando-se para estudar e comer lanches (A.C.) – mesmo as componentes da Baiúca, que não participavam do rodízio, visitavam alguns ranchos. É uma situação diferente e mais flexível do que no internato do IFES Campus Itapina: dentre suas regras, era proibido trazer colegas para seu quarto e entrar em quarto alheio sem autorização (Salvador, 2011, p. 11). No entanto, essa última também valia ao contexto dos ranchos: havia quem preferisse não

¹⁶⁵ Gonçalves, 2006, p. 168 apud. Salvador, 2011, p. 37.

¹⁶⁶ Como as visitas dos componentes do Granada no Farroupilha, de acordo com o comentário de Oilson Alves em 23/05/2017 às 17:35, na publicação de Andre Ricardo Almeida feita em 11/11/2013 às 22:00. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/303755706323213/posts/686866688012111/?comment_id=1661373260561444 Acesso em 29/04/2023 às 10:27.

¹⁶⁷ J.P. relata ter visitado quase todos os ranchos de sua época. Outro exemplo está na foto publicada em comentário por Jonei Huff em 27/11/2015 às 21:23, na sua própria publicação de 25/10/2013 às 14:27, tirada na frente do Rancho Gaudério – com componentes de vários ranchos. Comentário disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1381170088790108&set=a.1381161568790960&comment_id=1662971617276619 Acesso em 29/04/2023 às 14:54.

¹⁶⁸ J.P. visitava bastante o Rancho Castelo do Frankstein, mas pouco o Tamanco Velho.

¹⁶⁹ E.J.B. e V.B. visitavam, com mais frequência, os ranchos da mesma zona que os deles: a da Mata.

¹⁷⁰ Como é o caso de G.R., do Querência (Zona do Sapo), que tinha forte amizade com o Ricardo Viana (“Anka”) do Granada (Zona da Mata).

visitar, pois tinha o seu como sua casa e não consideravam certo “morar” na “casa” dos outros – somente os conhecia, e visitava quando convidado; mas aceitavam visitas em seus próprios ranchos (J.T., E.M.). Já V.B. passou a visitar mais os outros do que o próprio, ficando conhecido como “turista” e não muito bem-visto pelos colegas do seu rancho. É uma inversão da lógica de afinidade: ela, fora dos ranchos, podia ser maior do que a no próprio rancho.

Relações intra-ranchos específicas por vezes se tornavam parte da identidade do rancho, e constituíam categorias: rancho “matriz” e rancho “filial”, uma relação de interdependência afetiva e até material; e que tem muito a ver com a imagem de si e dos outros. Mas o convívio diário com colegas de rancho nem sempre era harmônico: ao longo do ano, por vezes se perdia a paciência e surgiam incidentes ou divergências de opiniões. Provavelmente o desgaste de relações seria pelo convívio constante sem muitos momentos de maior privacidade – o que pode explicar os casos de alunos com pouca frequência no rancho. Salvador (2011, p. 37), no contexto da IFES Campus Itapina, também nota isso:

[...] assim como a possibilidade de conviver com amigos o maior período de tempo possível é visto pelos alunos como um aspecto positivo, verifica-se que os aspectos negativos estão estreitamente relacionados com as particularidades da convivência em grupo.

As reclamações sobre a falta de privacidade não se davam só pelo fenômeno do *hacinamiento*, mas também pela sensação de estar sendo observado, restringindo suas ações. A princípio, tais incidentes eram superados no início do semestre seguinte com “os pés firmes no chão que é nosso [...] para que sejamos mais nós”¹⁷¹, em conformidade à visão de família em alguns relatos. Mas não era uma visão unânime – ou não a de uma família “sem problemas”: havia casos, como no Real Rancho Minuano, que um desentendimento não se resolveu e gerou um novo, resolvendo só no fim do semestre.

Ainda assim, ficou um ressentimento disso: não por perda, mas sim por não criar nada de novo¹⁷². Alguns, mesmo se desentendendo com frequência, mantinham um

¹⁷¹ Artigo “**M A I S U M A V E Z**”, escrito por Jorge Conceição de Oliveira (“Karvão”) – *Anuário Minuanense*, 12ª ed., p. 8, 1981.

¹⁷² Essa situação foi relatada no artigo “**RENASCENCA MINUANENSE**”, escrito por João Luiz Munari (“Trypa”), na segunda edição do *Anuário Minuanense* (1971, p. 7-8)

vínculo afetivo – até sentindo falta do colega, quando este saía da ETA¹⁷³; e alguns desentendimentos não chegavam a se tornar rixas ou atritos (M.T.L., M.H.). E, por mais que um componente defenderia seu irmão de rancho em uma briga, isso não anulava a possibilidades de brigas entre componentes – que chegava até ao ponto de uma briga física, com colegas tentando conter para não “acabar mal”¹⁷⁴. Também ocorriam brigas entre componentes de diferentes ranchos (J.P.); e a concepção de que as rixas “reproduziam o que se passava além dos muros da ETA”. Entra, aqui, o apontamento de Zibas (1987, p. 49): a rede de relações em grupo de interesses e objetivos comuns é valioso para a personalidade do jovem, mas não pode ser o único amparo e esfera de segurança. Ainda assim, essas relações tendem a ser idealizadas – e os conflitos serem atribuídos ao espaço fora da escola.

Por fim, houve um caso de todos do rancho não terem sintonia com um componente e até pensaram em sair do rancho e deixá-lo sozinho; no entanto, preferiram permanecer – e, com o tempo, a relação foi melhorando (V.B.). Os desafetos também se refletiam nos ranchos que se deixava de visitar (J.P.) ou até sair do seu próprio e se tornar componente de outro: D.R. fazia parte do Fronteira e foi para o São Jerônimo no segundo ano de curso, por conta dos mestres com os quais se identificava mais e se formaram em seguida. Ela já tinha uma identificação com o São Jerônimo, pela maioria dos componentes serem colegas em sala de aula; e não simpatizava com um colega do Fronteira. Voltamos, assim, ao afeto: o do rancho era maior que o de sala de aula, e dentro do rancho havia aqueles que compensavam os desafetos. Nesse caso, sem os afetos maiores, o desafeto se tornou algo incômodo e os afetos em sala de aula foram decisivos.

O segundo caso foi o de E.M, que fez parte do Bonanza nos três primeiros, a convite do Prof. Jorge Andrade; mas se incomodava com o jeito “muito certinho” do professor, e foi para o Granada a convite de um componente deste. Havia situações em que um colega aconselhava o outro a não deixar o rancho: *“parafuso, te lembra dei força para que ficasse no nosso velho rancho”*¹⁷⁵. O terceiro caso é o de J.P.: fez parte

¹⁷³ Artigo “PARABÉNS MINUANENSES”, escrito por Francisco Camargo (“Chavas”) – Anuário Minuanense, 9ª ed., 1978, p. 5.

¹⁷⁴ Como no caso narrado por Silas S. Lopes (“Ktrak”) na coluna “FATOS E FOFOCAS” – Anuário Minuanense, 5ª ed., 1974, p. 6.

¹⁷⁵ Situação relativa ao Rancho Guarani, relatada em comentário por Gerson Torrel de Bail em 07/07/2013 às 15:25, na publicação de Milton Machado em 09/12/2012 às 17:38. Link do comentário:

da Baiúca por um mês, mas saiu por desavenças por lá não ter “um perfil de pessoas que combinavam” com ela – mas a integração de mulheres aos ranchos não foi tão simples: “*a gente foi sendo, como é que eu vou te dizer, ‘abusada’; e conquistando o espaço!*”, já que “*a escola, em si, tinha um... Parece um preconceito, um tabu, sabe... De a gente se misturar com os homens*” (G.R.)

3.4 Rituais de partilha e comensalidade

As conversas, afetos e desafetos se faziam presentes nesses rituais, que variavam em tipo de alimento¹⁷⁶, número de alunos envolvidos e frequência, sendo um complemento ou substituto das refeições do refeitório¹⁷⁷; e, por vezes, envolvendo situações que transgrediam as normas escolares. Esses rituais de comensalidade e partilha, termo usado por Albrecht (2010, p. 28), podem ser tipificados em três: a primeira são os lanches, como café¹⁷⁸, chimarrão¹⁷⁹, bolinhos de chuva¹⁸⁰, pipoca (M.T.L.) e água¹⁸¹. Os momentos de “lanche” ocorriam após o almoço e antes da aula da tarde, assim como após esta (M.P.); também ocorriam nos intervalos (G.R.) e fins de semana (M.T.L.). O preparo do café e chimarrão também era pretexto de socialização e mobilizava afetos: acendia-se o fogo da lareira para o preparo (M.T.L., J.P., J.T.), ficando todos em volta; cada um fazia ao seu modo e aprendia um com o outro (E.M.). Se isso supria os problemas das refeições no refeitório, as opiniões se divergem: “*Eu sou uma pessoa simples, eu não tenho muita queixa, sabe...*” (M.T.L.); “*Mas olha... Fome a gente nunca passou. [...] Mas não tava muito longe disso, viu... [...] E a gente, com o que o pessoal trazia de casa, a gente ia levando o barco né*” (M.H.).

https://www.facebook.com/photo/?fbid=457092434337370&comment_id=545101482203131 Acesso em 07/05/2023 às 00:23.

¹⁷⁶ Pois, tal como em um churrasco, a comida varia em função do momento, assim como quais e quantas pessoas envolvidas – em um dia é linguiça apimentada, ou é frango para as gurias, ou vazio para vários, ou uma costelinha só para os chegados (Albrecht, 2010, p. 98).

¹⁷⁷ E também pela questão de um espaço próprio para esses rituais de comensalidade, “pra ter graça”: é mais confortável, e permite realizar atividades/comportamentos inviáveis em um refeitório ou restaurante (Albrecht, 2010, p. 56).

¹⁷⁸ M.P., J.P., G.R., M.H., E.M..

¹⁷⁹ E.J.B., M.T.L., J.P., G.R., M.H., E.M., J.T..

¹⁸⁰ V.B., A.C., M.T.L..

¹⁸¹ Tomada em garrafão no bico, passada de mão em mão, de acordo com o comentário de Vilmar Jesus Assunção em 17/03/2013 às 19:07, na publicação de Leonel Chaves em 28/09/2012 às 19:05. Disponível em:

https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/374525495957265/?comment_id=451265264949954 Acesso em 30/04/2023 às 17:32.

O segundo tipo de confraternização eram as “bóias”¹⁸². Ocorriam nos fins de semana, com os alunos que permaneciam na escola enquanto o refeitório estava fechado¹⁸³; e quando as refeições da escola estavam com baixa qualidade, era feita uma janta¹⁸⁴. Como os semi-internos não podiam ficar após às 17:30 na escola, frequentemente os colegas faziam um almoço para eles participarem (D.R.). Essas “bóias”, geralmente, eram carreteiros ou arroz com galinha; mas também um arroz com linguiça (A.C.), churrasco, pedaço de charque assado na grelha, mexido (J.P.) e até um pão com salsicha (J.C.). Tal como os lanches, esses alimentos eram trazidos de casa e/ou obtidos nos bares ao redor da escola¹⁸⁵ (havia alguns dentro da escola também¹⁸⁶); e o preparo das “bóias” também envolviam afetos, sociabilidades e até improvisos: nem todos cozinhavam bem, e então o “menos pior” é quem cozinhava (M.P.); aprendia-se a cozinhar, ou mesmo aperfeiçoar o quanto já sabia (A.C.); e quando havia, por exemplo, 20 colegas em um mesmo rancho e faltava talheres, se improvisava talhando um pedaço de lenha com uma faca (M.T.L.). Com mais frequência do que nos lanches, as “bóias” envolviam colegas de outros ranchos¹⁸⁷ e momentos de conversa (V.B.) – para Albrecht (2010, p. 99), era uma “desculpa” em reunir os amigos e festejar sem uma razão especial. A carne não deixava de ser importante, mas era pretexto para outros objetivos.

¹⁸² Uma foto que retrata bem uma “bóia” é a seguinte, no Rancho Amizade, publicada por Dariel Lopes em 01/06/2013 às 17:22. Link da publicação: <https://www.facebook.com/groups/126353360785515/posts/462230267197821/> Acesso em 28/04/2023 às 01:20.

¹⁸³ Isso é mencionado por J.C. e A.C. (mas não participava dos almoços nos fins de semana, por ser semi-interno); e por Lori Viali, a partir de comentário em 29/10/2012 às 11:07, na sua própria publicação em 27/10/2012 às 15:44. Link do comentário: https://www.facebook.com/groups/205641639481495/posts/450270638351926?comment_id=451000211612302 Acesso em 26/10/2023 às 18:18.

¹⁸⁴ As opiniões sobre a qualidade da comida no refeitório variam: J.P. considerava boa, principalmente durante os plantões de alunos no fim de semana – mas o feijão nem sempre era, e costumava ter repetição; M.H. considerava repetitiva e ruim; e M.T.L. comenta que “não tem muita queixa” sobre a comida.

¹⁸⁵ A quantidade deles, e seus nomes, variavam com o tempo. Dentre eles, estão: o do “Colombo” (J.T.), na frente do Parque de Rodeios Bento Gonçalves, da ETA (M.T.L.); o Boteco do Beto, conhecido popularmente como “Guampa” (J.T.); o da Selina (J.P.); o Armazém do Souza (M.T.L) e o Boteco do Orlando (J.T.).

¹⁸⁶ V.B. é quem faz esse adendo: um bar próprio da escola, onde se comprava lanches como sonho e salgadinhos. Também havia um bar dos próprios alunos, a partir do grêmio estudantil CECAT: fundado em 1971, vendia-se variados produtos e inclusive uniformes do CECAT. A fundação desse bar é tratada na edição de Maio de 1971 do periódico “O Agro-Técnico” (p. 7) – algumas páginas desta edição foram publicadas em forma de fotos por Flávio Lima em 28/03/2013 às 18:18. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/456563134420167/> Acesso em 09/11/2023 às 09:58. A venda de uniformes é mencionada na edição de Março-Abril de 1970 (p. 11), também disponível por fotos na publicação de Flávio Lima em 27/03/2013 às 20:07. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/456119697797844/> Acesso em 09/11/2023 às 10:25.

¹⁸⁷ Tanto de ir a um rancho (A.C.), como de receber (J.P.) – mas nem todos os ranchos costumavam receber (V.B.). Até mesmo alguns professores participavam dessas “bóias”, como relembra D.R..

Mas a carne, principalmente de galinha, era obtida através das galinhadas: furtos no aviário da ETA e propriedades próximas, à noite, com o animal sendo morto próximo aos ranchos e as penas enterradas no chão. Ocorriam principalmente “quando o troço apertava muito”. As galinhadas eram feitas em grupo, até mesmo nas aulas práticas de avicultura: encurralavam os frangos em um canto, para se pisotear. Este método por vezes ocorria sem querer, como no caso relatado por Ernani A. Weiss sobre a morte de dez frangos. Foram doados para a turma, sendo feito um risoto pelas próprias cozinheiras da ETA; mas depois se descobriu que alguns alunos sabiam o que estava fazendo¹⁸⁸. Em outras ocasiões, alguns funcionários ajudavam os alunos “emprestando” sal, azeite e arroz da cozinha. Os alunos não só pegavam galinhas, como também coelhos, ovos, batatas, alfaces e até iogurte no setor de Laticínios (M.H.). As galinhadas também ocorriam nos galinheiros dos professores, e até na câmara fria do refeitório (E.M.).

São lembradas de forma saudosista por alguns ex-alunos, mas nem todos participavam ou concordavam: E.M. afirma nunca ter participado, pois trabalhava no pátio do diretor Irvan – e, por isso, buscava ter um comportamento exemplar. J.T. relata que também não ia, mas em certa ocasião se embebedou com seus colegas e foi junto. Foram na propriedade do Seu Élio, amigo de alguns alunos, nas proximidades da ETA, que já tinha recebido “visitas” dos alunos várias vezes. No entanto, nessa ocasião, isso “encheu o saco” e ele resolveu denunciar à escola. As penas ficaram mal enterradas e o guarda percebeu isso ao aparecer no rancho. Posteriormente, o dono das galinhas pediu desculpa aos alunos, mas J.T. reconhece que quem devia pedir desculpas eram os alunos, e não ele. Percebe-se duas perspectivas sobre evitar as galinhadas: a primeira é por conta da proximidade maior com uma autoridade da escola, tendo um alcance muito maior e mais próximo das normas do que os outros colegas.

A segunda é pelas perdas e risco: chegaram com só duas galinhas de dez, e não sabiam que dessa vez o Seu Élio iria reclamar. Ambas se baseiam em contornar a fiscalização escolar: participar só se não tiver contato mais próximo com autoridades da

¹⁸⁸ Esse ex-aluno relatou a situação em dois comentários: um de 12/06/2014 às 23:52, na publicação de Ubirajara Mros em 23/10/2013 às 20:20; e outro de 17/09/2012 às 20:01, na própria publicação em 17/09/2012 às 17:34. O primeiro comentário está disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/585855704824242/?comment_id=705795516163593 Acesso em 10/05/2023 às 03:58; e o segundo comentário está disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/370281596381655/?comment_id=370320529711095 Acesso em 30/04/2023 às 23:53.

escola, e realizar a galinhada de forma bem planejada. Nos anos 70, ocorreu o que J.T. denomina como um “*estouro nos roubos de galinha*”: isso levou uma reação mais incisiva da escola, com suspensões de uma semana até uma “quase expulsão” – tendo que realizar tarefas como capinar em volta do campo de futebol da ETA. V.B. relata duas situações de galinhadas sem sucesso: em uma ocasião, os colegas foram roubar coelho, mas um deles acabou levando logo a “matriz” (o coelho reprodutor). Em outra ocasião, foram no Aviário e um colega perguntou ao outro se sabia matar galinha – ele disse que sim, pois era “metido a gaudério”: pegou a galinha pelo pescoço, rasgou e “pichou toda a parede de sangue”.

O terceiro tipo de confraternização eram festas de aniversário do rancho¹⁸⁹. Envolviam praticamente todos os membros – os mais novos, dependendo da data da festa, conseguiam participar ou não¹⁹⁰; mas envolvia, principalmente, os ex-componentes (J.C.). Celebravam não só os “ganhos” sociais e afetivos, mas também era uma forma de mostrar que o legado dos ex-componentes continua vivo, e de eles próprios relembrem os tempos como alunos¹⁹¹. A grande maioria das festas ocorriam no pátio dos ranchos, com mesas e um fogo de chão ou churrasqueira para o churrasco¹⁹², que era a refeição principal dessas festas – por vezes, era um carreteiro de arroz com galinha (E.M.), tal como as bóias. Algumas também ocorriam dentro do rancho¹⁹³, ou mesmo no CTG (J.P.). Havia toda uma preparação: em alguns ranchos, escreviam convites para enviar aos ex-componentes em forma de carta, informando a data da festa¹⁹⁴.

¹⁸⁹ Artigo “**PARABÉMS A VOCÊ**”, escrito por José Carlos da Luz Nunes (“Pyaçava”) – *Anuário Minuanense*, 7ª ed., 1976, p. 8.

¹⁹⁰ Artigo “**GRANDE ALEGRIA**”, escrito por João Alfredo B. Leite (“Pynyko”) – *Anuário Minuanense*, 7ª ed., 1976, p. 5.

¹⁹¹ Artigo “**MINU**”, escrito por Henrique E. Aliprandini (“Kutya”) – *Anuário Minuanense*, 3ª ed., 1972, p. 13.

¹⁹² A foto publicada por Rubem Tailor em 24/03/2013 às 21:32 mostra uma festa do Rancho Quero-Quero. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=259909157479014&set=a.259908957479034> Acesso em 30/04/2023 às 14:51.

¹⁹³ Rubem Tailor publicou uma foto, em 24/03/2012 às 21:32, mostrando uma festa dentro do Rancho Quero-Quero. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=259909200812343&set=a.259908957479034> Acesso em 30/04/2023 às 14:52.

¹⁹⁴ Para exemplificar, uma carta da festa do Rancho Intrevero em 1988, publicada em foto por Marisa Colombo em 23/04/2021 às 20:00. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/184698071570081/posts/4097638350276014/> Acesso em 29/04/2023 às 20:48. Desse modo, as festas dos ranchos (e as “bóias”) podem ser interpretadas como um evento que

Em outros, ia pelo boca-a-boca ou só se definia uma data fixada a ser lembrada¹⁹⁵. E, então, o dia da festa: era um almoço, feito pelos componentes antigos e recentes (J.C.). Também compareciam as famílias dos ex-componentes, assim como amigos destes¹⁹⁶; e, quando possível, familiares dos componentes recentes (M.T.L.). Havia até música, tal como nas “bóias” (J.T.); e, ao fim, um tradicional discurso por algum ex-componente¹⁹⁷. As festas dependiam bastante dos mais antigos, podendo ser uma “decepção” quando poucos deles comparecem¹⁹⁸ – ou até nenhum, como foi a situação do M.M. Deko em 1996, com somente dois componentes atuais (e um saiu do rancho em seguida)¹⁹⁹. A última festa de rancho, quando ainda funcionavam, foi a do Laredo em 13/06/1999 (M.T.L.) – a volta às aulas em agosto, após as férias, começou com os ranchos já fechados.

Essas confraternizações, principalmente as festas de rancho (pelo significado que carregam), possuem paralelos festividades institucionais presentes nas escolas agrícolas: dia da árvore, dia do patrono ou aniversário da escola, datas cívicas como o 7 de setembro e do estado. As festas institucionais, para Conceição (2008, p. 7), serviam para “suavizar” a rotina do internato, inculcar princípios institucionais e promover a integração entre instituição e alunado. Nesse sentido, as festas de rancho podem ser analisadas como uma apropriação criativa desse fenômeno (ou, ao menor, ter paralelos com ele). No caso da ETA, havia as comemorações cívicas, o aniversário da escola, o dia da árvore e a “Festa do Folclore e dos Ranchos”, que envolvia todos os ranchos com cada um preparando um prato de comida relativo às origens étnicas/culturais dos alunos (Soares, 1997, p. 196-198). Essa festa mostrava uma articulação da iniciativa institucional com a dos alunos, até mesmo como uma forma de divulgar a imagem da

começava ainda antes da refeição em si: na compra dos produtos, na chegada dos convidados, as primeiras interações, quando coloca a carne no espeto (Albrecht, 2010, p. 86).

¹⁹⁵ Por vezes, os próprios ex-componentes entravam em contato (J.P.); mas, mesmo nos anos 90, poucos tinham telefone e internet, por isso que ainda se usava carta com mais frequência (M.P., M.T.L.).

¹⁹⁶ Conforme o comentário de Romeu Ilario Noll em 03/10/2013 às 19:36, na publicação de Rubem Tailor em 24/03/2013 às 22:04. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/192412317454638/posts/601270839902115/?comment_id=701305783231953 Acesso em 08/05/2023 às 01:04.

¹⁹⁷ Ao menos no M.M. Rancho Deko, de acordo com o comentário de Isnar Cleusa Bunde em 02/06/2015 às 19:00, na própria publicação em 02/06/2015 às 18:49. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/133258900072649/posts/918015308263667/?comment_id=918017111596820 Acesso em 06/05/2023 às 10:52.

¹⁹⁸ Como nas festas de 1972 e 1973 do Real Rancho Minuano, de acordo com o artigo “RRM” escrito por Henrique Eduardo Aliprandini (“Kutya”) – *Anuário Minuanense*, 4ª ed., 1973, p. 5.

¹⁹⁹ Em publicação de 31/01/2015 às 15:27, Fernando Kaminski relembra essa situação e coloca uma foto do convite dessa festa em comentário na mesma publicação (em 31/01/2015 às 15:54). Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/198178500199070/posts/1039785982704980/> Acesso em 06/05/2023 às 03:00.

escola para as pessoas de fora e os ranchos fazendo parte dessa imagem; mas nem sempre era uma relação amigável. Havia, também, outras formas de confraternização: uma delas era o aniversário de algum componente²⁰⁰; ou, então, os pais do aluno traziam comida para a festa e presentes (J.P.).

As festas, assim como outras refeições, também eram acompanhadas por bebidas (J.C.) – proibidas pela escola. Albrecht (2010, p. 96) observa que, nos churrascos, é comum a abundância de comida e bebida, principalmente as alcoólicas – pois ajudavam o pessoal se “soltar”. Consumiam cachaça e vinho (J.C.), comprados nos bares ao redor da ETA (D.R.), trazidos de casa (M.H.) ou pelos convidados das festas (M.P.). Escondiam os garrafões em diferentes pontos dos ranchos: dentro dos bancos laterais; na mesa de madeira ao centro, que era oca (A.C.); e por trás do rancho²⁰¹. Isso era uma das medidas de precaução tomadas pelos alunos, pois existiam formas de fiscalização dos ranchos pela escola – e, mesmo sendo lembradas de forma humorada por alguns ex-alunos²⁰², há críticas sobre o consumo de bebidas na escola²⁰³. A frequência e abrangência variavam a cada relato: D.R. relata nunca ter presenciado o consumo de ilícitos em seu rancho, o São Jerônimo – segundo ela, os que consumiam, o faziam nos bares ao redor da escola, por respeito ao diretor Professor Paulo.

Esse relato está em consonância com a situação na E.A.F. de São Cristóvão/PE: consumo de bebidas e drogas nos botecos do entorno da escola (Conceição, 2007, p. 9). M.P. conta sobre a peculiar festa do seu rancho (Tamanco Velho) em 1995: o diretor Telmo tinha proibido o consumo de bebida alcoólica nas festas de rancho, mas toleraria se um convidado trouxer e “beber quietinho”. Desse modo, o componente Lambari fez um convite detalhando essa condição, e colocou para os colegas bixos copiarem o convite. No entanto, foram simplificando depois de várias cartas escritas; e em algumas delas, estava escrito “CANHA LIBERADA!”. Uma dessas cartas foi para Ervino Deon,

²⁰⁰ De acordo com J.P. e a publicação de Milton Machado em 07/07/2013 às 14:11. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/173595299372063/posts/542401075824815/> Acesso em 27/04/2023 às 01:22.

²⁰¹ Como no Real Rancho Minuano, de acordo com o comentário de Daniel Ad Lucen em 30/09/2012 às 18:07, na publi. de M.H. em 11/08/2012 às 19:47. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/357244607685354/?comment_id=375262912550190 Acesso em 08/05/2023 às 17:53.

²⁰² Um exemplo disso é a publicação de Fernando Eduardo Trott (em 30/08/2016 às 14:31) e os comentários da mesma, sobre as bebidas no Rancho Ventania. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/1142638039146003/> Acesso em 06/05/2023 às 10:43.

²⁰³ J.P. aponta que alguns colegas chegaram a ter problemas de alcoolismo ainda na escola, e depois de formados.

então diretor do CADOP; e ele enviou um fax para o Telmo criticando a carta. O diretor da ETA realizou uma Assembleia, explicitando a situação e cancelando as próximas festas no restante do ano, mas sem divulgar que a carta era do Rancho Tamanco Velho. M.P. acrescenta que o Telmo era admirado e respeitado por reações como essa.

Foi uma situação bastante peculiar: normalmente, só os alunos toleravam as bebidas por terem uma “mão de tudo” que ocorria; mas aqui, até a direção flexibilizou – seguindo a mesma lógica dos alunos em tolerar sem passar dos limites, mantendo as normas da escola mais ou menos em voga. No *Anuário Minuanense*, há um artigo sobre uma festa do rancho em que o Prof. Monteiro flagrou alunos “com água ‘não-potável’ e sofreram penas – mas isso não abalou a união dos componentes, pois eles cumpriram suas penas e “o coleguismo voltou a reinar”²⁰⁴. A “mão de tudo” nos ranchos, termo usado por A.C. para se referir à capacidade dos alunos em ter controle da situação, nem sempre se tratava de fazer cumprir as normas escolares, mas sim as normas implícitas dos ranchos, relativas à maximização de momentos e relações positivas – sendo que nem todo rancho era rígido com certas situações, como nesse caso do Minuano.

²⁰⁴ Artigo “**U M C O M Ê Ç O P E R T U R B A D O**”, por Valdeu Sartori (“Cafuné”) – *Anuário Minuanense*, 1ª ed., 1970, p. 6.

4. CAPÍTULO III: Categorias étnico-culturais nos ranchos (e além deles)

Até aqui, os ranchos foram abordados enquanto um tipo de espaço físico, uma forma de organização inserida na história da ETA e como espaço cotidiano dos alunos – com hierarquias e ritos de iniciação regulando as dinâmicas entre colegas. No entanto, outro aspecto relacionado aos elementos do espaço físico dos ranchos, assim como a certos momentos no cotidiano, são as identidades dos alunos. Entende-se identidade, aqui, como um conjunto de comportamentos, diferentes formas de se expressar, aspectos físicos e formas de ver a si e aos outros: eram hierarquizantes, além de influenciarem e ser influenciadas por quem se apropriavam delas, de forma individual e coletiva. Pretende-se abordar, aqui, das categorias identitárias presentes nos ranchos da ETA, de cunho étnico. Havia também outros tipos de identidade, como de gênero e classe, e diferentes posicionamentos políticos (assim como eventuais manifestações de alunos); mas, pelo recorte da pesquisa, não serão abordados especificamente.

4.1 Da Serra à Fronteira: Gringos e Pelo-Duro

Os alunos da ETA, desde as primeiras décadas da escola, vinham de diferentes partes do Rio Grande do Sul²⁰⁵, incluindo Viamão e Porto Alegre – sendo mais frequente os do interior do que Porto Alegre (A.C.). Para essa pesquisa, não foi encontrado um documento oficial da escola com estatísticas sobre a identificação étnica dos alunos; mas os relatos de ex-alunos, nas entrevistas e publicações no Facebook, permitem delinear alguns casos. A maioria dos alunos eram brancos e homens, identificados como “gaúcho” ou “gringo” – com diferentes descendências europeias, sendo principalmente as alemã e italiana (mas também polonesa²⁰⁶). Havia alguns alunos negros, outros de origem japonesa²⁰⁷ e árabe²⁰⁸, e nenhum advindo de povos

²⁰⁵ O artigo sobre o Rancho Inferninho, em uma das edições do periódico “O Agro-Técnico” no fim dos anos 70, exemplifica isso ao trazer a lista dos então componentes do rancho e suas cidades de origem – uma foto desse artigo foi publicada por Milton Machado em 04/12/2011 às 12:57. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=276552079058074> Acesso em 28/04/2023 às 12:49.

²⁰⁶ Como observa Ernani A. Weiss em seu comentário de 21/10/2012 às 08:59, na publicação de Jarci Nielsen Santana em 20/10/2012 às 22:50. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/383143615095453/?comment_id=383260865083728 Acesso em 10/05/2023 às 03:48.

²⁰⁷ De membros de rancho, há ao menos dois identificados: Yuso Aso (“Tanaka”), do Rancho Ventania, nos anos 70; e Shigeo Maekawa (“Kapincho”), nascido no Japão e veio ao Brasil com 8 anos de idade, do Real Rancho Minuano. A informação sobre o primeiro está na publicação de Fernando Eduardo Trott em 14/08/2014 às 17:58 – disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/738313249578486/> Acesso em 09/11/2023 às

indígenas²⁰⁹. Havia também aqueles de outros estados, como Paraná²¹⁰ e São Paulo (J.P.); além de outros países, como Uruguai, Portugal, Coreia do Sul e Guatemala (E.M.).

Os alunos que conseguiam manter contato com os familiares e amigos, falavam sobre a escola e alguns vinham estudar nela, mantendo esse ciclo de alunos do interior (G.R., E.M.). Os ranchos não eram só o ponto de acolhida àqueles que vinham do interior e se sentiam sozinhos, mas também um ponto de encontros, trocas e desencontros de identidades – que, mesmo sendo diversas em suas origens, eram englobadas em duas categorias principais: “Gringos” e “Pelo-Duro”. São categorias que ultrapassavam o espaço da ETA, e que tomaram contornos próprios ao se combinar com elementos do universo estudantil. Serão, aqui, primeiro abordados os elementos às quais eram distinguidas; e, em seguida, no que elas dialogavam e tensionavam, assim como as nuances presentes.

4.1.1 Gringos

Também denominados “colonos”, eram, em suma, os alunos de origem alemã e italiana. Era uma categoria mais delimitada do que a de Pelo-Duro, o que se percebe nos relatos que frequentemente descrevem a aparência desses alunos: loiros ou ruivos, e de olho azul²¹¹ – nesse sentido, E.R.S. relata que alguns ranchos de gringo não aceitavam a

18:25; e sobre o segundo, na coluna “**ATUALIDADES: Atividades e Fatos pitorescos**”, escrita por Pedro Antônio Araújo da Silva (“Xawas”) e Sebastião F. Da Rosa (“Rapôsa”) – *Anuário Minuanense*, 1ª ed., 1970, p. 4.

²⁰⁸ Como o Jamil Abdo, do Rancho Estrela do Sul, formado em 1980 – de acordo com os comentários na publicação de Milton Machado em 22/08/2011 às 18:27, e com a pesquisa da palavra “Jamil” no grupo “ETA Rancho Estrela”. Publicação disponível em: <https://www.facebook.com/groups/239452992732707/posts/266756566669016/> Acesso em 27/04/2023 às 11:30; e o link da pesquisa é o seguinte: <https://www.facebook.com/groups/200008433349783/search/?q=jamil> Acesso em 09/11/2023 às 17:39.

²⁰⁹ O que foi possível perceber é o uso do termo “índio” em algumas ocasiões – como para se referir aos membros do Rancho Gaudério, na poesia publicada por Aldemar Osorio em 08/12/2015 às 09:43. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/127174417360103/posts/915131561897714/> Acesso em 29/04/2023 às 15:57 (em arquivo Word).

²¹⁰ Cleber Brasil (“Mussum”), do Rancho Inferninho e formado em 1980, era de Curitiba. A informação do ano de formatura está presente na publicação de Marisa Colombo em 30/08/2018 às 22:59 (disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/1906484289428037/> Acesso em 04/10/2023 às 06:23); e sobre seu rancho, na publicação de Marisa Colombo em 18/10/2018 às 08:43 (disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/1965541350188997/> Acesso em 04/10/2023 às 06:24).

²¹¹ Parafrazeando Fonseca (2016, p. 217-218), eles não se “perdiam na multidão”, pois eram vistos como diferentes e recebiam olhares carregados de estereótipos, por parte dos Pelo-Duro. Só se “perdiam na multidão” quando estavam entre “iguais”, ou naqueles ranchos mais misturados.

presença de pessoas negras; mas J.C. (uma pessoa negra) relembra de quando cantou em alemão junto a um colega durante o rodízio, no Rancho Três de Maio²¹². Alguns ranchos eram considerados tradicionalmente de gringo, como o Tamanco Velho, Planalto e Tropeiro (M.P.) – isso se dava por serem ranchos que, ao longo do tempo, mantinham uma constância e a maioria de componentes sendo gringos. A Zona do Vento em si (dos dois primeiros ranchos citados) era denominada como “gringolândia” (G.R.) – provavelmente por ter a maior quantidade de ranchos “gringos” dentre as três zonas.

Eram alunos advindos de cidades da Serra Gaúcha e próximas a ela, como Panambi, Lagoa Vermelha e Passo Fundo (G.R.) – a Serra, assim como a chamada Quarta Região, é marcada pela colonização de imigrantes alemães e italianos no século XIX. Ambas as imigrações ocorreram principalmente por problemas econômicos e pobreza nas terras de origem, dentre outras razões: a Itália estava instável por conta de sua unificação nacional (Manfio e Pierozan, 2019, p. 148), e a Alemanha estava marcada por perseguições religiosas, feudalismo persistente e famílias numerosas (Spinassé, 2008, p. 3). Em ambos os casos o governo imperial brasileiro financiou e incentivou a imigração com atrativas promessas de vida melhor (às quais nem mesmo seria capaz de cumprir): as primeiras colônias alemãs no sudeste e nordeste do Brasil não tiveram sucesso (ibidem, p. 3), e só tiveram continuidade as colônias no Vale dos Sinos e Serra Gaúcha no Rio Grande do Sul (Kühn, 2004, p. 91). Dali, com a chegada de mais imigrantes alemães na segunda metade do século – devido às instabilidades da unificação alemã, tal como a italiana (ibidem, p. 89-90) –, surgiram novas colônias em direção ao centro e sul do estado. O caso dos italianos foi diferente: a maioria foi para o interior de São Paulo, mas uma considerável minoria foi para o Rio Grande do Sul – sendo, neste último, em áreas estatais “restantes” na Serra Gaúcha (ibidem, p. 96), por ter sido só na segunda metade do século XIX; e no entorno de Santa Maria, formando-se a Quarta Colônia (Manfio e Pierozan, 2019, p. 148).

No entanto, também vinham gringos de cidades em regiões nem sempre associadas à imigração – como Alecrim, na região das Missões (E.M.). Ao menos nos

²¹² É possível fazer paralelos com o artigo de Silva (2012), que analisa a situação de alunos negros em Santa Cruz do Sul, uma cidade marcada pela imigração alemã: as identidades afrodescendentes eram rasuradas, e a miscigenação e diversidade étnica era menos tolerada pelos habitantes nativos da cidade (descendentes de imigrantes) do que aqueles vindos de fora – e mesmo a sensação de diversidade cultural e tolerância mantêm as fronteiras culturais e étnicas naturalizadas, com as pessoas negras constituindo uma “outra Santa Cruz do Sul”.

anos 70, os gringos eram considerados a maioria dos alunos da ETA²¹³: desse modo – e considerando que era mais estritos na escolha de membros, priorizando gringos –, sentiam-se confortáveis para se comunicar em alemão ou italiano entre si. Mesmo quando falavam em português, usavam algumas palavras de uma dessas línguas²¹⁴; e não só se comunicavam, como também ouviam músicas nessas línguas²¹⁵ e até cantavam – como no Rancho Tamanco Velho, conhecido pela “mais autêntica cantoria italiana” nos anos 70²¹⁶. As raízes dessa situação linguística entre os alunos gringos está em como realmente ocorreram as colonizações: formaram-se comunidades isoladas, por vezes só de italianos ou alemães, e em outros casos mista; e, como o contato com as cidades “brasileiras” era eventual, pouco falavam português – a língua dominante era a nativa. Por conta disso, as instituições nessas colônias, como os centros comunitários, igrejas e escolas, foram fundadas pelos próprios imigrantes – com financiamento das Companhias colonizadoras, no caso dos alemães (Santos, 2012, p. 540); e com financiamento particular por meio das Sociedades, com incentivo de autoridades italianas (Luchese, 2015, p. 5-8).

Além disso, frequentavam o CECAT para assistir novelas, junto aos abostados – por conta disso, eram chamados de noveleiros pelos Pelo-Duro²¹⁷. Ronsini (p. 10), ao entrevistar uma família de descendência italiana, atesta o papel das novelas: era uma forma de sociabilização antecipada dos “gringos” que pretendiam migrar do campo para as cidades – por meio das novelas, podiam conhecer e absorver o linguajar e

²¹³ De acordo com o comentário de Ernani A. Weiss em 28/03/2012 às 23:20, na publicação de Marcelo Trintinaia Lehn em 28/03/2012 às 15:25. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/282443828498766/?comment_id=282676168475532 Acesso em 10/05/2023 às 11:56.

²¹⁴ Isso aparece na situação comentada por E.J.B. em 20/09/2011 às 00:47, na publicação de Milton Machado em 19/09/2011 às 18:34. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/177849175624899/?comment_id=177974262279057 Acesso em 01/05/2023 às 20:37.

²¹⁵ Como os alunos que ouviam música italiana em um toca disco, no Rancho Chaparral, de acordo com o comentário de Jorge Lisboa em 12/05/2016 às 16:07 na publicação de Isnar Cleusa Bunde em 09/12/2012 às 23:18. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=138490152968798&set=a.129008687250278&comment_id=621918937959248 Acesso em 06/05/2023 às 10:34.

²¹⁶ É o que Telmo Gomes comenta em 22/05/2019 às 21:05, na publicação de Edegar Da Silva Silva em 22/05/2019 às 15:53. Disponível em: https://www.facebook.com/edegardasilva.silva/posts/pfbid0kL3e2nCvnrk7a8MnF67AFkJxaWuqSoak1aL9D6Bebz1CU8Qp5VW9XePuoxE94Vv9l?comment_id=1644678678998125 Acesso em 04/10/2023 às 06:06.

²¹⁷ A relação entre gringos e as novelas é mencionada por A.C.; e a presença de gringos e abostados no CECAT pelo comentário de Rodrigo Gomes Grassmann em 28/03/2012 às 18:08, na publicação de Marcelo Trintinaia Lehn em 28/03/2012 às 15:25. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/282443828498766/?comment_id=282529515156864 Acesso em 10/05/2023 às 11:56.

comportamentos urbanos (e “brasileiros”); apesar dos eventuais choques culturais provocados. Não só as novelas tinham essa função, como também outros programas televisivos – os noticiários, por exemplo, provocavam discussões. Já que foram mencionados os abostados nesse parágrafo, vale acrescentar que eles também eram, por vezes, referidos dentro das categorias de “gringo” ou “pelo-duro” (G.R.).

Outra característica dos “gringos” é a culinária: eram conhecidos pelo consumo da polenta e vinho²¹⁸, tal como os descendentes de italianos na Serra e Quarta Região. Para os imigrantes italianos, a culinária – sobretudo a uva e o vinho – era uma herança da terra natal e uma forma de manter vínculo com ela, presentes de forma destacada em festas étnicas até hoje, e que se adaptaram aos recursos disponíveis no Rio Grande do Sul (Manfio e Pierozan, 2019, p. 50-51). Também eram conhecidos por esconder ou furtar alimentos (A.C.): agiam em grupo, para “buscar” mantimentos no Refeitório e nas hortas da escola, com alguns colegas fazendo isso e outros distraindo o guarda noturno no rancho²¹⁹. Isso se destoa do estereótipo de gringo “trabalhador” e “ordenado”, que existiu por via dupla: tanto por parte do empreendimento de incentivar a imigração para o Brasil, quanto por parte dos próprios colonos. No primeiro sentido tratava-se, na prática, de um projeto de embranquecimento populacional: em um primeiro momento, no século XIX (enquanto ainda vigorava a escravidão negra), os imigrantes eram direcionados às terras devolutas do sul como trabalhadores livres, para garantir a soberania brasileira nelas (Spinassé, 2008, p. 3). Após o fim da escravidão, os governos da Primeira República continuaram incentivando a vinda de imigrantes europeus por serem considerados mais “trabalhadores” e “ordeiros” do que os negros (Seyferth, 1999, p. 201).

Do mesmo modo os colonos se viam, tanto italianos como alemães, em relação aos “brasileiros” no geral (não só os negros); mas, por ficarem em comunidades isoladas, mantinham fortes vínculos afetivos com a terra natal, enquanto se consideravam brasileiros (mesmo tendo pouco contato com brasileiros) – escapava,

²¹⁸ Os gringos, de acordo com D.R., eram conhecidos também como “polenteiros”; e o vinho é mencionado em relação ao Rancho Tamanco Velho no comentário de Fernando Garcez em 14/12/2021 às 07:54, na publicação de Marisa Colombo em 12/12/2021 às 08:15. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/4671885659554539/?comment_id=4678072465602525 Acesso em 06/11/2023 às 03:09.

²¹⁹ Situação contada no comentário de Jaime Garcia de Oliveira em 22/09/2011 às 08:40, na publicação de Mário Moretto em 13/02/2011 às 10:33. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/111156438960840/?comment_id=178915572184926 Acesso em 10/05/2023 às 23:47.

assim, da expectativa do governo brasileiro por maior assimilação (Seyferth, 1999, p. 204). As condições às quais chegaram no Brasil a maioria dos imigrantes europeus também reforçou esse *ethos* do trabalho: depararam-se não com o que era propagado pelo governo, e sim terras isoladas com mata virgem, tendo que construir povoados do zero em grupos, fortalecendo a ideia de união²²⁰. Essas perspectivas ainda se fazem presentes em diferentes âmbitos: no cotidiano das cidades com maioria de descendentes europeus²²¹, na política e inclusive na historiografia regional. Esse estereótipo também se fazia presente na ETA, mas de dois modos: o primeiro era a fama de rancho organizado e sempre limpo; e o segundo era os chamados “trotos de mãe”. Tratava-se de um outro termo para os trotos leves, focando só nos serviços como fazer café e capinar (A.C.) – mas não só davam preferência a isso, como também eram contrários a trotos pesados e até protegiam colegas que sofriam com isso. Os gringos que praticavam esse tipo de trote, pelo que os relatos indicam, eram denominados “mãe” ou “mãezinha”²²². Por fim, a preferência por esse tipo de trote – e, talvez, os furtos de comida – trazem outro aspecto dos gringos: eram aqueles que cursavam Técnico em Agricultura (M.P.).

Isso tem muito a ver com o termo “colono”, marcado por dois sentidos: como origem étnica, ligado à descendência italiana ou alemã; e como categoria de trabalho, o “trabalhador da terra” – os dois sentidos se entrelaçam quando se analisa a forma de produção: era em caráter familiar, com condutas produtivas e sociais orientadas por lógicas internas e externas. Esses sentidos eram negociados na relação com o Outro, tanto ao reivindicar um dos sentidos como em ser atribuído a um – não à toa, nos relatos que usam o termo “colono”, em contraposição se refere aos “pelo-duro” como “vira-bosta” (A.C.), termo relacionado à lida da Pecuária (como será visto adiante). A relação da categoria “gringo” com a Agricultura também se refletia em algumas pinturas nos ranchos – como no Intrevero, retratando uma colheitadeira na lavoura²²³; e no Tamanco Velho, com o desenho de um trator e uma colheitadeira em uma placa de ex-

²²⁰ Nem todos os imigrantes vinham da pobreza: alguns eram pequenos burgueses, e tiveram condições de estabelecerem comércio e posteriormente indústria – mas usavam (e ainda se usa) do mesmo discurso de “esforço” para se legitimarem (Kühn, 2004, p. 92).

²²¹ Como em Santa Cruz do Sul: uma boa parte dos descendentes de alemães cultivam as imagens de valorização do trabalho, noções de limpeza e capricho, os imigrantes alemães como pioneiros e a preocupação com a língua e cultura – para não desaparecer (Silva, 2012).

²²² De acordo com a publicação de Lorenzo Bandini em 11/05/2014 às 07:02. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/688870044522807/> Acesso em 06/05/2023 às 00:21.

²²³ Essa pintura aparece na foto publicada por Valdemar P Da Luz em 29/04/2013 às 13:30. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/474449522631528/> Acesso em 08/05/2023 às 04:17.

componentes (M.P.). Para além disso, diferentemente dos ranchos de Pelo-Duro, não havia outras expressões materiais “gringos”, mesmo nas vestimentas – o que será analisado mais adiante.

4.1.2 Pelo-Duro: Cultura Gaúcha na ETA

Também denominados como “Gaudérios” (A.C., V.B.), “da Fronteira” (M.H.), “quiu-quiu-quiu” (M.P.) e “Vira-Bostas” (A.C.) – eram, em suma, aqueles alunos que não eram gringos. Geralmente era atribuído mais aos alunos que cultuavam elementos e costumes considerados “gaúchos”; no entanto, optou-se pela definição anterior por conta das variadas definições que essas diferentes denominações já indicam. Eram aqueles alunos advindos de qualquer canto do estado, mas principalmente da região de fronteira com o Uruguai (E.R.S.). As denominações “viamonenses” e “litorâneos”, presentes em um comentário de **, indicam que os alunos advindos de Viamão e do litoral do Rio Grande do Sul (principalmente Osório e Mostardas) provavelmente entravam nessa categoria, por serem “não-gringos” – não necessariamente traziam elementos considerados “gaúchos”, mas sentiam tanto quanto o choque cultural com os gringos. Dentre os ranchos tradicionalmente de Pelo-Duro, estão o Solar dos Inocentes, o Gaudério, o Laredo e o Sinuelo. O Fronteira foi fundado por alunos advindos da fronteira com o Uruguai²²⁴, e o Querência por Porto-Alegrenses e colegas de outras origens²²⁵. Situações diversas que, em contraposição à figura do gringo e explorando alguns elementos em comum, eram conciliadas em uma figura mítica de “gaúcho”.

“Gaúcho” esse que, por conta disso, passou a ser confundido com todos os que nascem no Rio Grande do Sul. É a figura de um gaúcho mítico, valente e heróico, de um passado distante sendo revivido em um presente – presente esse, marcado pelo avanço de um modelo social urbano e industrial, e a queda do modelo rural. Esse gaúcho era precisamente rural, que se fazia persistir no meio urbano, por causa de uma elite rural decadente que não queria ser engolida por essa transição econômica – enquanto nascia uma elite industrial e composta por imigrantes italianos e alemães (Zalla, 2010). Esse

²²⁴ Há mais detalhes sobre isso na publicação de Milton Machado em 19/07/2011 às 11:31. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/187860067903279/posts/239498062739479/> Acesso em 28/04/2023 às 13:25.

²²⁵ De acordo com o comentário de Amilcar Moura em 25/02/2016 às 20:30, na publicação de Edegar Da Silva em 25/02/2016 às 20:05. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/1015581325185009/?comment_id=1015588281850980 Acesso em 12/05/2023 às 11:10.

presente o foi, hoje é passado: trata-se da primeira metade do século XX, marcado pelo surgimento de entidades focadas em preservar e difundir uma ideia de gaúcho. O tipo de entidade que mais se difundiu no Rio Grande do Sul (e com o tempo, pelo Brasil afora) são os Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), unificados sob a figura do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) a partir de 1966 – mas começaram 18 anos antes, com o 35 CTG, curiosamente fundado por estudantes tal como os ranchos da ETA: estavam trazendo vestimentas do interior, e a bandeira da República de Piratini, a uma Porto Alegre cada vez mais influenciada pelas culturas americana e carioca através das mídias (Zalla, 2010).

Figuras como Barbosa Lessa e Paixão Côrtes foram os responsáveis em criar uma forma própria de gauchismo, baseado naquele gaúcho da literatura do século XIX, nos intercâmbios com os Argentinos e Uruguaios, e na escolha de determinados elementos que seriam padrões: o tradicionalismo (ZALLA, 2010). Seria o parâmetro para quem vive nas cidades (e no interior cada vez mais influenciado pelas cidades), sempre cultivar aquele gaúcho dos Pampas e do passado a qual parece tão distante no espaço-tempo, naqueles tempos de centralismo brasileiro na política, economia e cultura – em que o Rio Grande do Sul, o guardião da fronteira sul do Brasil, já não se sentia mais tão importante. Difundiu-se pelo Rio Grande do Sul o mesmo modelo de espaço do 35 CTG, e a doutrina tradicionalista foi se aperfeiçoando entre debates e a criação de inventários musicais, coreográficos²²⁶ e indumentários – assim como uma estruturação hierárquica em cada CTG e a nível de MTG. No entanto, nunca foram totalmente unânimes as perspectivas dentro do movimento: fazia-se presente, nos intensos debates dos anos 80 e 90, o chamado “Nativismo”, principalmente no campo da música gaúcha (Oliven, 1999).

O surgimento dos CTGs quase tem um paralelo com a criação de mais ranchos na ETA, nos anos 50; contudo, por mais que as bases culturais sejam semelhantes, o desenrolar das iniciativas foram diferentes. Por estarem inseridos em um contexto estudantil, a preocupação com a autenticidade gaúcha (tal como era no Tradicionalismo) não era generalizada entre os ranchos – os fundados nos anos 50 traziam nomes relativos à “cultura gaúcha”, como Gaudério, Minuano e Intrevero; mas nomes como

²²⁶ No “Dia da Tradição” em Montevidéu (Uruguai), em 1949, Paixão Côrtes e Barbosa Lessa (dois dos fundadores do 35 CTG) perceberam o quão pouco havia de dança catalogada no RS – e assim, usaram a criatividade em ocasião da Terceira Semana Nacional de Folclore em Porto Alegre, em 1950 (Zalla, 2010, p. 155)

Castelo do Frankstein e Inferninho, dentre os ranchos fundados nos anos 60, indicam outras influências culturais além do gauchismo – apesar de nomes como Farroupilha, Centauro e Sinuelo fazerem referência a isso, na mesma época. Nos anos 70 e 80, nomes como Sepé Tiarajú, Guarani, Querência, Laredo e Tropeiro novamente traziam mais referências à cultura gaúcha.

Essa explicação sobre os nomes de ranchos foi feita para perceber como se misturavam os universos “gaúcho” e estudantil nos ranchos, reforçando valores gauchescos ou relações entre os colegas fundadores – e, sobretudo, diz muito sobre os fundadores e as ideias de seus tempos: no Minuano existiam pinturas “psicodélicas” (V.B.); e no Inferninho, por outro lado, havia componentes pilchados²²⁷. Era uma forma, já nos anos 70, de interpretação própria de elementos gauchescos (como o próprio rancho, enquanto espaço físico) e criação de novos elementos, formando tradições próprias a cada rancho – atreladas à cultura gaúcha para mais ou para menos. Nisso, se assemelhavam ao “movimento nativista”, dos anos 1970: não dogmático e nem linkado a critérios prévios, conhecendo que além do RS há os outros estados do Brasil e o mundo – querendo experimentar, inventar, criar sem ninguém dizendo se é certo ou não; ainda assim, é derivado e não antítese do Tradicionalismo, pois o foco é o mesmo (Oliven, 1999). E, por falar em pilchas, não era uma constante: não aparece muito nas fotos de componentes dos ranchos²²⁸. No entanto, hábitos alimentares como o chimarrão e churrasco, geralmente associados com o gaúcho, eram onipresentes nos ranchos (M.T.L.)

Tal como os gringos, a categoria de Pelo-Duro como sinônimo de gaúcho se fazia presente nas declamações de poesias e nas músicas: havia alunos gaiteiros, outros que tocavam violão, e aqueles que cantavam – nos seus ranchos e em outros. Como exemplo, há o cantor e gaiteiro Élio Xavier (“Porca Véia”, Rancho Amizade – J.T.) e o

²²⁷ Como se percebe na foto publicada por Marisa Colombo em 22/04/2018 às 20:15. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/1731373076939160/> Acesso em 07/11/2023 às 19:16.

²²⁸ Para exemplificar isso, duas fotos: uma é dos componentes do Rancho Sinuelo em 1982, e outra do Rancho Laredo em 1998. A primeira foto foi publicada pelo perfil “Veteranos da ETA” em 06/06/2023 às 17:27 – disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/6307531229323299/> Acesso em 10/11/2023 às 09:17; e a segunda foto foi publicada por Edervaldo Marin E Daia em 06/05/2013 às 20:26 – disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/479029158840231/> Acesso em 10/11/2023 às 06:46.

gaiteiro J.T. (Rancho Gaudério); além de se ouvir música gaúcha nos rádios²²⁹. M.H. comenta que as músicas cantadas nos ranchos eram mais “puras” e “terrunhas”, por não ter estrutura, ser em tertúlias improvisadas e anterior ao boom de músicas nativistas nos anos 80, 90 e 2000. Refletia-se o mesmo debate externo sobre a pureza gaúcha: o Rancho Gaudério, por seus membros, era considerado diferente dos demais por nele ter “*gente da mais gaúcha estirpe*”²³⁰; enquanto em outros ranchos, não se percebe tanto essa ênfase – é o caso do Real Rancho Minuano, conhecido pelas pinturas de variados temas²³¹.

Sobre o curso, organização dos ranchos e tipo de trote, é praticamente o inverso dos Gringos: eram os que cursavam Pecuária (V.B.). Referências à pecuária também se faziam presentes dentro dos ranchos, com pinturas retratando um laçador (Três de Maio)²³² – ou ferraduras na parede (Sinuelo), por exemplo²³³. No Farroupilha, para além do nome, havia retratos de “cenas gaúchas”, pelo chargista argentino Molina Campos (Soares, 1997, p. 173). Além disso, participavam dos rodeios da escola (J.T.) e outras atividades relacionadas com a lida da pecuária, como o trabalho com couros – o professor Monteiro era quem ensinava isso (J.T.). O ambiente era mais “a la cria” (A.C.), bagunçado – por mais que, em outro relato, “*até nos Ranchos de pelo duro eram feitas as arrumações necessários*”²³⁴. Por fim, ranchos como o Gaudério, Ventania, Solar dos Inocentes e Laredo eram conhecidos pelos trotes pesados (A.C.), com colegas até evitando de passar por algum desses ranchos no rodízio (M.P., A.C.).

²²⁹ V.B. é quem traz essa informação, mas com uma curiosidade: quem ouvia esse tipo de música nos ranchos nem sempre estava pilchado, e sim por vezes até com roupa de “magrinho”, “malandro” – enquanto em outros ranchos, os membros estavam pilchados ouvindo rock.

²³⁰ Trecho do comentário de Aldemar Osorio em 13/11/2015 às 14:05, na publicação de Milton Machado em 25/11/2012 às 17:04. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=442344195812194&set=a.648026731910605&comment_id=962608740452401 Acesso em 06/05/2023 às 13:48.

²³¹ Uma “psicodelia gaudéria”, como V.B. denomina; e no artigo “*H E R A N Ç A*”, escrito por Sebastião F. da Rosa (“Rapôsa”) para a segunda edição do Anuário Minuanense (1971, p. 6-7), as pinturas são tratadas como uma tradição do Real Rancho Minuano – que impressiona desde os visitantes até os calouros.

²³² Uma foto dessa pintura foi publicada por Edegar Da Silva Silva em 01/05/2016 às 22:11. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/197003033658573/posts/1418402234851974/> Acesso em 04/05/2023 às 14:47.

²³³ Aparecem em uma foto do Rancho Sinuelo por dentro, com seis alunos (três deles do Rancho Laredo), com as ferraduras no triângulo de madeira acima da parede da lareira. É uma das fotos presentes no mosaico de fotos publicado pelo perfil “Veteranos da ETA” em 18/08/2021 às 21:11 – disponível em: www.facebook.com/veteranosdaeta/photos/pb.100064778078261.-2207520000/323136859592453/ Acesso em 10/11/2023 às 06:41.

²³⁴ Relato da publicação de Ricardo Smidt em 21/11/2011 às 14:01. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/204847196258430/> Acesso em 06/05/2023 às 01:20. A descrição de Saint-Hilaire, sobre a casa de Dom Gregório em Colônia do Sacramento, vai nesse sentido: era mais arrumada e limpa do que as da Campanha (Chies e Silva, 2022, p. 274).

A categoria Pelo-Duro não só estava atrelada aos ranchos, como também ao CTG Vaqueanos da Cultura: fundado em 1957 pelos alunos do Instituto Pinheiro Machado, ganhou uma sede no Mestria Agrícola Canadá no mesmo ano²³⁵ e depois foi transferido para a ETA em 1967²³⁶. Estava em conformidade com as regras do MTG, com patronagem, eleições (M.T.L.), invernada, contatos com outros CTGs (D.R.) e palestras tradicionalistas²³⁷; mas era, ao mesmo tempo, submetido ao Departamento Cultural do CECAT²³⁸. No entanto, os relatos indicam que, ao longo das décadas, o CTG não era muito frequentado: chegou a passar por duas “reativações”, por parte de alunos Pelo-Duro – a primeira foi nos anos 70, com J.T. e Porca Véia (J.T.); e a segunda nos anos 90, por membros do São Jerônimo, Solar dos Inocentes e outros ranchos (D.R.). Com o fechamento dos ranchos em 1999, o CTG ganhou mais atenção²³⁹ e continuou a ser usado ao longo dos anos 2000²⁴⁰; mas em 2011, estava com as portas trancadas²⁴¹. Voltou a ser usado em reuniões de ex-alunos, nos anos 2010²⁴², e até foi ampliado em

²³⁵ Tal como relata por comentário Amadeus Cruz em 18/02/2015 às 00:11, na publicação de JOSè Paulo Ries Guimarães em 15/01/2015 às 19:12. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/817588784984265/?comment_id=834474776628999 Acesso em 11/05/2023 às 03:09.

²³⁶ De acordo com o comentário de Martim Saraiva Barboza em 02/10/2013 às 14:01, na publicação de José Paulo Ries Guimaraes em 02/10/2013 às 11:55. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/574148072661672/?comment_id=574226449320501 Acesso em 11/05/2023 às 11:24.

²³⁷ Como o Primeiro Congresso Tradicionalista do Rio Grande do Sul, realizado por volta de 1959, com a “presença de figuras importantes do Movimento Tradicionalista e estudiosos do nosso folclore”, de acordo ao comentário de Lael Scalco em 02/10/2013 às 16:58, na publicação de José Paulo Ries Guimaraes em 02/10/2013 às 11:55. Publicação disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/574148072661672/> Acesso em 11/05/2023 às 11:24.

²³⁸ De acordo com o comentário de Carlos Portz em 04/03/2018 às 16:43, na publicação de Sergiopaulo Paulo em 08/06/2016 às 04:12. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/1082437935166014/> Acesso em 09/05/2023 às 01:16.

²³⁹ É o que Juliano Barbosa ressalta em seu comentário de 09/06/2016 às 20:16, na publicação de Sergiopaulo Paulo em 08/06/2016 às 04:12. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/1082437935166014/?comment_id=1083397101736764 Acesso em 09/05/2023 às 01:16.

²⁴⁰ Sendo que até o telhado foi trocado em 2005 ou 2006, pela então patroa Verônica Bueno – de acordo com o comentário de Josi F Nunes em 06/03/2017 às 22:40, na publicação de Jane Gonçalves em 06/03/2017 às 13:10. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/1321011487975323/?comment_id=1321345854608553 Acesso em 10/05/2023 às 00:16.

²⁴¹ É o que Ricardo Smith relata em sua publicação de 21/11/2011 às 14:01. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/204847196258430/> Acesso em 06/05/2023 às 01:20.

²⁴² Como na 1ª Tertúlia Eteana, de acordo com a publicação de Hélio Prestes em 08/12/2014 às 22:49. Disponível em: <https://www.facebook.com/cleusa.bunde/posts/404402553044222> Acesso em 08/05/2023 às 23:44.

2019²⁴³ – mas o uso pelos alunos seguia restrito, à princípio²⁴⁴. Em 2023, formou-se uma internada de alunos, com ajuda de ex-alunos e professores²⁴⁵.

4.1.3 Nuances, Diálogos e Atritos

As diferentes formas de cultivar elementos gaúchos entre os Pelo-Duro, e a presença de tais elementos entre os gringos, indicam que essas categorias não eram tão estritas – mas o elemento gaúcho era o predominante. Sendo assim, qual a imagem de rancho era propagada na ETA e além dela? Na capa da edição de Junho/1967 do periódico *O Agro-Técnico*, do CECAT, tinha uma foto do Rancho Gaudério e o título “ETA – UMA ESCOLA PARA GAÚCHOS EM RANCHOS E CAMPO ABERTO”²⁴⁶. Em um artigo sobre o Rancho São Jerônimo na edição de Abril/1972, ressaltava-se que ele mantinha “o modelo do tradicional rancho gaúcho”: a lareira servindo para fazer o churrasco, que “também é do gaúcho tradição”; e esquentar a água para o chimarrão – que é “um dos símbolos do gaúcho”²⁴⁷. Os ranchos da ETA, em geral, eram um espaço “gauchesco” – mas com nuances geradas pelo elemento “gringo” e pela inserção no universo estudantil.

Nem todos os denominados gringos se consideravam como tal. Tendo em vista isso, alguns ranchos de gringo realizaram o Campeonato da Polenta: serviu para ironizar a categoria gringo, vista por eles como uma tradição antiga – M.P. e a maioria dos membros do Tamanco Velho, seu rancho, até frequentavam CTGs de Viamão. Já

²⁴³ É o que mostra a publicação de Fátima Weber em 24/05/2019 às 09:29. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/2292728040803658/> Acesso em 10/11/2023 às 11:12. Em 2020, a derrubada de árvores antigas no entorno do CTG para sua ampliação (e a ampliação em si), gerou amplo debate e polêmica no grupo da ETA do Facebook – como pode ser visto nos comentários da publicação de João Luiz De Nardin em 11/07/2021 às 14:50. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/4196968253712951/> Acesso em 08/05/2023 às 18:25.

²⁴⁴ É o que indica a publicação de A.C. em 30/08/2020 às 19:11, e os comentários na mesma. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/3313617055381413/> Acesso em 09/05/2023 às 00:27.

²⁴⁵ De acordo com a publicação de Fátima Weber em 23/10/2023 às 11:56. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/6797255967017487/> Acesso em 10/11/2023 às 11:23.

²⁴⁶ Essa capa foi publicada em forma de foto na publicação de Ernesto Enio Budke Krug em 21/04/2020 às 14:54. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/127174417360103/posts/2804662569611261/> Acesso em 29/04/2023 às 17:51.

²⁴⁷ Esse artigo consta na foto publicada por Paulo Daniel Roza da Luz em 29/09/2017 às 00:21. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=373323586434904> Acesso em 03/05/2023 às 23:58.

tiveram alguns componentes “gringos” os Ranchos Gaudério (J.T.) e Sinuelo²⁴⁸, por exemplo; e alguns membros de rancho pelo-duro frequentavam o CTG só em ocasiões de eventos. M.T.L., que cursou Agricultura – e, desse modo, considerado gringo –, “rompeu” com a prioridade do Laredo em ter membros só da Pecuária. Mesmo o Ventania (J.C.) e M.M. Deko²⁴⁹, conhecidos pelos trotes pesados, já tiveram componentes gringos nos anos 70. Em meio a isso, ocorriam intercâmbios culturais: alguns gringos entravam na ETA falando “muito mal” português, mas se formavam falando “muito bem” por conta da interação com os colegas (J.C.).

Paralelamente, os outros colegas também aprendiam palavras em alemão (D.R.), ou até aprendiam italiano nos anos 70 para conseguir se enturmar²⁵⁰. Alguns ex-alunos relatam que levavam mais em conta a amizade e o caráter da pessoa (J.T., E.M.); e Luciano GD comenta que na hora dos estudos todos se ajudavam²⁵¹. Essas situações indicavam a importância dos afetos em detrimento das categorias; e por estas não se limitarem à origem étnica: alguns alunos ditos gringos por cursarem Agricultura não possuíam ascendência alemã ou italiana. Desse modo, havia também os ranchos considerados “híbridos”, como o Uirapuru (V.B.) e o Guarani (A.C.). Vale retomar que não só os gringos tinham essas nuances, como também os pelo-duro: Telmo Gomes, que foi do Rancho Gaudério e posteriormente diretor da ETA, não gostava de usar boina, mas consumia bastante chimarrão (J.T.); por outro lado, Jorge Andrade, um dos fundadores do Bonanza, não gostava de chimarrão (E.M.). Em alguns ranchos, ouviam não só músicas gaúchas, como também de MPB (D.R.), sertanejo (E.M.) e até rock (V.B.); e tal como a língua italiana nos anos 70, os alunos de Porto Alegre se pilchavam para enturmar com os colegas “gaudérios” – o que V.B. denomina “cosplay de gaúcho”.

²⁴⁸ De acordo com o comentário de Ary Kurz em 26/11/2021 às 23:17, em resposta ao comentário de Eduardo Menezes Barreto em 26/11/2021 às 21:46, na publicação de Leandro Brauveres da Costa em 26/11/2021 às 21:17. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/4621663761243396/?comment_id=4621718674571238&reply_comment_id=4621906741219098 Acesso em 08/05/2023 às 01:46.

²⁴⁹ A situação comentada por Jorge Lisboa em 12/05/2016 às 16:07 na publicação de Isnar Cleusa Bunde em 09/12/2012 às 23:18, indica a presença de membros gringos nesse rancho considerado Pelo-Duro (J.P.). Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=138490152968798&set=a.129008687250278&comment_id=621918937959248 Acesso em 06/05/2023 às 10:34.

²⁵⁰ Ernani A. Weiss relata isso no seu comentário em 28/03/2012 às 23:20, na publicação de M.T.L. em 28/03/2012 às 15:25. Comentário disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/282443828498766/?comment_id=283128531763629 Acesso em 10/05/2023 às 11:56.

²⁵¹ Em seu comentário de 21/06/2011 às 14:57, na publicação de Milton Machado em 28/06/2023 às 21:23. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/138085222934628/?comment_id=138718942871256 Acesso em 01/05/2023 às 10:39.

Mas a relação entre gringos e pelo-duros era marcada por uma rivalidade: os gringos do Quero-Quero não se envolviam muito com o pessoal do M.M. Deko, por causa dos trotes pesados deste último (J.P.); e o pessoal do Ventania atirava pedras no telhado do Tamanco Velho (M.P.). Essa rivalidade ia além dos ranchos: A.C., um “gringo” da Agricultura, era criticado pelos pelo-duros por gostar de ir ao rodeio. M.P., em certa ocasião, se sentiu incomodado com as brincadeiras “meio bobas” de um professor que outrora foi membro de rancho pelo-duro, e discutiu com ele. Até mesmo em um jogo de futebol entre o Minuano e Tamanco Velho, um jogador do primeiro “se exaltou e classificou o adversário como ‘gringolândia’”²⁵². Mas duas situações geraram maior rebuliço: nos anos 80, formou-se uma chapa de gringos para a eleição da patronagem do CTG – essa chapa venceu por um voto, resultando em uma “pauleira” na festa posterior à eleição²⁵³. Em 1996, no Concurso de Poesia, o segundo colocado dedicou o resultado a todos os gaudérios da ETA – e M.P., primeiro colocado, dedicou a toda “gringaiada”, causando um “fuzuê” no auditório.

²⁵² Coluna “**ESPORTE NO RANCHO**”, escrita por Ademir Luiz Capelaro (“Salame”) – *Anuário Minuanense*, 5ª ed., 1974, p. 4.

²⁵³ Essa situação é contada nos comentários da publicação de Leandro Bardou Gomes em 09/03/2013 às 12:04; e nos da publicação de Gelso Job em 01/04/2013 às 21:36. Primeira publicação disponível em: <https://www.facebook.com/groups/187589041298694/posts/500256413365287/> Acesso em 27/04/2023 às 17:09; e a segunda disponível em: <https://www.facebook.com/groups/109144802495337/posts/460667827343031/> Acesso em 02/05/2023 às 01:31.

5 CONCLUSÕES

Ranchos: tão similares àqueles dos pampas, e ao mesmo tempo tão distintos. À sombra de uma árvore surgem, mas dos pampas aos viajantes e da ETA aos estudantes. Os primeiros, de simples estruturas; e os segundos, repletos de belas pinturas. Nos pampas em campo aberto, na ETA por plátano é coberto. Os de lá em cômodo fechado, os daqui com janela a todo lado. De barro e capim nos pampas feitos, e na ETA até taquara se fez proveito. Nos pampas um fogo de chão, na ETA lareiras e nos lados um vão.

Ranchos: tão ligados à história da ETA, e ao mesmo tempo tão distantes. De lugares a ETA tanto mudou, e o São Jerônimo nela se fincou. No Posto Zootécnico era fogão, e como ETA um rancho lá no fundão. No meio século surgem mais, Bagé e Cachoeira ficam para trás. Surgiram até no Canadá, mas só até se “formá”. Nos anos 60 se multiplicam, de nomes se diversificam, na Zona da Mata se organizam. Década seguinte cheia de aluno, muitos sem rancho ficam, e o CTG se faz oportuno. Nos oitentas dois ranchos novos, os alunos desafiam os poderosos. Fim de século conturbado, intervenção por aluno malcriado, um momento delicado, dos ranchos fechamento decretado, pela natureza derrubado – a que ponto o rancho foi levado?

Ranchos: tão iguais os tratamentos, e ao mesmo tempo tão desiguais. Ao chegar ganha apelido, teu nome desde então tem sido, e a quem é de fora vira desconhecido. Por mais de mês aos ranchos sai a conhecer, trotes vem a sofrer, para o teste enfim vencer. Dentre os trotes uns são fáceis, enquanto alguns são temeráveis – nem sempre atitudes louváveis. A trabalhar está aprendendo, o quão bem ao rancho está fazendo; e aos componentes acaba conhecendo. De bixo é chamado, de veterano com um ano passado, de mestre quando está quase formado. Nem todo mundo era aceito, e eram tratados com desrespeito: dos trotes reclamavam com direito, mas alguns os acolhiam sem preconceito.

Ranchos: tão separados aparentam ser, e ao mesmo tempo tão unidos. Conversas sobre tudo um pouco, e lendas para ficar louco. Afetos e desafetos, relacionamentos concretos e colegas inquietos. Lanches e bóias, festas e suas tramoias... Galinhadas e bebidas, e os xerifes de olho nas idas e vindas.

Ranchos: tão parecidos são os alunos, e ao mesmo tempo tão diversos. Da Serra à Fronteira, os Pelo-Duro abriam a porteira e os Gringos com vinho da parreira. Entre

gaita e violão, cantando em italiano ou alemão – pintura de trator no rancho arrumado, crânios de boi e ferraduras no rancho bagunçado.

Ranchos: tão perto do dormitório, tão longe dos pampas.

Ao longo das entrevistas, foram abordados tópicos que iam além dos ranchos, tendo relação com estes ou não – e alguns destes, por motivos de tempo hábil e espaço, não foram abordados na pesquisa; a mesma situação sobre as postagens no Facebook. Mesmo assim, vale mencionar algumas que podem se tornar, futuramente, temas de artigos científicos: os campeonatos de futebol, com sua organização e times atrelados aos ranchos; uma abordagem mais a fundo sobre a situação das mulheres e pessoas negras nos ranchos (e na ETA em geral); sobre as visitas de ex-componentes nos ranchos ao longo do ano, assim como de excursões escolares; sobre o CECAT em si, sua história e organização; sobre o periódico *Anuário Minuanense* em específico, comparando com periódicos escolares de outras escolas; e as outras décadas de história dos ranchos, como os anos 60 (repleto de relatos, mas só não foi incluído por conta dos limites de tamanho da pesquisa) e os anos 2000 – que ainda teve tentativas de uso dos ranchos. Dentre os relatos obtidos, fez falta mais informações sobre os anos 80 (o que fez a pesquisa focar mais nos anos 70 e 90); e alguns temas não foram possíveis de abordar: seja por envolverem boatos, ou por exigirem um debate teórico que ultrapassaria o tema da pesquisa (como sobre as drogas, por exemplo).

6 REFERÊNCIAS

- ALBRECHT, Christian Freire. Além da Carne Assada Sobre Brasas: os elementos da experiência de consumo do churrasco. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Administração, 2010.
- BRUM, Ceres Karam. O Gauchismo e as Escolas: a diversidade cultural em questão. Porto Alegre: Educação & Realidade, v. 38, n. 2, abr./jun. 2013.
- CALLAGE, Roque. Vocabulário Gaúcho. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1926.
- CHIES, Luiz Antônio Bogo; SILVA, Diego Leite da. ARQUITETURA ENTRANHA NO PAMPA: Perspectivas pré-conceituais. Píxo, n. 21, v. 6, outono de 2022. p. 262-283.
- CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. A Pedagogia de Internar: uma abordagem das práticas culturais do internato da Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão-SE (1934-1967). São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação da UFS, 2007.
- DE-MARÍA, Alcides; MORATORIO, Grosmán (redatores). El Fogón – Periodico Criollo. Montevideo: Sociedad Criolla, ano 1, n. 1, 07 de Setembro de 1895.
- FANFANI, Emilio Tenti. Culturas juveniles y cultura escolar. Revista Colombiana de Educación, n. 40-41, 2000.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. Prefácio. In: ZALLA, Jocelito. Simões Lopes Neto e a fabricação do Rio Grande gaúcho. Literatura e memória histórica no sul do Brasil. 2. ed.; E-book. / Jocelito Zalla. – São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: ANPUH-RS, 2022, p. 9-11.
- FONSECA, Claudia Lee Williams. IV Encontro: qual a visão dos outros sobre a cultura gaúcha e os modos de ser dos gaúchos?. NósOutros gaúchos: as identidades dos gaúchos em debate interdisciplinar. 2016. p. 213-219.
- ISSA, Silvia Aparecida Caixeta. A ESCOLA AGRÍCOLA DE URUTAÍ (1953-1963): singularidades da cultura escolar agrícola. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Departamento de Educação, 2014.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. Revista brasileira de história da educação, v. 1, n. 1, p. 9-43, 2001.
- KÜHN, Fábio. Breve História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Leitura XXI, 2ª ed., 2004.

MANFIO, Vanessa; PIEROZAN, Vinício Luís. Território, cultura e identidade dos colonizadores italianos no Rio Grande do Sul: uma análise da Serra Gaúcha e da Quarta Colônia. São Paulo: Geosp – Espaço e Tempo (Online), v. 23, n. 1, abr. 2019. p. 144-162.

PUPP SPINASSÉ, Karen. Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo. Porto Alegre: Conexão Letras, v. 3, n. 3, 2008.

LUCHESE, Terciane Ângela. O processo escolar entre imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. Caxias do Sul: Educs, 2015.

OLIVEN, Ruben George. Two sides of the same coin: modern gaúcho identity in Brazil. *Journal of Latin American Anthropology*, v. 4, n. 2, 1999.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RADA, Teresa Susinos; LÓPEZ, Noella Ceballos. Voz del alumnado y presencia participativa en la vida escolar. Apuntes para una cartografía de la voz del alumnado en la mejora educativa. *Revista de Educación*, 359, setembro-dezembro 2012.

RIOS, Fábio Daniel. “Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo”. In: *Revista Intratextos*, 2013, vol 5, no1, p. 1-22. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102>

RONSINI, Veneza Mayora. Gringos de Pilcha: o que eles aprendem na tevê?

SALVADOR, Denilce. Vida acadêmica dos alunos do curso técnico em agropecuária integrado ao ensino médio no sistema de internato: percepções e desafios. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós Graduação em Educação Agrícola, 2011.

SANTOS, Ademir Valdir dos. Educação e colonização no Brasil: as escolas étnicas alemãs. *Cadernos de Pesquisa*, v. 42, n. 146, maio/ago. 2012.

SEFFNER, Fernando. Cultura escolar e questões em gênero e sexualidade. Brasília: *Revista Retratos da Escola*, v. 14, n. 28, jan./abr. 2020. p. 75-90.

SEYFERTH, Giralda. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 199-228.

SILVA, Mozart Linhares da. Educação e etnicidade na região de Santa Cruz do Sul - RS. *Revista Eletrônica de Educação*. São Carlos, SP: UFSCar, v. 6, no. 2, p. 340-354, nov. 2012.

SOARES, Mozart Pereira. ETA – Escola Técnica de Agricultura João Simplício Alves de Carvalho: contribuições para sua história. Porto Alegre: age editora, 1997.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Humor e irreverência nos impressos estudantis de Escolas Normais Rurais (RS, 1945-1983). Porto Alegre: Hist. Educ. (Online), v. 17, n. 40, Maio/ago. 2013.

ZALLA, Jocelito. O CENTAURO E A PENA: Luiz Carlos Barbosa Lessa (1929-2002) e a invenção das tradições gaúchas. Mestrado (Dissertação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, 2010.

ZALLA, Jocelito. Simões Lopes Neto e a fabricação do Rio Grande gaúcho. Literatura e memória histórica no sul do Brasil. 2. ed.; E-book. / Jocelito Zalla. – São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: ANPUH-RS, 2022.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Reflexões sobre o colono italiano na região central do Rio Grande do Sul: breves problematizações antropológicas. Revista Sociais e Humanas, v. 22, 2009.

ZIBAS, Dagmar M. L.. INTERNATO: Uma das Faces Ocultas do Ensino Agrícola de 2.º Grau. São Paulo: Cad. Pesq., 62, Agosto 1987.

7 ANEXOS

7.1 Anexo I – Termo de Responsabilidade (sob orientação da Prof.^a Sarah)

ANEXO 1: TCLE – PARTICIPANTE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARTICIPANTE

PESQUISA: *“Casas de Cultura” – Interações sociais nos antigos ranchos da Escola Estadual Técnica de Agricultura Leonel de Moura Brizola (Viamão/RS), anos 70 a 90.*

COORDENAÇÃO: Sarah Calvi Amaral Silva (Departamento de Ensino e Currículo, Faculdade de Educação, UFRGS)

Prezado(a) Sr(a)

Estamos desenvolvendo uma pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) por Igor Viana Schulz (Licenciatura em História), coordenado pela professora Sarah Calvi Amaral Silva. Você está sendo convidado(a) a participar deste estudo. A seguir, esclarecemos e descrevemos as condições e objetivos do estudo:

NATUREZA DA PESQUISA: Esta é uma pesquisa que tem como finalidade investigar as interações sociais nos antigos “ranchos” da Escola Estadual Técnica de Agricultura (EETA) Leonel de Moura Brizola (em Viamão, Rio Grande do Sul, Brasil) entre os anos 70 a 90, focando nas interações derivadas dos momentos de confraternização (“cafês de chaleira”, as “bóias”, aniversários de rancho, roda de chimarrão...) e as diferentes bagagens culturais que os alunos (de todo o Rio Grande do Sul e outros estados) traziam. Este projeto foi aprovado pela Comissão de Pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PARTICIPANTES DA PESQUISA: Participarão desta pesquisa em torno de 18 pessoas, oriundas e situadas em diferentes cidades, estados e países (algumas em Viamão e Porto Alegre e outras do interior do Rio Grande do Sul, principalmente). As entrevistas serão realizadas de forma presencial ou remota (videoconferência, ligação), dependendo da preferência do(a) entrevistado(a) e das questões de distância geográfica/locomoção limitada – a modalidade presencial será mais viável em Viamão e arredores.

ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar deste estudo você será entrevistado a partir de um questionário, da qual será melhor descrito no próximo tópico. A entrevista será gravada e depois transcrita – o documento com a transcrição deverá ser assinado pelo(a) entrevistado(a), para ser adequadamente utilizado na pesquisa. É previsto em torno de 1 hora de entrevista, podendo ser mais tempo ou menos – dependendo do quanto a conversa pode se estender; a entrevista poderá também ser feita por sessões, em diferentes horários e/ou dias. Você tem a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de desistir de participar em qualquer momento que decida. Sempre que você queira mais informações sobre este estudo podem entrar em contato com a Prof.^a Sarah Calvi Amaral Silva pelo e-mail amaral.sarah3@gmail.com.

SOBRE O QUESTIONÁRIO/ENTREVISTA: Serão solicitadas algumas informações básicas, como o nome, cidades natal e atual, período em que cursou na EETA, o apelido que usava e o(s) rancho(s) que frequentava. Após isso, serão enunciadas 7 perguntas sobre as vivências do(a) entrevistado(a) no seu respectivo rancho, a convivência com os demais e sobre os momentos de confraternização (já exemplificados mais acima). Após isso, a pessoa será convidada a mostrar

algum material (físico ou digital) relativo às interações sociais nos ranchos – pode ser durante ou mesmo depois da entrevista. O entrevistador poderá trazer materiais, para contribuir na conversa.

RISCOS: Os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na pesquisa, conforme a Resolução 466/2012 e a Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde. O possível risco é: desconforto ao lembrar de situação ruim. Tais riscos serão resolvidos com encaminhamentos que garantam cuidados e respeito de acordo com a manifestação do respondente.

CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Trataremos todas as informações sem que haja identificação de particularidades de cada entrevistado. Os resultados obtidos na pesquisa serão utilizados para alcançar os objetivos do trabalho expostos acima, incluindo a possível publicação na literatura científica especializada.

BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto; entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de todos os ex-alunos da EETA, para a história da EETA como instituição, para os estudos em História da Educação, História de Viamão, História do Rio Grande do Sul e para os debates metodológicos relacionados à História Oral.

PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

Desde já, agradecemos a atenção e a participação. Caso queiram contatar a equipe, isso poderá ser feito pelo email: XXXXX e ao Comitê de Ética em Pesquisa UFRGS (51) 3308 3738.etica@propeq.ufrgs.br Av. Paulo Gama, 110, Sala 311 Prédio Anexo I da Reitoria - Campus Centro Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, entendi os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto e concordo em participar.

Local e data: _____

(Assinatura do participante)

Eu, _____, membro da equipe do projeto “Casas de Cultura”: Interações sociais nos ranchos da Escola Técnica de Agricultura”, obtive de forma apropriada e voluntária o consentimento Livre e Esclarecido do sujeito da pesquisa ou representante legal para a participação na pesquisa.

(Assinatura do membro da equipe que apresentar o TCLE ou o pesquisador responsável)

7.2 Anexo II – Roteiro de Perguntas

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ENSINO E CURRÍCULO/DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
TCC – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – 2022/2
Prof.^a Orientadora: Sarah Calvi Amaral Silva

**“Casas de Cultura”: Interações sociais nos antigos ranchos da
Escola Estadual Técnica de Agricultura Leonel de Moura
Brizola, Viamão/RS (anos 70 a 90)**

Questionário para as entrevistas com antigos membros dos ranchos

Igor Viana Schulz – 00301364
Licenciatura em História/Diurno
Viamão/Porto Alegre
Novembro de 2022 – Abril de 2023

O seguinte formulário está constituído de tópicos e perguntas, formuladas com base nas informações obtidas em publicações e comentários nas redes sociais (grupo da ETA e de cada rancho no Facebook) e nas entrevistas realizadas para projeto no Estágio Curricular Patrimonial de quem vos escreve, no semestre passado (2022/1 – Maio a Outubro). Será aplicado com consentimento dos entrevistados, mediante Termo de Responsabilidade oferecido e formulado pela própria UFRGS; e distribuído aos mesmos de forma impressa, digital ou enunciadas oralmente, dependendo do formato da entrevista. O formulário está dividido em duas partes: Informações Básicas, em forma de tópicos; e Informações Aprofundadas, em forma de perguntas (explicadas cada). Eis as partes abaixo:

• **Informações Básicas:**

1. Nome do entrevistado;
2. Cidade natal;
3. Cidade atual;
4. Período na ETA;
5. Apelido (escolhido pela pessoa ou que ganhou - e o motivo do apelido, caso queira comentar qual seu apelido);
6. Rancho (e se frequentou algum outro);

• **Informações Aprofundadas:**

1. Como foi a tua vivência particular no rancho? (o que mais fazia/gostava de fazer no rancho - por exemplo, estudar, fazer pinturas, ler, cantar, fazer churrasco)
2. Como era o convívio com os demais colegas/companheiros de rancho? (se era um convívio bom, mediano ou ruim; qual a opinião que tinha sobre eles - sem precisar citar nomes, necessariamente; quantos haviam no rancho - alguns tinham 6, outros 12; se o convívio no rancho era frequente ou mais de vez em quando)
3. No caso de tu teres visitado de vez em quando ou frequentado bastante algum outro rancho, como era a relação com o pessoal deste? O pessoal do teu rancho tinha mais afinidade com outro? (ou se o teu rancho costumava ser visitado por pessoas de outros ranchos, e como era essa relação)
4. Como eram os momentos vivenciados no teu rancho? (Como, por exemplo: os almoços e jantas, os aniversários de rancho... E também costumes como a prosa, poesias, as cantorias)

nas noites e fins de semana, café de chaleira, galinhada, polentas, canções em italiano...); Sobre o que vocês conversavam nesses momentos?

5. Quais os objetos/utensílios que haviam no teu rancho? (Rádio, livros de estudo com uso coletivo, livros de literatura no geral, rádio, instrumentos musicais, armário... e como se organizavam para o uso); No teu rancho eram produzidos materiais como um jornal próprio, pinturas, nomes no tijolo, convites para as festas/confraternizações, cartas de lembrança em datas comemorativas como páscoa, ou um diário?
6. Lembras de alguma curiosidade e/ou situação (engraçada, triste, tensa...) no teu rancho (ou em outro, na tua trajetória na ETA) que tenhas te marcado? Teu rancho recebia visitas de familiares teus e dos demais nas confraternizações, e de outras pessoas externas à ETA?
7. O quanto a vivência em rancho(s) impactou/agregou na tua formação como pessoa e como profissional? (se agregou muito, pouco, tudo, nada...) Ainda tens contato com outros membros do teu rancho atualmente (e com de outros ranchos, que estudaram no mesmo período teu)?

Dependendo do desenrolar da conversa e da vivência em específico da pessoa, podem ser feitas perguntas adicionais (como, por exemplo, o motivo sobre determinado ato, a razão de ter construído ou colocado tal objeto, sobre as confraternizações de aniversário dos ranchos nos últimos anos, etc.).